

A Biblioteca
de Samuel
Schwarz,
espelho de uma vida

A Biblioteca
de Samuel
Schwarz,
espelho de uma vida

Catálogo da Exposição

Lisboa, Assembleia da República
18 de abril a 22 de maio de 2018

coordenação
Amélia Aguiar Andrade
Francisco Caramelo



Lisboa
2018

Projeto

BIBLIOTECA

SAMUEL SCHWARZ

Preservação · Valorização · Estudo



Coordenação científica:
Francisco Caramelo

Equipa:

Amélia Aguiar Andrade, Lúcia Liba Mucznik, Cátia Carvalho,
Marcel L. Paiva do Monte, Maria Filomena Melo,
Thiago Mota Cunha, Saul Martínez Bermejo

Colaboração:

João Schwarz da Silva, Hugh Denman, Ricardo Basílio, Ricardo Naito

Instituições participantes:

Assembleia da República; NOVA FCSH; Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB)



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA



O Projecto *A Biblioteca de Samuel Schwarz: Preservação, Valorização e Estudo* foi financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian no quadro do programa “Recuperação, tratamento e organização de acervos documentais”, 2015 (P.º 138485).



Exposição

Comissariado científico:
Amélia Aguiar Andrade
Francisco Caramelo

Conceção, organização e produção:
Equipa do Projecto “Biblioteca Samuel Schwarz :
Preservação, Valorização, Estudo”.

Secretariado executivo:
Cátia Carvalho

Textos e legendas:
Maria Filomena Melo
Marcel L. Paiva do Monte

Cedência de peças:
Família de Samuel Schwarz
Museu Judaico de Lisboa
DGLAB
Biblioteca Mário Sottomayor Cardia,
NOVA FCSH

Colaboração:
Lúcia Liba Mucznik
Mariana Alves Pereira

Catálogo

*A Biblioteca de Samuel Schwarz,
espelho de uma vida: catálogo da exposição*

Coordenação:
Amélia Aguiar Andrade
Francisco Caramelo

Autores dos textos:
Amélia Aguiar Andrade
Claude Stuczynski
Esther Mucznik
Francisco Caramelo
Hugh Denman
João Schwarz da Silva
Livia Parnes
Maria Filomena Melo
Marcel L. Paiva do Monte

Legendas:
Lúcia Liba Mucznik
Maria Filomena Melo
Marcel L. Paiva do Monte

Design e paginação:
Marcel L. Paiva do Monte

Edição:
NOVA FCSH
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

ISBN:
978-972-9347-20-7

Depósito legal:
439439/18

Tiragem:
500 exemplares

© NOVA FCSH

© Autores

Este conteúdo está protegido pelo Código de Direitos de Autor e Direitos Conexos, não podendo ser utilizado, reproduzido ou divulgado sem o consentimento expresso dos autores e editores (projetoschwarz@fcs.unl.pt).

Í N D I C E

Apresentação <i>Amélia Aguiar Andrade, Francisco Caramelo</i>	11
História e percurso da biblioteca de Samuel Schwarz <i>Maria Filomena Melo</i>	15
A biblioteca de Samuel Schwarz : uma breve descrição <i>Marcel L. Paiva do Monte</i>	19
O meu avô Samuel <i>João Schwarz da Silva</i>	25
Samuel Schwarz, cidadão do mundo, português por opção <i>Esther Mucznik</i>	29
La «voie sinieuse» du découvreur des marranes portugais <i>Livia Parnes</i>	33
Samuel Schwarz (1880-1953) from Ashkenaz to Sepharad: vicissitudes of a literary and scholarly life <i>Hugh Denman</i>	41
Las percepciones arqueológicas, históricas y etnográficas de Samuel Schwarz <i>Claude Stuczynski</i>	49
Núcleo 1: <i>Samuel Schwarz: percurso de vida.</i>	
I. <i>Nascer polaco, morrer português</i>	59
II. <i>Imagens e retratos: a família, o país, o trabalho e a obra</i>	62
III. <i>Objectos da vida de Samuel Schwarz</i>	66
Núcleo 2: <i>A Biblioteca.</i>	
I. <i>Bíblia e Textos Sagrados</i>	71
II. <i>Os Judeus e a sua História</i>	75

III. <i>Judaísmo, tradições e identidade</i>	77
IV. <i>Língua Hebraica</i>	81
V. <i>Literatura Judaica</i>	83
VI. <i>Sionismo</i>	85
VII. <i>Orientalismo e a Terra Santa</i>	86
VIII. <i>Rolos (megillot)</i>	87
Núcleo 3: <i>A Obra</i>	90
<i>Bibliografia</i>	97



Samuel Schwarz, ca.1907-1911.

Coleção da Família Schwarz.

Apresentação

Amélia Aguiar Andrade

NOVA FCSH

Francisco Caramelo

NOVA FCSH

Há pouco mais de trinta anos, em 1986, deu-se o auspicioso encontro entre a biblioteca de Samuel Schwarz e a NOVA FCSH. A vontade, a iniciativa e a determinação de António Augusto Tavares, professor catedrático de História Antiga da NOVA FCSH, e nessa época Diretor do Instituto de História Antiga e Judaica, permitiram resgatar o precioso acervo bibliográfico, que se encontrava, sem a devida atenção, no Arquivo do Ministério das Finanças. A biblioteca de Samuel Schwarz encontrou na NOVA FCSH, sua fiel depositária, lugar de acolhimento, mas seria preciso esperar por 2015, para que fossem reunidas as condições para ter a atenção merecida.

Após a entrada do acervo de Samuel Schwarz na Biblioteca Mário Sottomayor Cardia (BMSC), da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH), tornou-se evidente que a sua especificidade e qualidade exigiam um tratamento não só mais especializado, mas também a necessidade de se encontrar formas de divulgar junto de especialistas e de público em geral um espólio único em Portugal.

O programa da Fundação Calouste Gulbenkian, destinado a apoiar a recuperação, a preservação e a organização de acervos documentais, surgiu, perante a Direção da NOVA FCSH e da BMSC, como uma excelente oportunidade para garantir as condições para um estudo mais aprofundado do acervo, bem como a criação de instrumentos de divulgação em acesso aberto, de modo a garantir uma ampla divulgação. Apresentada a candidatura no concurso de 2015, esta foi aprovada permitindo criar uma pequena equipa de trabalho que incluía bolseiros de investigação, técnicos da BMSC e uma especialista em livros hebraicos, a Dra. Lúcia Liba Mucznik.

A estratégia de trabalho seguida contemplou duas linhas diversas mas complementares que assentaram, por um lado, no tratamento técnico do espólio e, por outro, no desenvolvimento de investigação sobre a biblioteca de Samuel Schwarz. Pretendia-se assim não apenas tornar a biblioteca acessível ao público, inserindo-a no catálogo geral da BMSC, mas também recolher informação que permitisse uma mais profunda compreensão do contexto da sua formação, do protagonismo de Samuel Schwarz na sua constituição e ainda esclarecer o processo que se desenrolou entre o falecimento do seu proprietário e a sua integração na BMSC.

Desde a formulação inicial deste projeto, tornou-se claro para toda a equipa que este espólio, pelo seu carácter único e altamente especializado, merecia uma divulgação cuidada e diversificada que permitisse

retirar de um certo esquecimento este acervo e que pudesse ainda ajudar a tornar mais evidente o papel que Samuel Schwarz teve na cultura portuguesa e, sobretudo, nos estudos judaicos. Entendeu-se portanto que seria importante criar um portal sobre a vida, obra e biblioteca de Samuel Schwarz que tornasse acessível não apenas uma seleção de obras em formato digital mas também informação nova sobre o fundo e o seu colecionador.

Assim, depois dos tratamentos preliminares habituais – desinfestação, fotografia, atribuição de cota –, o espólio foi alvo de um processo de catalogação e indexação, no qual se incluíram, graças ao labor da Dra. Lúcia Liba Mucznik, as obras escritas em hebraico e em iídiche. Obtida uma visão de conjunto sobre o acervo, foi possível compreender melhor as suas linhas de força e proceder à seleção do conjunto de obras a digitalizar e a disponibilizar em acesso aberto, bem como à recolha de informação sobre as obras mais relevantes.

A investigação sobre o percurso desta biblioteca decorreu em vários arquivos, nomeadamente na Torre do Tombo e no Arquivo do Ministério das Finanças, e permitiu esclarecer, de forma definitiva, alguns pontos mais obscuros relativos aos longos anos que mediaram entre a venda ao Estado português em 1953 e a sua entrada na tutela da BMSC. Para a reconstituição do percurso de vida de Samuel Schwarz foi preciosa a ajuda de seu neto, Dr. João Schwarz da Silva, que forneceu muitas pistas de investigação e esclareceu aspetos menos conhecidos da história de vida de seu avô.

O trabalho desenvolvido tornava evidente que se passava a dispor de conhecimento novo e inédito sobre a biblioteca e a figura de Samuel Schwarz que urgia divulgar.

Assim, para além do portal já disponibilizado (bibliotecasamuelschwarz.fcsh.unl.pt), concebeu-se esta exposição e pretendeu-se tornar perene, através da produção de um catálogo que contivesse um pequeno conjunto de textos sobre Samuel Schwarz, a sua vida, obra e biblioteca e os contextos culturais em que se inseria, bem como informação sobre os conteúdos que integram os distintos núcleos da exposição.

A exposição *A Biblioteca de Samuel Schwarz, espelho de uma vida* foi concebida a partir da percepção de que a biblioteca e Samuel Schwarz estão profundamente interligados. A biblioteca espelha o seu percurso de vida, as suas crenças e preocupações intelectuais, mas também alimentou a sua curiosidade pelo saber, a sua abertura intelectual, o seu posicionamento perante a vida e perante o conhecimento. A generosidade da Assembleia da República permitiu que esta exposição decorresse num local especialmente simbólico.

A exposição organiza-se em três grandes núcleos focando respetivamente a vida, a biblioteca e a obra intelectual de Samuel Schwarz.

O primeiro núcleo, *Samuel Schwarz: percurso de vida* é constituído por 3 subnúcleos – *Nascer polaco, morrer português; Imagens e retratos: a família, o país, o trabalho e a obra; Objectos da vida de Samuel Schwarz* – só foi possível graças à generosidade da Família Schwarz, que disponibilizou para esta mostra todo um conjunto de objetos pessoais e um notável acervo de fotografias, em grande parte da autoria do próprio Samuel Schwarz, um apaixonado pela imagem, como atestam ainda as suas máquinas fotográficas e de filmar, que ilustram as diferentes fases da sua vida, a sua vida profissional, as suas relações com a comunidade judaica de Lisboa, a sua forte ligação à família e também a sua enorme curiosidade por tudo quanto o rodeava.

O segundo núcleo, denominado *A Biblioteca de Samuel Schwarz*, expõe uma seleção de livros do acervo, pretendendo-se através de uma organização temática evidenciar as principais linhas de interesse do seu colecionador, mas também a elevada qualidade deste espólio que conserva obras raras e valiosas. Revelando uma grande coerência, o fundo privilegia as temáticas judaicas mas apresenta também uma assinalável coleção de

textos bíblicos, entre os quais se destaca o *Saltério poliglota de Génova*, de 1516. Este núcleo completa-se com a exibição de alguns rolos – *megillot* – do Livro de Ester e da Torah.

O último núcleo – *Samuel Schwarz: a obra* – pretende divulgar os resultados do labor intelectual de Samuel Schwarz e do extraordinário trabalho que realizou, de recuperação e estudo dos Marranos portugueses. Aqui se apresentam os artigos que publicou, as diversas edições em distintos idiomas da sua obra de referência, *Os Cristãos Novos em Portugal no Século XX*. É também possível exibir alguns originais manuscritos e/ou dactilografados e anotados pelo autor de obras que publicou.

Neste momento apresentam-se aqui, nesta exposição, neste catálogo e também no portal, os resultados de um projeto de investigação que se pretende partilhar com a comunidade científica e com todos os que se interessam pela cultura judaica e portuguesa. Esperemos pois que, a partir de agora, o legado de Samuel Schwarz, acumulado ao longo de uma vida, frutifique em novos trabalhos e novas interpretações.

A Exposição *A Biblioteca de Samuel Schwarz, espelho de uma vida* e o seu Catálogo só foram possíveis devido a uma notável conjugação de esforços de instituições e pessoas, às quais queremos publicamente agradecer:

– à Fundação Calouste Gulbenkian, que através do seu programa de *Recuperação, Tratamento e Organização de Acervos Documentais* financiou o projeto *A Biblioteca de Samuel Schwarz, Preservação, Valorização, Estudo* que permitiu desenvolver um conjunto de atividades que agora chegam aos especialistas e demais público;

– à Assembleia da República, que generosamente acolheu esta exposição e a publicação do seu catálogo, proporcionando-lhe assim um cenário e um enquadramento de especial significado;

– à DGLAB / Torre do Tombo, na pessoa do seu Diretor-Geral, Dr. Silvestre Lacerda, parceira desde o primeiro momento deste projeto, mas cujo apoio ultrapassou o que inicialmente estava previsto;

– à Família de Samuel Schwarz, na pessoa de seu neto, Dr. João Schwarz da Silva, não só pelo empréstimo de numerosas peças e fotografias, mas sobretudo pela partilha de memórias e factos que, de outra forma, nunca lograríamos conhecer;

– à Dr^a Esther Mucznik, coordenadora da Comissão Instaladora do Museu Judaico, pela cedência de peças para esta exposição;

– aos Autores dos textos deste Catálogo os quais, apesar da dos seus múltiplos afazeres e por vezes com prazos apertados aceitaram o desafio de escrever sobre Samuel Schwarz, a sua obra e a sua biblioteca.

A todos, muito obrigado!

História e percurso da biblioteca de Samuel Schwarz

Maria Filomena Melo

IEM – *Instituto de Estudos Medievais*, NOVA FCSH

A biblioteca de Samuel Schwarz é constituída, além dos trabalhos de sua autoria, pelos livros que foi colecionando e que constituem conjuntos com alguma coerência, reveladores dos principais tópicos de interesse intelectual deste bibliófilo.

Como se formou a biblioteca de Samuel Schwarz é algo que não se sabe ao certo e provavelmente nunca se saberá. Na ausência de registos, tudo o que é possível conhecer a este respeito resulta de um questionamento dos próprios objectos, os livros, que aqui ou ali transportam consigo algumas pistas acerca da sua vida e itinerância. Um ex-libris, uma dedicatória, ou as próprias referências editoriais, são os principais indícios que podem apontar algumas direções.

A primeira inferência a fazer é que a biblioteca tem múltiplas origens e terá crescido paulatinamente, ao longo de três décadas, ou um pouco mais. É plausível que a proveniência das obras e o percurso da biblioteca sejam concomitantes com o próprio percurso pessoal de Samuel Schwarz.

Não se conhecem comprovativos de aquisição, mas pensa-se que terá sido deste modo que Samuel Schwarz obteve a maior parte dos seus livros, tendo em consideração precisamente a origem de boa parte deles. Avaliando o espólio existente, percebe-se que muitas dessas aquisições foram feitas em Portugal. Mas é relevante sublinhar que, desde muito jovem, Samuel Schwarz viajou muitíssimo, com propósitos de estudo, de trabalho ou de recreio, o que lhe proporcionou oportunidades de conhecer e se interessar por livros que terá acabado por obter para constituir e enriquecer a sua colecção. Em cidades como Madrid, Viena e, sobretudo, Paris, terá encontrado livros que lhe cativaram a atenção e que veio a adquirir.

As ofertas parecem ser uma pequena parte do conjunto, tendo como único atestado de origem as dedicatórias, apostas nomeadamente em obras de autores seus amigos, ou determinados ex-libris, que fornecem uma informação dúbia, pois podem indicar quer uma oferta, quer uma aquisição em segunda mão. Do pai, Isucher Schwarz, grande bibliófilo, Samuel recebeu o gosto pelos livros e pelo saber. Presentemente, existem três livros na coleção que comprovadamente vieram da biblioteca do pai. Estes exemplares que ficaram na posse de Samuel Schwarz serão talvez os únicos que se salvaram do que foi aquela grande biblioteca, que se tornara famosa na Polónia de então e acabou destruída, em circunstâncias trágicas, aquando da invasão do país, em 1939.

Segundo o depoimento da família de Samuel Schwarz, embora o seu sonho fosse levar a biblioteca para Israel, concretamente para Haifa, não cumpriu este desiderato, por vicissitudes várias e, em 1947, considerou a possibilidade de a vender, na totalidade ou em parte. É nesta ocasião que a biblioteca, enquanto tal, surge pela

primeira vez na documentação, concretamente no processo 4-F-182 Biblioteca de Samuel Schwarz - Coleção Hebraica, que se conserva no Arquivo do Ministério das Finanças (PT-ACMF-DGFP-MOVMB-402), em parte replicado em documentos que se encontram também no Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT, AHMF, Proc. 1434). Isto porque, perante o interesse manifestado por compradores estrangeiros, como o Instituto Arias Montano de Estudios Hebraicos y de Oriente Próximo, de Madrid, com quem o proprietário entabulara negociações, a Comissão Organizadora do Museu Luso-Hebraico de Tomar assumiu a iniciativa de propor a aquisição desta biblioteca pelo Estado português, dando-se início ao processo que efectivamente conduziu à compra, algum tempo depois.



Carimbo de Isucher Schwarz.

Neste quadro, foram pensadas duas modalidades alternativas para uma possível aquisição. Uma, compreendendo a totalidade da biblioteca, incluiria obras de temáticas diversas que formavam pequenas “coleções”, como Literatura, Inquirição, História de Portugal, Descobrimientos portugueses, Olisipografia ou Coleção Pombalina. A outra hipótese apontava para uma compra parcial, isto é, para a aquisição daquilo que a

documentação designa como “núcleo hebraico”, constituído por bíblias, obras hebraicas e de história e cultura dos judeus e do judaísmo. Esta última veio a ser a opção eleita, uma vez que depois foi considerada redundante a compra da totalidade do fundo bibliográfico, pelo facto de grande parte dos títulos existirem em diversas bibliotecas portuguesas, enquanto o conjunto de livros que compunha este “núcleo hebraico” era singular e coerente.

Porém, a transação não se concretizou de imediato, sendo esta parcela da biblioteca, dita “núcleo hebraico”, vendida ao Estado português somente após a morte de Samuel Schwarz, ou seja, em 1953, e entregue a 9 de Setembro desse ano no arquivo do Ministério das Finanças, onde ficou em depósito. Nesta ocasião, como os herdeiros de Samuel Schwarz se encontravam ausentes do país, a tarefa de levar o espólio ao Ministério foi cometida a alguns amigos da família que cumpriram a missão, mas o transporte dos livros não foi realizado nas melhores condições, nem com o acondicionamento devido. Por este motivo, algumas peripécias ocorreram em torno desta entrega, de tal modo que foi preciso recorrer ao serviço de perdidos e achados da esquadra local, para garantir a recuperação de livros que, à chegada ao Ministério, caíram da carrinha em que haviam sido transportados. Posteriormente, a família fez ainda entrega de alguns rolos e pergaminhos que não chegaram na primeira leva. A verificação documental dos factos, pela consulta do processo já referido, permitiu não só compreender o historial da aquisição desta biblioteca pelo Estado português, como também revelar, de forma objectiva e inequívoca, episódios como estes, relativos a várias etapas que decorreram desde 1947, altura em que foi desencadeada a iniciativa de vender a biblioteca, até ao presente, afastando definitivamente especulações anteriormente veiculadas que deturpam e adulteram pontos fundamentais desta história.

O conjunto então recebido no Arquivo do Ministério das Finanças já não correspondia exactamente ao que existia em 1947-48, sendo fundamentada a hipótese de o proprietário ter feito algumas doações e aquisições e também vendas, durante este hiato, posto que não efectivara o compromisso com o Estado português naquela altura.

Uma vez adquirida a colecção, como a ideia da compra tinha tido origem na Comissão Organizadora do Museu Luso-Hebraico de Tomar, pensou-se de imediato em transferir a biblioteca para aquele local, no mesmo ano de 1953. Com esse propósito, foram feitas consultas a fim de apurar as condições existentes para ali albergar o espólio, verificando-se que o Museu não estava concluído e o lugar não oferecia garantias. Deste modo, a biblioteca permaneceu onde fora depositada, ou seja, à guarda do Arquivo do Ministério das Finanças e aí ficou conservada, até 1986.



Uma pequena *Torah*, em 5 volumes, da biblioteca de Samuel Schwarz (ver *infra*, cat. nº 30).

Durante este largo período, sabe-se apenas que, em 1981, sendo João Duarte de Carvalho director do referido Arquivo, foi aventada a hipótese de microfilmagem da biblioteca por parte do Instituto de Microfilme Hebraico de Jerusalém, algo que não terá sido concretizado, pois não existem registos de qualquer microfilme da biblioteca de Samuel Schwarz neste Instituto.

Mais tarde, em 1986, por iniciativa do Professor Doutor António Augusto Tavares, foi oficialmente requerida e superiormente autorizada a transferência da biblioteca para o Instituto de História Antiga e Judaica, então existente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, assumindo posteriormente a designação de Instituto Oriental. Esta transferência formalizou-se a 18 de Novembro daquele ano, cumpridas as formalidades legais. O mesmo Professor, depositário do espólio, na qualidade de Director do Instituto, chamou a atenção para a existência desta colecção bibliográfica, através de artigos científicos que publicou sobre ela e sobre os seus exemplares mais relevantes (por exemplo, Tavares, 1992).

Presentemente, todo o conjunto adquirido em 1953 mantém-se integralmente conservado, tendo pas-

sado a ser tutelado pela Biblioteca Mário Sottomayor Cardia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH).

Foi esta biblioteca que, aproveitando a oportunidade oferecida pelo programa da Fundação Calouste Gulbenkian para Recuperação, Tratamento e Organização de Acervos Documentais, iniciou os trabalhos através dos quais se espera que todo o potencial científico e cultural da colecção de Samuel Schwarz seja valorizado e conhecido.

Neste âmbito, em Outubro de 2015, tendo sido aprovado o projeto apresentado pela NOVA FCSH à Fundação Calouste Gulbenkian, dirigido pelo Professor Doutor Francisco Caramelo e pela Professora Doutora Amélia Aguiar Andrade, este fundo bibliográfico foi objecto de tratamento documental aprofundado. Além dos procedimentos técnicos exigidos para a sua preservação, realizados com o apoio da Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB), e a sua inventariação e catalogação exaustivas, não foi descurada também uma vertente de investigação acerca da própria figura de Samuel Schwarz e do percurso da sua biblioteca.

Desta faceta do projecto resulta a exposição biobibliográfica sobre Samuel Schwarz, apoiada e acolhida pela Assembleia da República, e que é perenizada no presente catálogo. Encerrando o projecto de recuperação e divulgação deste acervo, o catálogo deve ser considerado não como o fim de um processo, mas como um ponto de partida para estudos de diversa índole, cujo potencial é já visível.

A biblioteca de Samuel Schwarz: uma breve descrição

Marcel L. Paiva do Monte

Divisão de Bibliotecas e Documentação, NOVA FCSH

O fundo bibliográfico exposto constitui uma parte representativa da biblioteca que Samuel Schwarz reuniu ao longo da sua vida. Tal como o seu carácter de homem prático das Ciências convertido às Letras, a sua biblioteca possui características que a tornam única em Portugal. A sua peculiaridade, contudo, não advém do seu tamanho ou do número de obras que a compõem, mas sim da raridade de muitas delas e, principalmente, da coerência e especificidade do seu âmbito temático. O objetivo das seguintes páginas é apenas o de construir uma descrição genérica deste espólio, pontuada por exemplos que representem as partes do seu todo, depositário de um valioso potencial de conhecimento e estudo.

Repartição preliminar e amplitude cronológica.

Ao longo do seu processo de tratamento, foram produzidos 636 registos bibliográficos de títulos, que correspondem a 889 entradas de inventário (aos quais se antepôs a cota BSZ). Quando globalmente considerado, torna-se evidente, através de uma análise superficial, que o acervo se distribui em três partes principais, definidas com uma vertente cronológica e um critério linguístico. Uma primeira secção compreende monografias antigas, impressas entre os sécs. XVI e XVIII (174 registos): séc. XVI: 24 registos (1510-1599); séc. XVII: 40 registos (1610-1698); séc. XVIII: 110 registos (1701-1799).

Uma segunda secção, a mais numerosa de todas, corresponde a edições modernas, isto é, livros publicados a partir do ano de 1800 (462 registos): séc. XIX: 128 registos (1801-1899); séc. XX: 334 registos (1901-1952). Por fim, um terceiro grupo mais pequeno, mas ainda assim substancial, de livros em língua hebraica, a que, por razões metodológicas, se podem adicionar vários exemplares em iídiche (208 registos). Este grupo intersecta os dois anteriores, na medida em que inclui tanto monografias antigas como modernas: sécs. XVI-XVIII: 54 registos; sécs. XIX-XX: 154 registos.

Tal como se depreende pela divisão temporal acima estabelecida, não existe na biblioteca de Samuel Schwarz, infelizmente, nenhum livro impresso que corresponda à categoria convencional e estrita de incunábulo, apesar de algumas das suas monografias quinhentistas mais antigas poderem ser consideradas *post-incunabula*, sobretudo aquelas as que foram impressas em 1510 e 1516 (por exemplo, o *Psalterium Octaplum*, Génova).

Importa dizer que o último subconjunto de livros não foi produzido, total ou exclusivamente, por Judeus e para um público ou contexto judaicos. Alguns constituem edições bilingues, como dicionários e gramáticas. Apesar desta ressalva, este grupo destaca-se entre os outros não apenas devido à sua especificidade linguística,

mas também pelas particularidades cronológicas e geográficas de vários exemplares que o compõem. De facto, muitos desses livros são edições em hebraico ou em iídiche provenientes da Europa Central e de Leste, designadamente da Alemanha, Polónia e Lituânia, saídas à luz num período entre o século XIX e o interlúdio das duas Guerras Mundiais. Outras edições, dadas à estampa nas primeiras décadas do século XX ou depois do término da II Guerra Mundial, têm origem na própria Palestina, em Telavive ou Jerusalém, isto é, ao longo dos anos da formação do Estado de Israel.

Principais áreas temáticas.

Do ponto de vista do seu âmbito e indexação genérica, a biblioteca de Samuel Schwarz apresenta grande coerência. Os principais assuntos que caracterizam o acervo estão, na sua maioria, relacionados direta ou indiretamente com o povo judeu, com a sua história, religião, língua e cultura.

Importa notar que, sendo pouco viável especificar em termos quantitativos uma repartição absoluta dos livros desta biblioteca por assuntos, é possível, todavia, obter uma ideia fiel da sua distribuição relativa por grandes áreas temáticas, em proporção decrescente (sendo a primeira [I] a mais quantiosamente representada):

- + I. Bíblia; Antigo e Novo Testamento; sucedâneos e paráfrases;
 - II. Judaísmo: exegese, liturgia, festivais, rituais, orações;
 - III. História dos Judeus;
 - IV. Língua hebraica: gramáticas, dicionários, léxicos;
 - V. Inquisição e Cristãos-Novos;
 - VI. Literatura e História da Literatura judaica;
 - VII. Sionismo e Estado de Israel;
 - VIII. Outros.
-

De facto, a indexação específica não é, no caso presente, um bom critério para definir quantidades exatas de livros repartidos em cada uma destas grandes áreas. Tal sucede pelo facto, algo frequente, de os diferentes termos de indexação particulares atribuídos a cada obra poderem ser adstritas, por se adequarem ao âmbito global do livro, a duas ou mais destas temáticas gerais (por exemplo, Sionismo + Literatura judaica; Inquisição + História dos Judeus; Bíblia + Judaísmo). Por esse motivo, o diagrama acima exposto não apresenta números ou ocorrências, tendo antes o propósito de ser indicativo do espaço que cada tema ocupa na globalidade do espólio. Como tal, é forçoso oferecer, em seguida, uma breve e sintética exposição do que a biblioteca de Samuel Schwarz oferece em cada uma destas categorias.

É notória a predominância de edições da Bíblia ou de livros bíblicos específicos nesta coleção (I). As versões nela existentes são muito diversificadas, abrangendo, como seria de esperar, todo o espectro cronológico desta coleção. Uma das suas obras mais antigas, aliás, é o Saltério Poliglota (*Psalterium Octaplum*) de Génova, impresso em 1516 (cf. Tavares 1992). No entanto, existem várias edições críticas e versões “canónicas” do Antigo e do Novo Testamento, Bíblias bilingues vertidas para o latim da Vulgata ou para línguas modernas (e.g., russo, polaco, alemão, esperanto). Importa destacar, neste último caso, as Bíblias pioneiras em português

de João Ferreira de Almeida (*Novo Testamento*, Batávia, 1693) e de António Pereira de Figueiredo (em várias edições). Importa ainda notar o grande número de Bíblias hebraicas, com publicações da *Torah* ou do *Tanakh* completo, incluindo tomos saídos da imprensa parisiense dos Estienne (Robertus e Carolus Stephani), de 1540-1541 e 1556. É de interesse mencionar ainda a existência de versões sucedâneas da Bíblia ou da história bíblica, algumas delas ilustradas, como é o caso da *Historischer Bilder Bibel* de Johann Kraussen (Augsburg, 1705).

A segunda matéria, que integra uma parcela significativa desta biblioteca, engloba grande número de obras que remetem para as práticas, doutrinas e exegese da religião judaica (II). Este tema, muito amplo, envolve, entre publicações de liturgia, rituais e orações (*Tefilot*) relacionadas com o calendário religioso judaico (*Rosh Hashbanab*, *Yom Kippur*, *Shabat*), vários exemplos de literatura rabínica, ética do Judaísmo e interpretação dos textos sagrados, como o Talmude. Publicadas em diversos pontos da Europa, das Américas ou na própria Palestina, em anos que precederam a formação do Estado de Israel, são exemplos materiais da necessidade de perpetuação das tradições e da identidade judaica, assim como do interesse que Samuel Schwarz devotava a esta matéria. Neste quadro, é forçoso ainda destacar a relevante presença de obras relacionadas com a organização de comunidades de askenazitas ou sefarditas, sendo estas últimas bem representadas pela congregação de Judeus ibéricos de Amesterdão.

A história do povo judeu, da sua literatura e da sua cultura, surge como componente inevitável deste espólio (III, VI), com obras editadas em todo o seu âmbito cronológico. Em muitas delas, sobretudo de origem europeia, a História Antiga do povo de Israel teve como paradigma os próprios textos bíblicos, que servem de base para a reconstituição de uma “História Santa” considerada como prolegómeno ao Cristianismo e repositório de *exempla* para a vida cristã (por exemplo, Joinville, *Histoire des Rois d’Israël et de Juda selon les quatre Livres des Rois & les deux de Paralipomènes*, 1757). Por outro lado, é afortunada a presença, neste acervo, de um dos trabalhos de Julius Wellhausen, referência para a modernidade dos Estudos Bíblicos no século XIX, com uma sexta edição (1907) da sua *Israelitische und jüdische Geschichte*, exemplo da exegese histórico-crítica do Antigo Testamento que seguia, aliás, a corrente da crítica documental novecentista.

Especial referência deve ser concedida a Flávio Josefo, um dos autores melhor representados nesta biblioteca. Do autor judeo-helenístico possui as obras completas, em edições quincentistas (*De Antiquitatibus ac de Bello Judaico*, Veneza, 1510; *Flavii Iosephi omnia, quae extant opera*, Lyon, 1539) e setecentistas (tradução francesa de Arnault d’Andilly, Bruxelas, 1703), somadas a uma edição lituana do século XIX, traduzida para o hebraico por Kalman Schulman (Vilnius, 1884).

Como não poderia deixar de ser, a literatura e a poesia judaicas, em hebraico ou em iídiche, estão bem representadas no acervo em estudo. Nahum Slouschz, Joseph Klausner (tio-avô de Amos Oz) ou Asher Ginsberg (aliás Ahad Ha’am) são alguns dos autores, seus contemporâneos, que Schwarz adicionou à sua coleção nas primeiras décadas do século XX. Em iídiche, coligiu ainda a obra, em oito tomos, de I. Zinberg,



Um dos tomos da Bíblia hebraica de Robert Estienne (Paris, 1540).

Geshikhte fun der literatur bay yidn (1929-1937), uma história da literatura judaica que abrange o largo período entre a Idade Média e o século XIX.

Os livros referentes ao estudo da língua hebraica (IV) ocupam também uma fatia importante do espólio. Neste caso, é possível delimitar com mais algum rigor o seu contingente, pela forma específica assumida pelas obras, que montam a 44 registos, entre gramáticas, dicionários, *thesauri* e manuais de ensino, correspondendo a cerca de 7 % do total. Entre as monografias antigas que se contam nesta porção temática, referência especial merecem várias gramáticas do século XVI, entre as quais uma de Nicolau Clenardo (Paris, 1533) duas de Elias Levita (Basileia, 1525 e 1527) e outra de Sante Pagnino, da oficina fundada por Plantin (Leiden, 1599).

Entre as várias obras sobre língua hebraica dos séculos XVII e XVIII, este fundo bibliográfico conta com as gramáticas hebraicas portuguesas de Francisco de Jesus Maria Sarmiento (Lisboa, 1785) e de João d'Encarnação (Coimbra, 1789), além de duas gramáticas manuscritas, uma delas, infelizmente, inacabada. Deve sublinhar-se ainda a existência de seis gramáticas e léxicos da autoria de Johannes Buxtorf, que correspondem a outras tantas edições dadas à estampa em Basileia e Amesterdão, entre os anos de 1621 a 1712.

Importa dizer, por fim, que apesar de muitos destes instrumentos de estudo da língua hebraica terem no latim a sua língua de trabalho, devido à sua cronologia e contexto cultural, Samuel Schwarz reuniu ainda na sua biblioteca vários dicionários bilingues de hebraico dos séculos XIX e XX, servindo línguas da Europa Central e de Leste, entre os quais o russo, o polaco e o alemão.

“Inquisição” e “anti-semitismo” são dois termos de uma relação histórica indissociável, objeto de parte importante da biblioteca de Samuel Schwarz. Além de diversas obras acerca da história do Santo Ofício, este grupo temático conta com alguns livros dimanados da própria instituição, como uma obra que explicita os privilégios dos seus Familiares e Oficiais ou mesmo uma das edições que expunham o *Index* dos livros proibidos, impressa por Pedro Craesbeeck (Lisboa, 1624).

Entre várias outras obras do século XVII e XVIII com carácter anti-judaico, contam-se as versões portuguesas de *Sentinela contra judíos* de Torrejoncillo, datadas de 1684 (Lisboa), 1730 (Coimbra) e 1745 (Porto). A história do anti-judaísmo e do anti-semitismo conta, nesta biblioteca, não apenas com obras referentes à Península Ibérica, mas também à Europa Central e de Leste, como a de Simon Markovich Dubnow, *Die neueste Geschichte des jüdischen Volkes, 1789-1914*, tradução alemã que também consta no acervo e que foi editada em Berlim, entre os anos de 1920 e 1923.

Como seria expectável, tendo em conta a sua origem e o contexto em que viveu, Samuel Schwarz foi um convicto sionista. Apesar da sua naturalidade polaca e do seu afeto por França e, sobretudo, por Portugal, país onde desenvolveu a maior parte da sua atividade cultural, a criação de um Estado que pudesse acolher o povo judeu, independente e livre, era um sonho que partilhava com os seus correligionários. Em 1948, quando o Estado de Israel foi proclamado, Samuel Schwarz contava já a idade de 68 anos; todavia, o pouco tempo em que foi contemporâneo da existência de Israel como Estado ainda permitiu que adicionasse à sua biblioteca pessoal diversas obras de princípio sionista, secular ou religioso, incluindo uma das mais importantes a este respeito: uma tradução hebraica, editada ainda no decurso da II Guerra Mundial, do livro de Theodor Herzl, *Der Judenstaat* (*מדינת היהודים* [Medinat haYehudim = O estado judaico], Telavive, 1944).

Diversas edições das décadas de 20 e 30, refletindo sobre a possibilidade da criação de Israel e antevedendo já os conflitos com as populações árabes e os obstáculos colocados pelo mandato britânico (e.g. Marco Romano,

Problèmes politiques de l'organisation sioniste: nos rapports avec les Arabes et l'Angleterre, Paris, 1927) integram também o seu espólio, possibilitando uma visão geral do desenvolvimento doutrinário e político do movimento sionista.

Obras de Samuel Schwarz.

Seria natural esperar que o espólio de Samuel Schwarz contasse com número e variedade apreciáveis de obras da sua própria autoria. Infelizmente, poucas eram as cópias das suas publicações, entre artigos, livros e ensaios, que integravam a biblioteca, tal como esta chegou à guarda da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa. Foi o caso de uma versão dactilografada da sua principal obra, *Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX*, com muitas correções tipográficas manuscritas pelo autor, daquela que seria a edição francesa dessa obra, que teria o título *Les cryptojuifs portugais au XX^e siècle* e o exórdio de Israel Lévi, Grand Rabbin de França entre os anos de 1920 a 1939.

A escassez de publicações do próprio Samuel Schwarz que integrava o presente espólio bibliográfico dever-se-ia a vários motivos. Por um lado, as eventuais ofertas que o autor terá feito a amigos, colaboradores, familiares ou colegas, terão diminuído o número de cópias que aquele teria disponíveis; por outro lado, seria compreensível que os seus familiares, aquando da venda do espólio em 1953, não tivessem querido desfazer-se dos testemunhos desse legado cultural.

É neste quadro que o seu neto, Dr. João Schwarz da Silva, teve a grande gentileza de doar à Biblioteca Mário Sottomayor Cardia da NOVA FCSH, em 2017, um conjunto apreciável de obras do seu avô. Não apenas originais datilografados e anotados por seu punho (por exemplo, *Inscrições Hebraicas em Portugal*, 1923), mas também outras publicações, como *A Tomada de Lisboa Conforme um Documento Coevo de um Códice Hebraico da Biblioteca Nacional* (1953), ou as versões italiana (*La Rassegna Mensile di Israel*, Firenze, 1925-1926) e americana (*The Menorah Journal*, New York, 1926) do seu trabalho sobre a descoberta dos cristãos-novos em Portugal. Estas obras, incluindo alguns dos seus originais datilografados ou manuscritos, puderam assim completar e enriquecer, não apenas o acervo da biblioteca Samuel Schwarz, mas também a presente exposição.

Rolos (*megillot*).

No acervo em estudo, um lugar especial deve ser concedido a um conjunto pequeno de rolos (*megillot*) que pertenceram a Samuel Schwarz, contendo os textos sagrados judaicos da *Torah* e o Livro de Ester (ver Núcleo 2, VIII). A maior parte destes artefactos tem pequenas dimensões, servindo talvez mais como objetos e recordações pessoais do que como textos utilizados propriamente no uso religioso e litúrgico. Apesar de a proveniência de alguns deles ser desconhecida, podemos destacar um rolo ilustrado contendo o Livro de Ester (*infra*, cat. n.º 62), ou mesmo um rolo em pergaminho, manuscrito e iluminado a três cores, possivelmente vindo de Marrocos (*infra*, cat. n.º 65).

Isucher Schwarz (1859-1939).

Uma menção breve, mas não menos relevante, deve aqui ser feita a um conjunto de três obras constantes neste espólio. Estas assumem relevância peculiar e significado especial, pelo facto de terem pertencido ao pai

de Samuel Schwarz, Isucher Schwarz, como se atesta nos próprios livros pela aposição dos seus carimbos, que serviam como *ex libri*:

j) Rabbi Eliakim Carmoly, ספר דברי הימים לבני יהי"א [Sefer Dibrei haYamim leBnei Yahy'a = Crónica da família Yahya]. Frankfurt 'al ha-Main: Kaufman, [1850], em hebraico;

ij) Johann Christoph Wagenseil, *Tela Ignea Satanae, hoc est Arcani, et horribiles Judaeorum adversus Christum Deum, et Christianam religionem libri ANEKΔOTOI*. – [Aldorfii Noricorum: excudit Joh. Henricus Schönnerstaedt, 1681]. Com anotações do punho de Isucher Schwarz (ver infra, cat. n.º 41);

iiij) Volume 6 da coleção רשומות [Rešumot], datado de 1930 e editado por Hayim Nahman Bialik e Yehoshua Hone Ravnitzky (em hebraico e iídiche).

A biblioteca de Isucher Schwarz, que terá sido extensa e célebre entre os seus coevos, e que estava na sua residência em Zgierz (Polónia), terá sido destruída em 1939, aquando da invasão nazi. Este evento, demasiado traumático para o seu proprietário, ter-lhe-á provocado a morte, de ataque cardíaco, aos 80 anos de idade, no dia 26 de Dezembro de 1939. Esta data precede, em exatamente um dia, a deportação geral da comunidade judaica de Zgierz. A salvação das três obras que pertencem à biblioteca de Samuel Schwarz, certamente oferecidas ou emprestadas pelo pai ao seu filho, representam um fio ténue, mas fortíssimo, que a ambos ligava de forma indestrutível. Neste projeto, temos o dever e a honra de ajudar a preservar a memória desse laço de família, cortado em circunstâncias tão perturbadoras.



Um dos livros da biblioteca de Samuel Schwarz (*Crónica da Família Yahya*, 1850) que pertencera a seu pai, Isucher Schwarz, contendo as marcas de posse de ambos.

O meu avô Samuel

João Schwarz da Silva

A mais remota recordação que tenho dos meus avós Samuel e Agatha corresponde a uma estadia em São Martinho do Porto, em 1947, tinha eu três anos. A casa onde vivíamos e que continua na família tinha sido comprada por Samuel e oferecida à minha mãe Clara na altura do nascimento do meu irmão Henrique. Enquanto que Agatha nunca sorria e parecia viver num tormento permanente, Samuel era um avô sempre disponível para brincadeiras de crianças, interessado pela vida e disposto em permanência a transmitir a todos a sua profunda cultura. A minha avó tinha uma boa razão para não sorrir. Com efeito, toda a família dela, com a excepção de um irmão, desapareceu repentinamente quando o Exército Vermelho entrou em Odessa, em 1920, onde eles viviam. Durante anos pensou-se que o pai de Agatha, próspero banqueiro de Odessa, tinha morrido de fome, fechado no único quarto da casa onde lhe era permitido viver. Só muito recentemente se veio a saber que o pai da Agatha teria sido fuzilado pelas tropas do Exército Vermelho em princípios de 1921, por aparentemente não ter declarado a existência, na cave da casa, de uma pipa de vinho da Palestina.

Apesar de praticamente toda a família de Samuel ter também sido vítima das exacções do exército nazi em Zgierz e Lodz, imediatamente após a invasão da Polónia, Samuel, perante os netos, nunca deixou transparecer algum pesar. Tinha razões de sobra para mostrar uma grande tristeza. Com efeito, em 1939, na sequência da invasão da Polónia pelas tropas nazis, Isucher, o pai de Samuel, morre, provavelmente de uma crise cardíaca, pois a vasta biblioteca que ele tinha constituído ao longo de quase 60 anos de vida adulta é literalmente vítima de um auto da fé. Poucos são os membros da família polaca de Samuel que conseguem sobreviver ao holocausto nazi. Samuel, nessa altura radicado em Portugal, escreve ao Presidente do Conselho a pedir um visto de entrada para o irmão Alexandre e para a família. A PVDE recusa o visto de entrada. No entanto, em Maio de 1940, o irmão Alexandre e a família conseguem chegar a Portugal, com um visto do Cônsul Aristides de Sousa Mendes.

Samuel Schwarz nasceu em 1880 em Zgierz, pequena cidade perto de Lodz, na actual Polónia, que na altura fazia parte do Império russo. O pai, Isucher, que vinte anos de idade separavam de Samuel, era um protótipo do judeu intelectual da Europa central que participava em tertúlias intelectuais realizadas na vizinha Lodz, sendo o lar de Isucher um centro cultural onde se discutiam grandes ideias e onde se podiam consultar livros raros naquilo que viria, com o tempo, a ser uma das maiores bibliotecas privadas da Polónia. A mãe Sara insistiu desde muito cedo para que Samuel seguisse um ensino religioso ao ponto de ter querido que o filho fosse para Berlim seguir um curso que o destinaria a ser rabino. Era Sara que impunha as orações diárias e o respeito pelas regras alimentares. O pai, no entanto, bem que praticante de uma religião muito pouco ortodoxa, desde muito cedo tinha aderido ao movimento da *Haskalah*, que adoptava os valores iluministas, incentivando a integração na sociedade europeia e a valorização da educação secular, aliada ao estudo da história judaica e

do hebraico.

Graças ao pai, Samuel parte para Paris em 1896 com dezasseis anos de idade, onde é rapidamente confrontado com o ritmo e a modernidade de uma cidade que na altura era das mais inovadoras e cosmopolitas do mundo. Samuel vive de muito perto todos os grandes eventos do fim do XIX século, tais como a grande Exposição Universal de 1900, a explosão mediática do caso Dreyfus com o “J’accuse” de Émile Zola e a



Samuel e Agatha Schwarz, recém-casados (1914).
Coleção da Família Schwarz.

sua reabilitação posterior em 1906, a vaga de anti-semitismo que leva à publicação por Theodore Herzl do *Der Judenstaat*, que corresponde ao ponto de partida do sionismo mundial. Durante a estadia em Paris, Samuel regressa frequentemente a Zgierz durante as férias de verão, onde é recebido pela família e os amigos como uma espécie de Messias capaz de contar os grandes eventos do mundo civilizado. O irmão Marek, o artista da família, que Samuel vai acolher em Paris, conta no seu livro de memórias a vinda de Samuel a Zgierz em 1900:

“Com a sua mala nova de vime, fechada por dois cadeados dourados, o seu boné de viagem, Samuel cheirava de todo o seu ser o perfume de países desconhecidos. Cada movimento de Samuel mostrava-nos o charme do estrangeiro e das boas maneiras”.

Em 1904, Samuel acaba a formatura na Escola Superior de Minas de Paris e abre um escritório em Paris. A partir deste momento, como engenheiro de minas, percorre a Europa e vai até à Costa do Marfim. Em 1907, durante uma ida à Galiza espanhola, começa as suas primeiras investigações do fenómeno marrano. Persegue as investigações sobre a fuga dos marranos de Portugal, chegando ao ponto de descobrir uma campa de um Rabino, de origem marrana, em Lublin, na Polónia. Durante estes anos de viagem pela Europa, Samuel continua a interessar-se pelo desenvolvimento do movimento

sionista e troca com o pai Isucher uma intensa correspondência sobre o futuro sionista.

Em Setembro de 1913, Samuel e o pai Isucher partem para Viena onde decorre o XI Congresso Sionista Mundial. Foi nessa altura que Isucher veio a conhecer Samuel Barbasch, figura eminente do sionismo russo que participa no congresso com a filha Agatha, que o acompanhava sistematicamente nas suas andanças desde a morte da esposa Klara. Isucher Schwarz e Samuel Barbasch decidem rapidamente que os filhos Samuel e Agatha são feitos um para o outro. O casamento terá lugar em Abril 1914 em Odessa e a lua de mel leva-os a passear pela Europa. Com o começo da Primeira Guerra Mundial o casal decide afastar-se do teatro do conflito e parte para a Galiza espanhola que Samuel já conhecia por aí ter trabalhado. Falam-lhe novamente em Portugal e é assim que em Novembro de 1914 o casal chega a Lisboa.

Muito rapidamente, motivado nomeadamente pelo pai, Samuel, a par de uma vida de engenheiro de minas, dedica todo o tempo disponível ao estudo do mundo sefardita português. Se bem que a realidade judaica de Lisboa fosse muito diferente daquela que ele conhecia em Zgierz, Samuel é rapidamente integrado na comunidade israelita de Lisboa, que era maioritariamente sefardita. Foi no âmbito do começo da sua actividade de engenheiro de minas na região das Beiras e de Trás-os-Montes onde Samuel trabalhava em minas de volfrâmio e de estanho, que ouviu falar na presença de Judeus. Depois de quase nove anos de trabalho, Samuel publica em 1925 “Os Cristãos Novos em Portugal no Século XX”, livro que revela ao mundo a existência e as práticas religiosas secretas de comunidades marranas que continuam a rezeir a mão pesada da Inquisição. Samuel, que falava perfeitamente nove línguas, decide publicar este livro em Francês. A tradução feita por Samuel, ligeiramente diferente da versão em Português, não será infelizmente publicada em vida de Samuel.

É importante mencionar o papel que teve Samuel Schwarz na descoberta da sinagoga de Tomar, uma das mais antigas da Europa. Foi em 1920, de passagem por Tomar, com membros da Associação dos Arqueólogos de Portugal, que Samuel fica espantado com a existência em excelente estado de uma das mais antigas sinagogas de Portugal. Na altura da descoberta estava a sinagoga transformada num celeiro e o proprietário tinha a intenção de a destruir para mandar construir uma moradia. Samuel compra o edifício em 1923 e depois de muitos anos de trabalhos de desaterro, pesquisa e reconhecimento, sabendo do interesse do Estado em aproveitar a sinagoga, Samuel oferece o edifício ao Estado em 1938 com a condição expressa de aí ser instalado um Museu Luso-Hebraico.

Seguindo as pisadas do pai, Samuel começa a compilar aquilo que com o tempo viria a ser uma das mais interessantes bibliotecas sobre temas judaicos de Portugal. Em 1947, o presidente da comissão organizadora do Museu Luso-Hebraico de Tomar sugere ao Governo a compra da biblioteca de Samuel Schwarz com o objectivo de a depositar no Museu Luso-Hebraico de Tomar. Durante os anos que antecedem a morte de Samuel, que ocorre em 1953, a hipótese de a biblioteca ser vendida ao Estado de Israel toma forma. Lembro-me perfeitamente de ter ido com Samuel falar com o cônsul de Israel em Lisboa e ter sido considerada a ida de toda a família para Israel. O seu sonho de poder um dia ir viver para Israel tinha-se transformado numa intenção firme, sobretudo após o falecimento de Agatha. Infelizmente, a doença que o atingiu nos últimos anos da vida impediu-o de concretizar este desejo.

Que outras recordações tenho de Samuel? Tinha eu 6 anos de idade e, morando com Samuel em Lisboa na Avenida António Augusto Aguiar, ele levou-me um dia a passar uma tarde na Feira Popular que, na altura, ocupava o espaço onde hoje está a Fundação Calouste Gulbenkian. Sentados num café a comer um sorvete eu vejo no chão uma nota de 500 que correspondia a uma vida inteira de rebuçados. Comuniquei a minha descoberta a Samuel, que imediatamente me tirou as ilusões, chamando o primeiro polícia que passava, a quem entregou a nota. Durante os dias que se seguiram ainda sonhei, como o tio Patinhas, nuns mergulhos em montanhas de rebuçados.

Tinha eu sete anos quando Samuel, com uma paciência infinita, ensinou-me a andar de bicicleta naquele descampado em frente da nossa casa onde hoje está o *El Corte Inglés*. Vejo-o ainda agarrado à sela para evitar que eu caísse, o que obviamente não conseguia. Entre as passeatas na Feira Popular e a aprendizagem da bicicleta, Samuel passava uma parte da tarde a ensinar-me a ler e escrever não só em Português como também em Hebraico. Nessas tardes que passávamos juntos fechados na biblioteca, ele mostrava-me a imensa colecção

de livros e vários tabuleiros com pedras de diferentes tamanhos e cores que ele tinha recolhido durante anos como engenheiro de minas. Era um universo de recolhimento, de conhecimento e de bem-estar.

Samuel morre em 1953, tinha eu oito anos. Não quis aceitar a morte de Samuel, refugiei-me no outro lado da rua e, sentado em cima de um muro, vi sair o funeral para o Cemitério Israelita de Lisboa. Muitos anos mais tarde, em 2015, consegui realizar um dos sonhos do meu avô, publicar o livro sobre os cristãos-novos em francês.



Uma das últimas fotografias de Samuel Schwarz, com o neto, João (1952).
Coleção da Família Schwarz.

Samuel Schwarz, cidadão do mundo, português por opção*

Esther Mucznik

*Fundadora e Presidente da Associação Memória e Ensino do Holocausto (MEMOSHOÁ)
Fundadora do Museu Judaico de Lisboa*

Nasci e cresci na Comunidade Israelita de Lisboa e não me lembro de Samuel Schwarz. No universo dos nomes que me rodeavam, esse não me era familiar. Drozdinski, Amram, Romano, Kit, Rydel, Amzalak, Baruel, Pariente, Kopejka, Ryten ou Levy, estes eram, entre outros, nomes familiares que me inspiravam carinho, receio ou indiferença, mas eram nomes presentes que acompanharam a minha infância e a minha adolescência. O nome de Samuel Schwarz não fazia parte desse grupo.

Depois de muitos anos fora de Portugal e da Comunidade, quando voltei a ingressar na “Colónia”, o nome de Samuel Schwarz continuava a ser um nome ausente: ausente dos registos mais correntes, das placas de homenagem, ausente também da memória oral dos seus membros.

Por isso, o primeiro encontro com ele surpreendeu-me: foi através de um exemplar fotocopiado da “História da Moderna Comunidade Israelita de Lisboa”, escrito em 1951, em homenagem ao 150º aniversário da Comunidade Israelita de Lisboa. Essa leitura levou-me naturalmente e progressivamente às suas outras obras e trabalhos, nomeadamente “Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX”, à descoberta do “seu” Museu Luso-Hebraico Abraão Zacuto, em Tomar, a mergulhar nos arquivos da Comunidade e no jornal editado pelo Capitão Barros Basto do Porto, o *Halapid*, onde encontrei algumas (poucas) referências e finalmente ao conhecimento da sua filha única, Clara. Pouco sobre o homem, mas o suficiente para perceber como a memória da Comunidade fora ingrata com uma das personalidades mais interessantes do judaísmo português da primeira metade do século XX.

Por que motivo é Samuel Schwarz uma grande ausência na memória comunitária, na comunidade onde viveu e participou desde a sua chegada em 1915 até à sua morte em 1953?

A paixão da descoberta

A resposta é dada, de certa maneira, pela sua filha Clara: “O meu pai era um cidadão do mundo” (entrevista com a autora). Dito de outra maneira, Samuel Schwarz não era um homem das instituições, não era o que se pode chamar um “judeu institucional” e os cargos que ocupou como presidente da Assembleia Geral da então criada Comunidade Judaica da Covilhã, em 1929, ou no Comité Israelita da Comunidade de Lisboa

* Publicado na *Revista de Estudos Judaicos* nº 7, setembro de 2004, com o título “Samuel Schwarz ou a memória ingrata”.



Fotografia de Samuel Schwarz: celebração de *Sukkot* na Sinagoga de Lisboa (Outubro, 1914). *Coleção da Família Schwarz*.

Cristãos-Novos em Portugal no Século XX” a “todos os judeus mártires da Inquisição Portuguesa”, a “toda essa multidão anónima de vítimas, a todos esses Soldados Desconhecidos que durante séculos sofreram o constante martírio da intolerância religiosa” e os compare à “Sarça-ardente que o fogo não pode consumir”, conforme a visão de Moisés junto do Monte Horeb.

“Judeu de Nação”

Judeu do leste europeu, para Samuel Schwarz, o judaísmo é nação e religião e é esse binómio inseparável e indissolúvel que explica a vitalidade do povo judaico. Numa conferência sobre o anti-semitismo pronunciada em 27 de Junho de 1944, sob os auspícios da Associação dos Cidadãos Polacos em Lisboa, ele explicita esta ideia: “As duas maiores forças que regem e sempre regeram a humanidade: a religião e a nacionalidade ficaram indissolúvelmente unidas no povo judaico, proporcionando-lhe a força necessária para resistir vitoriosamente a todas as perseguições e a todas as calamidades passadas e presentes, dando-lhe uma imortalidade nacional,

para o qual foi eleito em 1930, ou ainda para a Assembleia Geral desta comunidade, como seu presidente em 1950, esses cargos nunca foram de grande importância, nem continuidade. A ideia com que ficamos é que Schwarz aceitava essas nomeações quase a contragosto, como uma consequência natural da sua vivência judaica, mas que de modo nenhum eles constituíam o centro da sua actividade.

Quer isto dizer que ele se sentia menos judeu ou se interessava pouco pela vida judaica em Portugal? Muito pelo contrário. Samuel Schwarz tinha uma identidade judaica fortíssima, para a qual toda a sua infância, juventude e contexto familiar na Polónia foram determinantes. Mas muito mais do que a actividade comunitária e institucional, ardia nele a paixão do conhecimento, da investigação histórica, da descoberta de um mundo que desconhecia até então: o mundo sefardita português e ibérico, a saga dos cristãos-novos e o fenómeno criptojudáico. É paradoxal e ao mesmo tempo altamente significativo que tenha sido um “asquenaze”, um judeu da Europa Oriental estranho a esse fenómeno criptojudáico, a descobrir e a divulgar ao mundo a extraordinária epopeia de resistência judaica que representou o “marranismo”, a ela dedicando anos de investigação e de registo metódico. No seu trabalho, para além do interesse intelectual, sente-se uma empatia profunda, como que a necessidade de resgatar a memória desse passado doloroso, de prestar um tributo a essa resistência secular, só possível num homem com uma profunda consciência da sua identidade. Assim não é de estranhar que Samuel Schwarz dedique o seu livro “Os

tão incompreensível como desconcertante para os seus inimigos!”

Apesar do conhecimento profundo da religião adquirido pela sua educação judaica e que lhe permite officiar, nomeadamente na sinagoga da Covilhã, Schwarz é, sem dúvida alguma, muito mais um “judeu de nação” do que um judeu de religião. Nele, o sentimento de pertencer ao povo judeu é mais forte do que a sua consciência religiosa. Não é pois de estranhar a solidariedade com os seus irmãos da Palestina que o leva a co-redigir um manifesto da organização da juventude israelita lisboeta, o *Hebaver* (apelo de 1 de Novembro de 1929), em solidariedade com os judeus de Hebron, na Palestina, vítimas de um pogrom árabe e a apaixonar-se pelo ideal sionista de que é testemunho, entre outros, o discurso pronunciado no Centro Israelita de Portugal, por ocasião do 1º Aniversário do Estado de Israel, a 4 de Maio de 1949. Schwarz nunca conseguiu visitar o Estado de Israel: “Foi a grande tristeza da sua vida, porque esse era o seu maior desejo, mas já se sentia cansado e doente e nunca o conseguiu”, afirma a sua filha Clara (entrevista com a autora).

Samuel Schwarz viveu também intensamente e dolorosamente os anos da guerra e do Holocausto, que atingiu também duramente a sua família na Polónia, ajudando os refugiados do nazismo na medida das suas possibilidades. Mas para ele a solução do “problema” judaico estava no estabelecimento de um Estado independente:

“Tendo sido o povo judeu a maior vítima dos horrores praticados durante a actual guerra, é lícito esperar que o problema judaico seja definitivamente resolvido pela criação de um Estado Judaico independente na Palestina, ou, pelo menos de um Estado Confederado, bi-nacional, judaico-árabe. (...) Desde que o povo judaico deixe de ser um povo apátrida e indefeso, para tornar a ser uma nação normal (...) constituindo uma nação independente, com os seus representantes diplomáticos e voz e assento no futuro areópago internacional, o anti-semitismo já terá perdido um dos seus pontos de apoio, criado pela dispersão: o da situação anormal de um povo indefeso e eterno bode expiatório!”

(*Anti-Semitismo...*, Associação dos Cidadãos Polacos em Lisboa, 27 de Junho 1944, pp. 69-70)

Judeu nacional e cidadão do mundo, a dimensão religiosa estava, como já se disse, pouco presente na sua vida, pelo menos aparentemente. “O meu pai não era um homem religioso e não me transmitiu essa faceta. Íamos à Sinagoga apenas em *Kipur* ou em *Pessah*, nem celebrávamos o *Shabat*” diz Clara (entrevista com a autora). E, no entanto, quando Clara decidiu casar pelo civil com um “gentio”, o desgosto do pai foi profundo. Contradições? Não tanto, porque para um homem com uma identidade judaica tão forte assistir à saída da sua própria filha da nação judaica não podia deixar de representar um sofrimento e possivelmente até uma revisão dolorosa, apenas mitigada pela convicção do elevado carácter do futuro genro e da força do amor que unia o futuro casal.

Um homem de qualidade

Samuel Schwarz foi, como todos os seres humanos de qualidade, um homem complexo: descobriu e revelou ao mundo o fenómeno criptojudaico em Belmonte, sem no entanto aderir verdadeiramente ao proselitismo. Judeu de coração e de razão, participou sempre na Comunidade Israelita de Lisboa, mas sem se integrar

totalmente nas suas instituições; sionista da primeira hora, nunca chegou a conhecer o país com o qual tanto sonhou; português de adopção e dominando totalmente a língua portuguesa, profundamente reconhecido ao país que o acolheu e de que é testemunho supremo a compra e posterior oferta da Sinagoga-Museu de Tomar ao Estado Português, nunca deixou de se sentir polaco, nomeadamente através da cofundação da Associação dos Cidadãos Polacos e da Câmara de Comércio Luso-Polaca.



Samuel Schwarz, a sua esposa, Agatha, e a filha, Clara. Caldelas, setembro de 1918. *Coleção da Família Schwarz*.

Acima de tudo, Samuel Schwarz, investigador atento e simultaneamente solidário com o objecto do seu estudo, deu um importante contributo aos estudos judaicos em Portugal que tem sido insuficientemente realçado (é assim de realçar o papel do seu neto João ao longo dos anos para “desocultar” a memória de Samuel Schwarz e a exposição e catálogo “A Biblioteca de Samuel Schwarz, espelho de uma vida” na Assembleia da República organizados pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa).

Das conversas com Clara, sua filha, fica-me igualmente a imagem de um pai afectuoso que soube estabelecer com ela uma relação de amor intenso e transmitir-lhe a energia, a inteligência e vivacidade de espírito que o caracterizavam. Em relação à sua mulher falam por si as palavras que lhe dedicou no seu livro “História da Moderna Comunidade Israelita de Lisboa”:

“Tinha prometido dedicar-te um dos meus melhores livros, O Livro de Ester (...) entretanto, inesperadamente, repentinamente, Deus quis chamar-te à Sua Divina Presença. Minado pela dor e pela saudade, venho cumprir a minha promessa, dedicando piedosamente à tua sagrada memória este modestíssimo livro, provavelmente o último que venho a publicar.

Invoco a tua bondade para te pedir desculpa e o nosso amor para te dizer: Adeus, até breve.”

A Samuel Schwarz, cidadão do mundo, português por opção, judeu por destino e convicção presto a minha sentida homenagem à sua memória.

La « voie sinueuse » du découvreur des marranes portugais

Livia Parnes

Coordinatrice des activités culturelles au Mémorial de la Shoah

En 1925, Samuel Schwarz publie *Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX*, faisant découvrir la sensationnelle survie des marranes portugais, plus de quatre cents ans après la conversion forcée des juifs au Portugal. Que ce livre fasse date, fasse événement, Samuel Schwarz le sent, le sait. Aujourd'hui on sait aussi qu'il a posé les jalons de toute la recherche sur le marranisme. Pourtant, avec son humilité débordante – le pendant de son exaltation admirative à l'égard des marranes –, Schwarz essaie de faire passer sa découverte pour le fruit d'« um concurso de curiosíssimas circunstâncias » ou encore « por um concurso de circunstâncias inesperadas ». Comme si par la répétition de ces formules heureuses il cherchait à nous cacher une partie de son cheminement.

En guise d'hommage, j'adresserais volontiers à Samuel Schwarz ce proverbe portugais (mis en épigraphe par Paul Claudel dans le *Soulier de Satin*) : « Deus escreve direito por linhas tortas ». Comment mieux dire la profonde cohérence qui se cache derrière un parcours en apparence si éloigné de la question des marranes portugais mais qui l'a mené au bon endroit au bon moment et qui marquera sa vie et son œuvre ? En effet, si la publication de 1925 reste fondamentale pour l'étude et l'histoire du marranisme portugais, la rencontre de Schwarz avec les marranes déterminera le cours de sa propre vie. Tout en poursuivant ses activités professionnelles d'ingénieur des mines, il continuera jusqu'à la fin de ses jours à étudier l'histoire du judaïsme portugais, avec autant de rigueur que d'empathie. Ce sont les pierres qui jalonnent la voie sinueuse du futur découvreur des marranes que je me propose d'évoquer ici.

Né en 1880, à Zgierz – petite ville près de Lodz en Pologne centrale, alors sous domination russe –, Samuel Schwarz étudie au *heder*, puis dans un lycée juif à Lodz. Il est l'aîné de dix frères et sœurs, son père a vingt ans de plus que lui, et, comme le dira plus tard Samuel Schwarz, ils avaient plutôt l'air de frères. C'est aussi de son père que Samuel dit avoir hérité l'amour des livres, l'amour du judaïsme et de l'histoire du peuple juif. Dans un hommage posthume, il dira même que c'est grâce à cela qu'il entreprit son travail sur les marranes. Ce père, Isucher Moshe Szwarz (1859-1939), est donc la figure centrale de sa vie. Issu d'une famille traditionnelle, il s'était très jeune ouvert à la *Haskalah* (Lumières juives). Autodidacte, il s'intéressait à l'histoire juive et aux langues orientales. Sioniste de la première heure, il fut un grand ami des écrivains Nahum Sokolow et David Frishman. Sa maison devint un foyer de l'*intelligentsia* juive locale, et sa bibliothèque (sur laquelle on reviendra) – une référence en matière de Judaica. On y venait discuter avec Isucher, l'érudit, mais surtout consulter des ouvrages uniques, dont certains incunables en latin et en hébreu. Isucher semblait vouloir envoyer son fils aîné au Séminaire Rabbinique de Berlin. Or, à 16 ans – « par miracle », dira Samuel – il l'envoya poursuivre ses études à Paris où il entra à l'École nationale supérieure des mines, dont il sortira diplômé à vingt-quatre ans. Dans

la capitale française, tout en s'éloignant de la pratique religieuse, le jeune Samuel se rapprocha du sionisme. Il suivit de près l'Affaire Dreyfus qui le marqua, et, à l'instar de son père avec qui il correspondait en hébreu, fut rapidement séduit par le livre de Theodor Herzl, *Der Judenstaat* (1896). C'est aussi à Paris qu'il fit la connaissance du médecin et sociologue Max Nordau qui, quelques années plus tard, l'encouragera à publier son étude sur les marranes du Portugal. Ce sont les mots du cofondateur du Congrès sioniste mondial que Samuel Schwarz mettra en exergue de son livre.

Mais la vie professionnelle suit son cours. Après son diplôme, Samuel Schwarz commence une carrière d'ingénieur des mines. Ses missions l'amènent à séjourner au Caucase, en Azerbaïdjan, dans divers pays d'Afrique, en Pologne, en Angleterre, en Italie et finalement en Espagne, où il restera plusieurs années (de 1907 à 1910 puis de 1912 à 1914). C'est précisément en Galice, alors qu'il travaille dans les mines d'étain, qu'il entend parler des *chuetas* de Majorque – ces descendants de juifs convertis qui, bien que fervents catholiques et n'ayant gardé aucune tradition juive, sont encore considérés comme juifs. Il commence à s'intéresser de plus près à l'histoire des juifs de la péninsule ibérique et publie ses premiers articles. Ainsi, dans le *Boletín de la Real Academia Gallega*, on peut trouver ses premières « contributions à l'étude de l'histoire des juifs espagnols » où il écrit sur les marranes en Galice, en Hollande ou encore sur les premiers juifs espagnols installés en Pologne dès le XVI^e siècle. C'est effectivement à la même époque que Samuel Schwarz découvre dans la presse hébraïque les articles publiés par l'historien et orientaliste Nahum Slouschz (à l'époque au Portugal en tant que délégué sioniste, membre de l'Organisation juive territorialiste, OJT) sur des groupes de marranes vivant au nord du Portugal, dans la région de Belmonte, et pratiquant encore les lois du judaïsme connues par eux.

Pour reprendre à notre tour la formule de Samuel Schwarz, c'est par « um concurso de curiosíssimas circunstâncias » qu'en septembre 1913, assistant à Vienne au 11^e congrès sioniste où il retrouve son père qui y est délégué, il rencontre pour la première fois sa future femme, Agatha, fille de Samuel Barbash, riche banquier d'Odessa, ardent sioniste et l'un des fondateurs du grand rabbinat d'Odessa. Le couple se marie le 13 avril 1914. Au début de la Première Guerre mondiale, Schwarz accepte un poste dans les mines de tungstène (wolfram) et d'étain près de Vilar Formoso et de Belmonte.

En 1915, l'année même où il s'installe avec sa femme à Lisbonne, Samuel Schwarz rencontre à Paris Nahum Slouschz. Dans un article publié dans le journal israélien *Haaretz* après le décès de Samuel Schwarz (2 juin 1953), Slouschz décrit avec émotion cette brève rencontre avec son « jeune ami » qui partait travailler au Portugal et qu'il aurait alors persuadé d'essayer d'établir des contacts personnels avec les marranes du nord-est. Et d'ajouter : « C'est le sort qui a amené ce fils de *maskil* polonais dans ces montagnes lointaines. » Enfin, non sans fierté Slouschz conclut : « La semence n'a pas été jetée sur une rocaïlle... » Ce que la suite de l'histoire confirme.

Dès l'arrivée de Samuel Schwarz au Portugal, sa curiosité est au sommet, aiguïlée par son expérience en Galice et par les divers indices qui signalaient dès la fin du XIX^e siècle la survivance des marranes. Il commence à mieux cerner ce que signifie cette appellation de « juifs » appliquée à certaines personnalités publiques mais aussi à étudier les groupements de familles qui, si elles restent officiellement chrétiennes, conserveraient encore, dans l'intimité, des traditions juives. Sa vie professionnelle et ses recherches le mènent alors à Belmonte, où existait dès le XIII^e siècle une communauté juive avec sa synagogue. C'est bien de cette synagogue ancienne que provenait la stèle avec une inscription hébraïque que Samuel Schwarz a pu dater et déchiffrer (il publiera en

1923 *Inscrições Hebraicas em Portugal*, lequel reste à ce jour l'une des plus grandes contributions à l'étude des inscriptions hébraïques médiévales au Portugal). Et c'est là que, dans des circonstances décidément extraordinaires – parfaitement décrites dans son ouvrage –, vont se révéler réciproquement les identités juives de Samuel Schwarz et des marranes : autrement dit, c'est là que se cristallisera la découverte des marranes contemporains, mais aussi le lien indestructible entre le découvreur et ses sujets d'étude !

Enfin, quand on sait la fervente adhésion de Schwarz au sionisme, comment ne pas songer à nouveau à ses formules heureuses, en rappelant que c'est en 1917, année de la déclaration Balfour, qu'il fit sa découverte de la survie des marranes au Portugal ! Elle aurait même facilité, selon lui, son entrée dans l'univers des marranes : les informations sur le judaïsme en général et sur le sionisme en particulier seront les toutes premières qu'il partagera avec António Pereira de Sousa – le commerçant qui va l'introduire en 1917 auprès des marranes de Belmonte – lequel « tornou-se em seguida um adepto entusiasta do ideal sionista » (*Os Cristãos-Novos*, 1993, p. 22).

Or, il fallait réunir à la fois savoir et savoir-faire, connaissances et intuition, pour briser avec délicatesse les murailles protectrices du secret qui entouraient les marranes. Il fallait gagner leur confiance en leur prouvant l'existence d'un lien réel, malgré tout ce qui pouvait séparer en apparence un « vieux juif » d'un « nouveau-chrétien ». Ce n'est pas sans émotion qu'on citera ici l'historien et anthropologue français Nathan Wachtel, spécialiste des marranes aux Amériques, qui reconnaît en Schwarz un « prédécesseur » formé sur le tas. Ses propos sur l'instant sublime où la sacerdotisa marrane « identifica » le judaïsme de Schwarz lorsqu'il récita le *Shema Israel* et prononça le mot « Adonai » sentent le vécu :

« L'expérience vécue alors par Samuel Schwarz fait partie de ces moments privilégiés où il semble que le temps s'arrête, que son flux régulier s'interrompte dans une conjonction fulgurante du passé et du présent, tandis que surgit une émouvante illumination ».

(Préface, *La Découverte*, p. 10)

Commence alors une période de recherches intenses, dans laquelle Schwarz, se muant en historien et anthropologue, étudiera les marranes de Belmonte et des bourgs à l'entour, combinant de manière intuitive les méthodes de ces deux disciplines ; il effectue de longs séjours auprès des marranes, retranscrira leurs prières, écumera les archives et les bibliothèques... Homme aux multiples talents, il s'adapte aux différents



Fig. 18 — Tipos de cristãos-novos de Belmonte.
Da direita para a esquerda: Moisés Mendes Morão, Antero Caetano Vaz,
Eduardo Henriques e Cândido Daniel

« Tipos de cristãos-novos de Belmonte » : planche VI^e de l'édition de *Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX* (1925).

milieux sociaux des marranes. Ceux de Belmonte et des environs, essentiellement des petits commerçants, le considèrent comme une autorité religieuse (une sorte de rabbin ou de curé) et lui donnent du « padre Samuel », ou encore, avec affection et respect du « padrinho Samuel ». Ceux de Covilhã, plus instruits et assimilés, apprécient son entretient et sa vaste culture. A Lisbonne, guidé par son ami António Baião, historien de l'Inquisition, il examine des procès inquisitoriaux à la Torre de Tombo. Sa démarche rappelle cette unicité du métier d'historien que prônera plus tard Marc Bloch dans son *Apologie pour l'histoire* : « Il n'y a [...] qu'une science des hommes dans le temps et qui sans cesse a besoin d'unir l'étude des morts à celle des vivants. » (Marc Bloch, 1997, p. 65)

En 1925, au terme de huit ans de recherches originales qui l'obligent à un va-et-vient incessant entre les archives et le terrain, il publie, non sans difficultés, *Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX*. Ce bref

ouvrage d'à peine une centaine de pages, sans être l'œuvre d'un ethnologue de profession, est l'étude la plus complète sur le mode de vie, les pratiques, les rites et les prières des marranes portugais. En effet, dans son élogieuse introduction, « Pro Israël », l'éminent chercheur et homme politique portugais Ricardo Jorge relie joliment les activités d'engenheiro de minas de Schwarz, venu « para a exploração das riquezas do nosso solo », à son travail de recherche et d'érudit, « hebraizante acérrimo (...) deu também em minerar o passado dos coirmãos na judiaria portuguesa ». (Préface, *Os Cristãos-Novos*, 1993, p. 9)

L'apport scientifique de cette vaste enquête pionnière est incontestable. Son inventaire des rites et des pratiques, solidement étayé, donne le premier aperçu de ce que Cecil Roth appellera plus tard la « religion des marranes ». On y retrouve grosso modo ce que I.-S. Révah dénommera, quant à lui, la « religion marranique » ou encore le « marranisme normal », à savoir : l'observation partielle du *shabbat* – caractérisée notamment par l'allumage des bougies (candeia do senhor) le vendredi soir –, la perpétuation de quelques rites liés à la Pâque (*Pessab*) et, surtout, la pratique de

l'abstinence, comme le jeûne de *kéïppour* (dia puro / dia do senhor), le jeûne d'Esther, et, chez certains, les jeûnes du lundi et du jeudi. Les autres pratiques qu'il relève sont liées au mariage, au décès, au deuil, à l'alimentation, aux prières et à la croyance dans la venue du Messie.

Cette partie centrale du livre est précédée d'un survol historique du crypto-judaïsme portugais dans lequel

52-bis
CÂNTICO DA PÁSCUA(*)
MÚSICA

The image shows a musical score for a song titled 'Cântico da Páscoa'. It consists of six staves of music with lyrics written below. The lyrics are in Portuguese and French. The first line of lyrics is 'Cami - nha - mos e an - da -'. The second line is 'mas lou va - remos ao Deus d Isra - el -'. The third line is 'Que - nos li - vrou do - E - gy'. The fourth line is 'pto da - quelle rei tão cru el - Que -'. The fifth line is 'nos li vrou do - E - gy - pto da -'. The sixth line is 'quelle rei tão cru - el'. The music is written in a single system with a treble clef and a key signature of one sharp (F#).

Cantique de *Pessab* recueilli par Samuel Schwarz
(*Os Cristãos-Novos*, 1925, p. 94).

Schwarz a le mérite d'évoquer sa spécificité par rapport à celui de l'Espagne. Elle est suivie de ce que Schwarz appelle, à nouveau trop modestement, trois appendices : un dossier photographique des marranes de Beira et de Trás-os-Montes ; la retranscription de nombreuses prières marranes et un document tiré des archives de l'Inquisition. Ce corpus de prières que Schwarz a pu collecter, soit oralement, soit dans des manuscrits, constitue sans nul doute l'un des plus grands apports de son œuvre, par la quantité et la diversité des prières rassemblées, mais aussi par son approche comparatiste. Schwarz procède à des comparaisons géographiques et temporelles. Il rapproche les prières, par-delà leurs variantes locales. Faisant intelligemment feu de tout bois, il se sert également des résultats d'autres auteurs de son temps, tels l'abbé de Baçal ou encore Mário Saa qui, non sans ruse, réussit à collecter les prières des marranes des régions les plus au nord de Trás-os-Montes et les analysa dans un virulent pamphlet de façon à confirmer ses théories antisémites. Plus encore, pour démontrer la continuité du marranisme du temps de l'Inquisition jusqu'au XX^e siècle, Schwarz confronte ces prières à celles consignées dans les procès inquisitoriaux.

Schwarz est sans doute non seulement l'un des premiers à avoir gagné la confiance des marranes qui se confièrent à lui et à s'être familiarisé avec leur «*psicologia especial*», mais aussi à avoir saisi la complexité de la notion de secret chez les marranes : indispensable pour échapper aux griffes de l'Inquisition, il se transmet de génération en génération avant de devenir au fil du temps un élément fondamental de leur « religion ». Ce faisant, Schwarz préfigure cette vision anthropologique du crypto-judaïsme qui, loin de se résumer à un judaïsme pratiqué clandestinement, serait un système de croyances où le secret, pilier de la pratique, conditionne le psychisme des fidèles.

Or, cette publication des prières révèle aussi une contradiction : en rendant publiques les prières des marranes il rompt avec l'impératif du secret qui, cependant, comme il l'a parfaitement compris, «*constitui para os cristãos-novos um dos ritos sagrados da religião judaica* ». Conscient de ce paradoxe, Samuel Schwarz s'efforce clairement de l'expliquer, moins dans la version portugaise de 1925 que dans le tapuscrit français qu'il prépara la même année et chercha en vain à publier (c'est João, son petit-fils, et les éditions Chandeigne, qui le publieront en 2015). Schwarz y déclare : «*L'urgente nécessité de recueillir et de publier ces prières [marranes] fut le point de départ et la raison d'être de notre présente étude [...]* » Ces « prières qui, pourtant, avaient résisté à trois siècles de persécutions, couraient le risque de s'oublier et de se perdre complètement » (*La Découverte*, p. 109). Schwarz se réfère à la « jeune génération marrane » gagnée par « l'indifférence religieuse » et subissant les effets de ce qu'il appelle « la dissolution nationale », à savoir les mariages mixtes et plus largement les conséquences de l'assimilation. Cette prodigieuse compilation de prières participe ainsi, comme le souligne pertinemment Nathan Wachtel, à la dimension éthique de l'œuvre de Schwarz, qui consiste à rassembler toute trace, tout vestige de la présence et des pratiques juives au Portugal, afin de répondre à l'exigence morale : «*É á memória de todos os judeus mártires da Inquisição portuguesa que dedicamos, piedosamente, este humilde trabalho.* » À ce titre, son travail s'inscrit indéniablement dans la veine historiographique des « Livres du souvenir » qui se développait alors dans le monde ashkénaze.

Si Schwarz conçoit en effet son œuvre comme une « ethnologie d'urgence », destinée à sauver le cultuel et culturel, il s'efforcera d'attirer l'attention du monde juif occidental sur les marranes portugais et de le sensibiliser afin d'aider à leur intégration au sein du judaïsme orthodoxe : il publiera des articles et des extraits de son livre en plusieurs langues dans la presse juive, y compris en hébreu (traduction qui sera assurée par son beau-frère

Yehiel Frenkel, résidant en Palestine) ; pour l'édition française mentionnée plus haut, il obtint une préface du grand rabbin et érudit Israël Levi. Plus encore, dans ces mêmes années, par crainte du climat légèrement teinté d'antisémitisme au Portugal ou dans le souci de garantir au mieux la conservation de ses centaines de pages de transcriptions des prières et des coutumes, il entra en contact avec un certain Maurice Ettinghausen, antiquaire basé à Londres, à qui il céda ce corpus considérable de documents. En ayant parfaitement compris le caractère sensationnel, celui-ci prit contact avec la bibliothèque du Hebrew Union College à l'Université de Cincinnati et lui vendit les vingt-sept manuscrits (dont quinze du XVIII^e siècle) pour la somme de 350 livres sterling (l'auteur remercie João Schwarz et Judith Cohen pour cette information qui ouvre tout un champ de recherche sur ce corpus).

Depuis les années 1980, à la suite de la « redécouverte » des marranes portugais de la région de Belmonte, notamment par le photographe Frédéric Brenner et le journaliste Inácio Steinhart, son livre participe de façon essentielle à la quête identitaire de ces marranes et devient aux dires d'Antonieta Garcia le « manual do perfeito criptojuídeu » (*Revista de Estudos Judaicos*, 2004, p. 49). « Um concurso de curiosíssimas circunstâncias », aurait dit Schwarz ?

Revenant à la dédicace du livre de Schwarz « In perpetuam Memoriam », celle-ci se termine en convoquant l'image biblique du buisson ardent que le feu ne consume pas, voyant dans le marranisme le triomphe de « l'Idéal juif », la victoire du martyr sur l'Inquisition. En effet, toute sa lecture du phénomène marrane est imprégnée par une conception du judaïsme où religion et nation sont indissociables. Avant même d'évoquer la vie religieuse des marranes, il affirme avec force leur identité juive : « Merecem bem, pela sua nobre e estóica perseverança judaica, pelos seus sacrifícios e pela sua maravilhosa resistência e vitalidade nacionais, ser acolhidos com amor e devoção pela imperecível Nação judaica e reintegrados com honra no seio do imortal Judaísmo. » (*Os Cristãos-Novos*, 1993, p. 25)

De même, tout au long de son analyse, il ne cesse de mettre en relief les « éléments nationaux » présents, selon lui, dans le marranisme. C'est par ce prisme qu'il explique que *Pessah* est l'une des fêtes les plus observées par les marranes : elle possède non seulement une valeur religieuse, mais aussi une signification nationale ; la sortie d'Égypte des Hébreux qu'elle commémore représenterait « la constitution de la nationalité juive », entendez l'acte fondateur du peuple juif. Cette vision, notons-le, il l'a assimilée jusque dans sa propre existence : éloigné qu'il était de la stricte pratique religieuse de ses parents, la célébration de Pessah lui était précieuse et restait primordiale. Il en fait part dans une lettre à son beau-frère Yehiel :

« Les fêtes sont passées très agréablement, de la bonne *matzà*, de succulents *kneidlach* (boulettes de *matzà*) ... La véritable signification de la Pâque est à mon avis celle de la fondation de la nation juive, branche monothéiste du peuple phénicien. »

(Lettre à Yehiel Frenkel, 12.4.1928).

Curieusement, la rencontre des marranes allait renforcer par moments ses propres sentiments religieux. Dans les années 1930, il avouera sa honte d'avoir, contrairement aux marranes, oublié le jeûne d'Esther qui précède la fête de Pourim – aussi significatif pour eux que celui de Kippour.

À son œil sioniste, la croyance des marranes à la venue du Messie, telle qu'elle se manifeste dans certaines prières, est une preuve de leur espoir d'un « retour du peuple d'Israël à Sion et d'[une] restauration de la langue

hébraïque dans la Terre sainte, la Terre promise ». Nous savons par ailleurs que, durant les années 1920-1930, Schwarz tentera de diffuser ses idées sionistes auprès des marranes et d'introduire dans leur répertoire l'hymne national juif (*Hatikva*) en hébreu.

Le sionisme lui sert également à prendre la défense des marranes. Ainsi, l'expérience des pionniers (*halutzim*) qui fondent des colonies agricoles en Palestine lui permet de réfuter les accusations antisémites. De même, pour écarter l'idée reçue de juifs peu aptes à l'art de la guerre et cherchent à échapper à la conscription, il évoque la figure du « nouveau juif », véhiculée par le sionisme, ainsi que « le judaïsme du muscle » prôné par Max Nordau et l'héroïsme des révoltes juives au cours de l'histoire, depuis les Maccabées à l'époque hellénistique jusqu'à l'engagement des juifs dans la Première Guerre mondiale.

Cette « voix sioniste » accompagnera Schwarz tout au long de sa vie. Dans les années 1930-1940, il s'active pour la cause sioniste au sein de divers comités et organisations qui la défendent à Lisbonne. La création de l'État d'Israël en 1948 le bouleverse. Dans un article sur trois colonnes, paru dans le *Diário de Lisboa* (14 mars 1949), il invoque des « raisons » d'ordre religieux, historique, économique et moral pour inciter le gouvernement portugais à reconnaître l'État d'Israël (ne faisant pas encore partie de l'ONU, le Portugal n'a pas participé au vote du 29 novembre 1947 portant sur le partage de la Palestine et la création de l'État juif). Il cherche à démontrer qu'il existe des liens « historiques » entre le Portugal et la « nation juive », voire que l'idée sioniste, sous la forme d'un plan politique concret, serait née au Portugal, au XVI^e siècle, avec l'arrivée à la cour du roi João III, en 1525, de l'émissaire juif David Reubeni...

Dans son étude « O Sionismo no reinado de D. João III » qu'il publie en 1946, Schwarz avait déjà développé cette comparaison entre messianismes juif et portugais à l'origine d'une alliance judéo-chrétienne pour libérer la Terre sainte des musulmans afin d'y créer un État juif. Durant les dernières années de sa vie, il s'efforcera de rapprocher le Portugal et Israël, en favorisant notamment l'établissement de liens économiques et diplomatiques entre les deux pays grâce à ses relations dans la sphère politique. Son plus grand souhait, note Nahum Slouschz dans son hommage à Schwarz décédé cinq ans après la création de l'État juif, était d'aller un jour en Israël. « Son espoir, qui était également celui de ses parents, ne s'est pas réalisé, mais son nom et sa mémoire restent vivants dans notre littérature » (*Haaretz*, 2 juin 1953).

C'est en évoquant une autre ardente aspiration de Schwarz, voire un autre « concours de circonstances très curieuses », que je voudrais terminer. Samuel, digne fils d'Isucher, commença très jeune sa quête de livres. En une trentaine d'années, au hasard de ses voyages à l'étranger et des visites aux alfarrabistas, fréquentant avec assiduité archives et bibliothèques, rejoignant l'association des archéologues portugais et se liant d'amitié avec les plus grands intellectuels de son époque, il réussit à se constituer une bibliothèque de *Judaica* de première importance au Portugal : des incunables, Bibles portugaises rares, grammaires et livres talmudiques, ouvrages sur l'Inquisition, le judaïsme et l'antisémitisme... Ce fonds richissime qui a pu contenir jusqu'à 10 000 livres devait faire partie intégrante de son grand projet du *Museu Luso-Hebraico de Abraham Zacuto*, qu'il souhaitait voir s'installer dans l'ancienne synagogue de Tomar rachetée en 1920 et dont il avait commencé la rénovation. En 1939, Schwarz en fit don à l'État portugais à condition que celui-ci y crée ledit musée luso-hébraïque, qui abriterait sa collection de stèles ornées d'inscriptions hébraïques et retracerait l'histoire du judaïsme portugais.

La même année, en septembre 1939 les nazis envahissent son pays natal et entrent à Zgierz. Âgé de quatre-vingts ans, son père, Isucher, assiste impuissant au pillage de sa ville. En novembre les Allemands incendient

la synagogue. Le cimetière juif est dévasté et les pierres tombales servent à paver les rues. Tandis qu'une partie des notables de la communauté est envoyée au camp de concentration de Radogoszcz, près de Lodz, Isucher réussit à rester à Zgierz. La liquidation de la communauté débute fin décembre 1939. Le 27, le jour où tous les Juifs de la ville sont appelés à se rassembler pour être déportés, Isucher meurt d'une crise cardiaque : c'est du moins ce que dira un cousin éloigné alors qu'un document retrouvé dans les archives municipales ne précise pas la cause exacte de sa mort. Selon Samuel Schwarz, il aurait été assassiné par les nazis qui mirent le feu à sa prestigieuse bibliothèque. On sait toutefois que trois livres se retrouvèrent à Lisbonne chez son fils Samuel et sont aujourd'hui sauvés et conservés à la Bibliothèque Mário Sottomayor Cardia de l'Universidade Nova de Lisbonne. Peut-être un jour en trouvera-t-on d'autres parmi les millions d'ouvrages qui finirent au dépôt des archives d'Offenbach, à la sortie de Francfort, en zone américaine, point central de collecte des livres spoliés?

Plus heureux est le sort de la bibliothèque de Samuel Schwarz. Certes, le rêve du *Museu Lusó-Hebraico* hébergeant sa bibliothèque n'est pas encore réalisé, pas plus que son souhait, vers la fin de sa vie, de vendre sa bibliothèque à l'État d'Israël. Cela aurait permis au sioniste de la première heure qu'il fut de réaliser un de ses plus vieux rêves : connaître la terre d'Israël. En 1953, l'année de son décès, sa fille Clara, n'ayant pas les moyens de préserver la bibliothèque dans de bonnes conditions, trouva un accord avec l'État Portugais à qui la bibliothèque fut vendue. Les milliers de livres furent alors déposés aux Archives historiques du ministère de l'Économie. Après plusieurs décennies et maintes péripéties au fil desquelles la bibliothèque s'amenuisa, ce n'est qu'aujourd'hui, à l'initiative du Professeur Francisco Caramelo de l'Université Nova et grâce au soutien de la Fondation Calouste Gulbenkian, qu'un travail sérieux a été entrepris pour indexer les quelques 750 livres qui subsistent. Certains seront numérisés et accessibles via internet. Pour la première fois, cette collection unique fait l'objet d'un catalogue et d'une exposition au Palácio de São Bento, siège de la Assembleia da República, avant d'être mise à la disposition des chercheurs. Une mine de culture et de savoirs juifs devenant ainsi accessible, hommage est rendu à un homme qui reste l'une des personnalités qui a le plus contribué aux études juives portugaises au XX^e siècle.

Samuel Schwarz (1880-1953) from Ashkenaz to Sepharad: Vicissitudes of a Literary and Scholarly Life

Hugh Denman

Hebrew and Jewish Studies, University College London

Since the earliest origins of Ashkenazic Jewry in the ninth or tenth centuries interaction between this new, northern community and the much older association of southern European Jews that we have come to know as the Sefardim was somewhat scant. Yet there have been important exceptions: when Jewish individuals and families travelled north to escape the unwelcome attentions of the Inquisition in Spain and Portugal; when Ashkenazim migrated southward over the Alps into the Lombard plain in order to seek shelter from anti-Semitic attacks in Germany at approximately the same time as the larger-scale migration into Slavic lands of Jews coming from Germany which is discussed below; the commingling effects of relatively modern migration to the Americas; the coming together of Jews from all directions in Palestine, especially since the foundation of the State of Israel in 1948, etc. Less common are certain individual cases such as that of Samuel Schwarz himself who, coming from an Ashkenazic background nevertheless played an important scholarly role in Portugal of which he eventually became a citizen and where he made exceptional contributions to our understanding of the cultural world of the so-called “*crístãos-novos*”, that is “New Christians” or “crypto-Jews” of the Iberian Peninsula, sometimes referred to as *marranos* (a somewhat pejorative term derived from Arabic **مَحْرَمٌ** *muharram*, meaning “forbidden” or “anathematized”).

Samuel Schwarz [or Shmuel Shvarts, **שמואל שוואַרץ**] (12 Feb. 1880 – 10 June 1953) was born in the small town of Zgierz, some 5 km north of Łódź, approximately in the centre of the so-called *Królestwo Polskie* or “Kingdom of Poland”, which had been instituted in 1815 by the Congress of Vienna and remained what was in reality little more than a province of the Tsarist Empire until the end of the First World War when the *Rzeczpospolita Polska* or Polish Republic was restored.

The information we have about his youth is somewhat limited but we know that he was the oldest of ten children of an erudite Hebraist father, Yissakhar Schwarz [**יששכר שוואַרץ**, 1860-1939] who had collected one of the largest libraries in private hands in Poland, a fact that was surely a source of inspiration to his son. Unfortunately, with the exception of a handful of volumes this library (of which a very few in the present collection) this library was destroyed at the time of the Nazi invasion of Poland in 1939, an event which may well have been the cause of the heart attack from which he died. Yissakhar had been a delegate to the first Zionist conference convened by Herzl in 1897 in Basle. From their age and bourgeois social standing we may presume them to have grown up as bilingual speakers of both Polish and the so-called “Central dialect” of the

Yiddish language (CY). It is interesting to note incidentally that in his *Os Cristãos-Novos* (p. 35) Schwarz, writing in Portuguese, spells his father's name "Isucher", a further confirmation that both father and son spoke CY, since it is a characteristic of that dialect to realise the diacritical mark קמץ /qa'maz as /u/ not /o/ both in Hebrew and in Yiddish [thus: Sephardic, standard and Israeli Hebrew: qa'maz; standard and NEY 'komets, but CY 'kumets].

By CY we mean the form of Yiddish which up to the Holocaust was very widely spoken in Western and Central Poland, while in North-Eastern Poland, Belarus and Lithuania a somewhat smaller community spoke a more prestigious form of Yiddish usually referred to as Litvish Yidish or North-Eastern Yiddish (NEY)

The fact that the dialect of Yiddish spoken by Schwarz, almost at the western limit of modern Yiddish-Europe, is somewhat contentiously referred to as "central" requires some comment. It is a little over a thousand years since Jews who had in their daily lives for several hundred years been speaking Judeo-Old French or Zarphtic (from צרפת/zarfat 'France'), while employing Hebrew and Aramaic for devotional purposes, crossed the Rhine from Northern France into Germany and thus set in motion one of the most momentous developments in Jewish History, namely the establishment of what came to be by far the largest distinct Jewish community in the world. Just how, despite much suffering and adverse circumstances, this demographic explosion came to take place has given rise to much controversy and in fact some scholars have put forward the notion that the extraordinary growth of the Ashkenazic population can only be satisfactorily explained if we allow for the possibility of an accretion of their numbers having taken place in Eastern Europe from exterior sources. Most prominent among these theories is the so-called Khazar-hypothesis according to which there was large-scale conversion to Judaism among sections of the population of the Khazar khanate and that after the collapse of that state around the year 965 Turkic-speaking Khazars merged with Ashkenazic Jews originating from the West and assimilated linguistically to become speakers of EY. Be that as it may, the fact remains that before the holocaust Ashkenazic Jews were by far the most numerous section of world Jewry.

The somewhat disputed terminology that is employed to describe the various Yiddish dialects can best be explained by bearing in mind that originally, as we have seen, Yiddish came into existence around the tenth century when Judeo-French speakers migrated into German-speaking areas. These refugees and economic migrants soon assimilated linguistically and began speaking a form of German which for several reasons, however, was never identical to the speech of their non-Jewish neighbours. This was because the Jews were more mobile than the German peasants among whom they lived, moving frequently from one dialect area to another, be it in an attempt to evade persecution, for trade purposes or in search of a suitable spouse who might well live at some considerable distance. Yiddish was, of course, never subject to the largely Protestant-inspired influences which led to a standardisation of German on the Saxon basis of the *Meißner Deutsch* of Martin Luther. In fact, if we make a comparison between German and Yiddish dialects we find that early Western Yiddish (WY) tends to have predominantly Bavarian characteristics.

Yiddish was further differentiated from German by the large admixture of Hebrew and Aramaic words and phrases that had been passed from generation to generation for religious and other cultural reasons. Much else beside Hebrew and Aramaic served to differentiate Yiddish from German including numerous other expressions which were witness to their linguistic peregrinations. To give but one example, the most common way of designating the synagogue was as the 'שול' or 'shul'. This was, of course, the German word for 'school',

but the idea of employing this word to mean synagogue had been part of Jewish cultural baggage ever since their remote Judeo-Greek-speaking ancestors had used ‘σχολη /sxolē’ in the same sense. Then, naturally, a sprinkling of words and names of Judeo-French origin had also been preserved.

All these factors served to differentiate Yiddish even in the earliest days and formed the background to the oldest form of Yiddish which was spoken on German territory. However, a variety of push and pull factors led to further migration in an eastward direction, ultimately extending as far as Ukraine. In the mid-thirteenth century Polish reconstruction after the ravages inflicted by Mongol invasions led to both Germans and Jews being invited by Polish monarchs to participate in the urgently needed rebuilding programmes. In fourteenth-century Germany the Black Death was particularly severe. Not only did many Jews die of the pestilence itself but they were further victimised for having allegedly poisoned the wells. There were many expulsions from German towns. Gradually the centre of gravity of the Yiddish-speaking, Ashkenazic Jewish population shifted eastward and new Yiddish regional dialects developed in Central and Eastern Europe, while in Germany itself linguistic assimilation was taking place at an increasing rate. By the twentieth century WY was dying out in Germany and only a few elderly speakers remained in some of the remoter rural areas of Switzerland and Alsace. This meant that “Central” Yiddish was now spoken on the western fringe of the remaining (Eastern) Yiddish (EY) language area, while North-Eastern Yiddish was spoken in eastern Poland and Lithuania and South-Eastern or Ukrainian Yiddish was spoken in Volhynia, Podolia, Bessarabia and, of course, Ukraine itself.

In order to have a more accurate understanding of the material and intellectual circumstances in which Schwarz grew up it is important to realise that the economic and historical development of Zgierz and Łódź differed very considerably from that of other more typical Polish cities such as Warsaw, Cracow, Lwów (now Lviv in Ukraine) or Lublin that can look back over long, venerable histories. The importance of first Zgierz and subsequently Łódź is based on the meteoric economic rise in the early nineteenth century of the textile industry in the conurbation of both these locations. Łódź at first little more than a village in the vicinity of Zgierz as the result of favourable economic conditions and large-scale immigration of both Jewish and German labour expanded with amazing rapidity in the 1830s to become, after Warsaw, the second largest city in Poland and the most important textile centre in the Tsarist Empire.

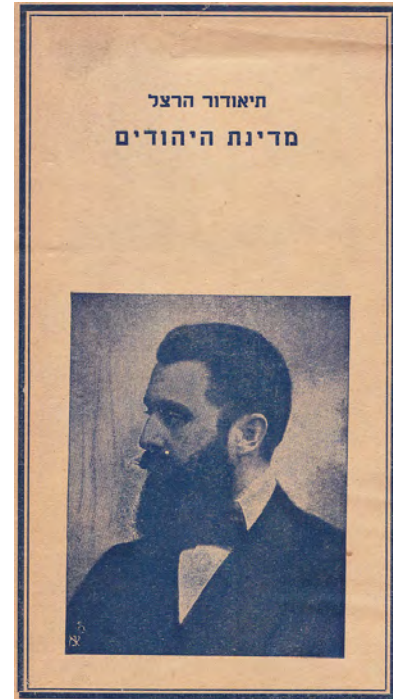
It was precisely in this brash, non-traditional atmosphere that modernist Yiddish literature and theatre with a febrile assortment of avant-garde movements and journals was most able to thrive. A whole panoply of young writers such as Moyshe Broderson (1890-1956), Simkhe-Bunem Shayeitsh (1909-1944), Khave Roznfarb (1923-2011), Yisroel Rabon (1900-1942) and Y.-Y. Zinger (1893-1944, the elder brother of Bashevis) contributed to this development. Yisroel-Yeshue Zinger, or Israel Joshua Singer as he is known to his international readership, was famous for his novel *Di brider ashkenazi* (1936) or *The Brothers Ashkenazi* (1936). The surname Ashkenazi is, in fact, not uncommon, but was selected by Zinger as the title of his work in order to epitomise a whole civilisation. The novel celebrated the early beginnings, the frenetic development and the collapse not only of the Jewish-owned textile industry in Łódź, the so-called Manchester of Poland, but also in a wider sense of the entire Ashkenazic diaspora in Eastern Europe. This is Zinger’s *tour de force*, a panoramic historical work, a *roman fleuve*, with the sweep of the great Russian novels and at the same time a family saga comparable to Thomas Mann’s *Buddenbrooks* (1901). The narrative is seen against the background of the

phenomenal rise of the textile industry and capitalism in general in Łódź during the nineteenth century, the grinding poverty of the Jewish textile workers in the Jewish Baluty quarter (later the scene of the notorious Nazi “Litzmannstadt” ghetto), graphic sexuality, Polish chauvinism and pogroms on almost any pretext, the abortive Polish revolts against tsarist domination, the bewildering fragmentation of the various radical and revolutionary movements and their internecine struggles, the impact of the Russo-Japanese War (1904-1905) and the rivalry between various hasidic sects (Hugh Denman, *Die Darstellung und Rolle der Großstadt Łódź in der modernen jiddischen Literatur*, forthcoming). Y.-Y. Zinger’s novel gives us a very realistic view of the social conditions which prevailed in Łódź during Schwarz’s youth.

The novel begins with German weavers migrating along the sandy roads of Poland on their way to Łódź in the wake of the Napoleonic wars (and the collapse of the continental blockade which had been protecting Europe against British industrial competition), but the central theme is the rivalry between the two competing twin Ashkenazi brothers, Simkhe-Meyer and Yankev-Bunem. The symbolic, almost apocalyptic image with which the author leaves us, or, in fact, the entirety of Zinger’s work may be regarded as the epitome not only of the Jewish presence in Łódź but in Poland as a whole or, indeed, of modern Yiddish literature.

Schwarz was a modern-minded young man and like his father attracted by the Zionist thinking of Herzl’s *Der Judenstaat* (Leipzig, Vienna, 1896). In 1904 he went to study mining engineering at the *École nationale supérieure des mines* in Paris. He subsequently worked as a mining engineer in Baku on the shore of the Caspian Sea in Azerbaijan, then back in Poland at a coal-mine in Sosnowiec. His next appointment where he worked between 1907 and 1910 was at a tin mine belonging to the Arnoya Mining Company in Ourense in Galicia. He worked also in Côte d’Ivoire and Russia. In April 1914 he married Agatha Barbasch from a banking family in Odessa, a speaker of Ukrainian Yiddish or South-Eastern Yiddish (SEY). Since Polish and Ukrainian, while being fairly closely related, are not mutually comprehensible, it is more than likely that Schwarz and his wife normally conversed in Yiddish. True CY and SEY are distinct dialects, but they are nonetheless readily mutually comprehensible. Admittedly, Russian could also have served as a marital *lingua franca*, since Schwarz knew Russian and in those days middle-class Jews, especially Jewish women, in Ukraine had been raised to give preference to Russian over Ukrainian.

Following the outbreak of the First World War it became impossible for Schwarz to continue his mining work in eastern Europe and in November 1914, having heard much to commend Portugal while living in Ourense, he began working in the tin and wolfram mines at Panasqueira, Vilar Formoso and Belmonte, all within 20 km or less of the Serra da Estrela. One cannot help observing that a certain irony attaches to



Theodor Herzl's *Der Judenstaat* in Hebrew (Tel Aviv, 1944).

Schwarz's involvement in wolfram exploitation when one considers the metal's strategic importance during the Second World War and role in keeping Portugal neutral.

It was while purchasing provisions for his mining team in a shop in Belmonte that Schwarz had a chance conversation with the shopkeeper that was to have a major impact not only on his own life but on the wider field of Jewish Studies. In his *Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX* (1925) he relates how his interlocutor,

“...querendo, sem duvida, obter o exclusivo de fornecimento de comestíveis para a exploração mineira que aí dirigimos, nos insinuou para nada comprarmos ao seu concorrente, Baltazar Pereira de Sousa, ‘porque’, disse ele, ‘basta que lhe diga que é judeu’ ” (p. 47-48 [ed. 2010]).

Schwarz was completely astonished. He was familiar, of course, with the relatively recently reintroduced, small modern Jewish communities in Lisbon and a few other urban localities, but he had never suspected for a minute that “New Christians” could have not only survived the Inquisition but could have managed secretly to preserve their identity in rural Portugal right up to modern times.

“A existência de judeus clandestinos, em pleno século XX, num país democrático e republicano da Europa, parece, à primeira vista inverosímil... Todavia existe, ainda, em Portugal!... tendo conservado, apesar das vicissitudes de mais de quatro séculos de cristianismo oficial e de três horríveis séculos de Inquisição, a pureza da sua raça e da sua alma judaica” (p. 37 [ed. 2010]).

In his fundamental work *Os Cristãos-Novos* Schwarz goes on to review the enormous contribution made first by Jews and later by “New Christians” to medicine on the one hand and the textile trade in Portugal on the other and then to anthologise the prayers of the “New Christians” and record their customs and rites. Throughout one is struck by Schwarz's approach which is that of a concerned and sympathetic observer certainly, but also by his almost anthropological objectivity. This is confirmed when we peruse the catalogue of his library and many of the volumes themselves now in the hands of the Universidade Nova and the object of the present exhibition. For example, it is evident that in creating his collection of religious texts Schwarz was animated by historical and bibliophile considerations more than by any devotional motivations. This point becomes clearer when one notes that his collection of religious texts includes not only Protestant Christian bibles but also the Koran in an early French version. Similarly his library contains many early scriptural studies of Roman Catholic origin. Take for example António Pereira de Figueiredo, *A Bíblia Sagrada, traduzida em Português segundo a Vulgata Latina* (Lisbon, 1885).

That Schwarz's library also includes works by Baruch Spinoza and Moses Mendelssohn is further evidence of the inquiring, liberal and dispassionate perspective from which he pursues his interest in religious thought.

Again one can scarcely believe that Schwarz acquired his copy of Auser Blaustein's *Kokh-bukh far yudishe froyen* [Cookery book for Jewish women] (Vilna, Vilnius, 1896) for culinary purposes, but rather for its sociological or ethnographic significance. The same applies to numerous volumes on Jewish customs in interesting, early renditions touching Sephardic practice not only in Portugal but also in Constantinople or London.

It is the same with linguistic studies. His Hebrew dictionaries and grammars are not the most recent or pedagogically practical, but early volumes of sociological, historical and bibliophile interest. Among these

works are to be found several linguistic works by the Elias Levita (1469-1549): *Sefer habarkabah* (Rome, 1518), an alphabetical dictionary of foreign and compound words in the Bible and a grammar of the noun and the verb; *Pirqey 'eliyabu* (1520); his famous *Sefer habarkabah: composita verborum & nominum Hebraicorum* (Basle, 2nd ed., 1525), which is one of the earliest systematic Renaissance Hebrew grammars written in Latin. When writing in Yiddish (which in those those days was still spoken in Northern Italy) he was known as Elye Bokher and was incidentally the author of one of the most successful Yiddish works of all time the *Bove dantone* or *Bove-bukh*,

(Isny, Swabia,1541). It is an abridged, skilful, even racy adaptation of one of the many Italian versions of the *Buève de Hanstone* (written in Padua, 1507), an Anglo-Norman *chanson de geste*. The moulding of the story to Jewish taste (without altogether sacrificing the bawdy wit of the original) and the *virtuoso* performance in adapting the Italian *ottava rima stanza* to the Yiddish language (at much the same time as Giuseppe Sarfati was introducing this form into Hebrew poetry) are both evidence of exceptional literary talent.

Not all Schwarz's linguistic texts are, of course, to be classified as bibliophile. For example he also has a copy of Khayim Zhitlovski's *Undzer shprakhn-frage* (Kaunas, 1930) and it is clear that he has a keen interest in contemporary Yiddish philology. Similarly, he is *au fait* with recent and contemporary Yiddish literature having among the volumes in his library books for example by Moris Roznfeld, *Lieder des Ghetto* (Berlin, 1920) [= *Liderbukh*, New York, 1897]; Sholem Ash, *Le Juif aux Psaumes* (Paris, 1939) [= *Der tilim-yid*, Warsaw, 1934] and Yitskhok-Leyb Perets, *Jüdische Geschichten* (Leipzig, 1916). It is curious that a native speaker of Yiddish should read Yiddish fiction in translation, but this probably reflects both Schwarz's polylingual facility and the fact that Yiddish literature was often more readily available in translation than in the original Yiddish. What Schwarz does possess in Yiddish is the major, multi-volume history of Jewish literature by Yisroel Tsinberg, *Geshikhte fun der literatur bay yidn* (Vilnius, 1873-1938) several of whose volumes are devoted almost entirely to Yiddish literature. Further confirmation of Schwarz's commitment to



Auser Blaustein's *Kokh-bukh far yudishe froyen* (Vilna, Vilnius, 1896).

Yiddish literature from both a literary and a sociological perspective is his having acquired towards the end of his life Max Weinreich's redaction of what had survived the ravages of war of Yehude-Leyb Kahan's *Yidische folks-mayses* (= Jewish folktales, Vilnius, 1940) which Prof. Weinreich now entitled *Shtudies vegn yidisher folks-shafung* (= Studies concerning Jewish national creativity, New York, 1952).

Schwarz became a member of the Associação dos Arqueólogos Portugueses and spent much of his time researching the history of the Portuguese "New-Christians". He also discovered, purchased and restored the ancient synagogue of Tomar which he eventually donated to the Portuguese state so that it might serve as a museum of Jewish life in Portugal. These activities went hand in hand with scholarly, anthropological

work devoted to researching and recording the customs and practices of the “cristãos novos” in a series of publications and manuscripts which amplified in detail.

Many of the fruits of these labours are now to be found among the volumes of Schwarz’s library. For example his article “The Crypto-Jews in Portugal”, *The Menorah Journal* 12 (New York, 1926), pp. 138-49, 183-97. Or “I Marrani del Portogallo”, *La Rassegna Mensile de Israel* (Rome, 1925); or “De la influencia ejercida por la emigración judía de España y Portugal”, *La España Moderna* 282 (Madrid, June 1912), pp. 103-08.

This library and this exhibition are witnesses to Samuel Schwarz’s rich polylingual culture, his tolerant, liberal beliefs and to his immense intellectual curiosity spanning the dual realms of the two diverse Jewish cultures in the midst of which his life had been spent, Ashkenaz and Sepharad.

Las percepciones arqueológicas, históricas y etnográficas de Samuel Schwarz

Claude B. Stuczynski

Bar-Ilan University (Israel)

1. Bajo el título de “Pro Israel”, el influyente médico e intelectual portuense, el Dr. Ricardo de Almeida Jorge (1858-1939), prefaciaba con brío y entusiasmo el *opus magnum* de Samuel Schwarz: *Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX* (1925). Allí describía a su autor como un dinámico ingeniero de minas polaco de origen judío que se había dedicado a “minerar” el pasado judío en Portugal desde su llegada al país en 1915, con la ayuda de un profundo conocimiento en materias judaicas que heredó de su padre (p. XVII). Mediante el empleo del verbo “minerar”, Jorge sugería la existencia de un paralelismo o correlación entre la actividad profesional de Samuel Schwarz, en tanto que ingeniero de minas que entonces trabajaba en explotaciones de tungsteno y volfrámio en las Beiras y su descubrimiento de comunidades “marranas” en Belmonte y en poblaciones vecinas, que aún en pleno siglo XX, conservaban frescas tradiciones cripto-judías ocultadas durante siglos de represión inquisitorial, miedo y exclusión social. De hecho, estos hallazgos extraordinarios habían sido precedidos por un artículo en inglés publicado a comienzos de siglo en la *Jewish Quarterly Review* por el escritor francés de origen funchalense, João Leão Cardozo de Bethencourt (1861-1938), en el que se mencionaba la existencia de descendientes de “cristãos-novos” de Trás-os-Montes que manifestaban su veneración frente al Arca de la Ley al visitar la sinagoga de Lisboa. Fragmentos de algunos rezos “marranos” también aparecieron (aunque tendenciosamente interpretados) en el libelo antisemita de Mário Saa (1893-1971) *A Invasão dos Judeus* (1925), poco tiempo antes de publicarse *Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX*; mientras que casi al mismo tiempo, Francisco Manuel Alves, o Abade do Baçal (1865-1947), entregaba al prelo el quinto volumen de sus *Memórias Arqueológicas-Históricas do Distrito de Bragança* dedicado a la cuestión de los “judeus”, en donde incluía información sobre “cristãos-novos” de la región y sus descendientes contemporáneos. Solo que el libro de Schwarz reunía una cantidad tal de rezos, costumbres y tradiciones “marranas”, que tanto cuantitativa como cualitativamente sólo podrá ser comparado con artículos posteriores publicados en el periódico *Ha-Lapid* / “O Facho” por el líder de la “obra do resgate” de los “marranos” portugueses, el capitão Artur Carlos de Barros Basto / Abraham Israel Ben-Rosh (1887-1961), o por la labor etnográfica del periodista portuense nacido en Fornos, concelho de Freixo-de-Espada-à-Cinta, Amílcar Paulo (1929-1983).

Es más, como lo revelaba Schwarz en su libro, a diferencia de sus predecesores, logró ganar la confianza del liderazgo marrano en las Beiras, que en su mayoría eran ancianas llamadas “rezadeiras” o “sacerdotisas”, que le permitieron obtener un gran número de tradiciones orales y escritas, tras haberles recitado uno de

los nombres de Dios en la plegaria hebrea ancestral: “Escucha Israel” (שמע ישראל), que aún se veneraba con devoción entre los cripto-judíos lusitanos: “Adonai”. Y es que su dominio del hebreo, de la cultura y de la religión judía le permitieron a Samuel Schwarz “minerar” el cripto-judaísmo portugués con una inédita profundidad. Al mismo tiempo, su sensibilidad “minera” fue que le permitió sugerir interpretaciones históricas y antropológicas al marranismo de gran sutileza, sin ser ni historiador ni antropólogo profesional. Por un lado, Samuel Schwarz precedió al historiador estadounidense Yosef Hayim Yerushalmi (1932-2009) al sugerir una explicación a la pervivencia del cripto-judaísmo portugués basada en su génesis histórica. De acuerdo con Schwarz, dado que en el suelo lusitano la conversión de los judíos al cristianismo ordenada por D. Manuel I en 1497 fue total, abrupta y forzada, mientras que la represión inquisitorial sólo se manifestó tras el establecimiento oficial del Santo Oficio en 1536, la primera generación de los “crístãos-novos” pudo consolidar una identidad judía clandestina y durable con cierta tranquilidad. Por otro lado, Schwarz había observado *in situ* que el secreto tan celosamente guardado por los descendientes de los “crístãos-novos” contrastaba con el hecho de que la población local perfectamente reconocía a las familias y vecinos “judeus”. Por lo tanto, más que ser un medio de protección real frente a la población circundante “crístã-velha”, el secreto era entre los “marranos” un elemento integral de la religiosidad “cripto-judía”.

De acuerdo con Schwarz, inicialmente concebido como un estratagema para escapar a las denuncias de la Inquisición y de sus colaboradores, el fingimiento y el secreto, transmitidos en clandestinidad durante generaciones se habían transformado en principios de la fé “marrana”. De allí provendría cierta diferencia en las fechas de ciertas festividades judaicas como ser la Pascua con respecto al calendario rabínico, o el hecho de que para las “rezadeiras” de Belmonte, Schwarz no podía ser judío puesto que éste lo anunciaba públicamente frente a ellas. Ambos ejemplos muestran una manera de comprender al fenómeno “marrano”, como el resultado de diferentes estratos superpuestos con el decorrer del tiempo. Así, el verbo “minerar” empleado por doutor Jorge, debe entenderse como la facultad que tuvo Samuel Schwarz de poder revelar una serie de aspectos de la realidad lusitana que se mantenían ocultos del conocimiento público, debido a una larga historia estructurante de intolerancia, simulación y secreto. Sin embargo, creo que también resulta revelador el interés que confirió Schwarz a aquellos ilustres portugueses de su tiempo que eran reconocidos o declaraban un supuesto origen “crístão-novo”, que no eran necesariamente fieles a la “ley de Moisés” y a sus tradiciones, como ser el propio Ricardo Jorge, autor de estudios sobre el médico de origen hebreo, Amato Lusitano (1511–1568), o el escritor y político oriundo de Freixo de Espada à Cinta, Abílio Manuel Guerra Junqueiro (1850–1923). Sin embargo, mientras que el semblante de “patriaca semita” del autor de *A Velhice do Padre Eterno* era públicamente celebrado por Samuel Schwarz en algunas de sus publicaciones, otras personalidades políticas de ascendencia “crístã-nova”, como ser el Primeiro Ministro Afonso Costa (1871-1937) o el Ministro das Finanças Amílcar Ramada Curto (1886-1961), eran recordadas por Schwarz en círculos más restringidos. Y es que, en realidad, una de las condiciones *sine qua non* que le permitieron “minerar” el marranismo en Portugal fue la existencia de un régimen republicano, laico y democrático, que por razones de empatía o de identificación personal y familiar era receptivo a la historia y al presente de buena parte del pueblo judío dispersado en el mundo. Como se verá más tarde, este ambiente político tan propicio de la república de 1910, se desvanecerá rápidamente tras el *coup d'état* del 28 de mayo de 1926 y el ascenso del régimen autocrático y clerical del “Estado Novo” liderado por António de Oliveira Salazar (1889-1970). Lo que en buena medida explica el cambio radical de focalización de

Samuel Schwarz sobre el pasado judío en Portugal y su manera de “minerarlo”, desde el desbaratamiento del movimiento pro-marrano del capitão Barros Basto a mediados de los años 30 hasta su fallecimiento en 1953.

2. Como recordaba Jorge en aquél prefácio, Samuel Schwarz había recibido un sólido bagaje cultural judaico de la parte de su padre, el hebraísta autodidacta Isucher Schwarz (1859-1939). Como lo dirá Samuel en repetidas ocasiones, había sido su padre quién lo instó a que se ocupase de la herencia judía en la Sefarad, mientras se encontraba trabajando en las minas de España y Portugal. Es así que cuando se encontraba trabajando en yacimientos mineros en Galicia años antes de su llegada a Portugal, Samuel Schwarz ya se interesó por la cultura judía en España, como ser por el duradero fenómeno “cristão-novo” de la isla de Mayorca llamado “chueta”, que a diferencia del caso portugués, era más un asunto de identidad étnica, de profesión económica y de linaje familiar que de religiosidad y cultura “cripto-judía”. Fue también su padre quién le sugirió una etimología alternativa (aunque improbable) al nombre “marrano”. Según Isucher Schwarz, “marrano” provendría del verbo hebreo “marit-ayin” (מראית עין) que significaba aparentar, en vez de resultar de una referencia despectiva asociada con el cerdo, como hasta el día de hoy se suele interpretar. A pesar de que durante sus estudios en París en la “École des Mines” el joven Samuel abandonase el cumplimiento de la tradición religiosa que caracterizaba su Zgierz natal, él continuó a mantener intensos lazos de apego con el judaísmo y con sus familia, sobre todo, al identificarse con la actividad sionista de su padre. Probablemente, fue a través del mismo que Samuel conoció a principios de siglo

al distinguido hebraísta nacido en Palestina, Abraham Shalom Yahuda (1877-1951).

Cuando en 1915 Yahuda fue nombrado profesor de literatura y cultura hebrea en Madrid, Schwarz festejó la nominación de su amigo comentándole de que aquello era la prueba cabal de que España quería deshacerse de su oscuro pasado de expulsiones, intolerancia y persecución religiosa, para reivindicar el aporte positivo de los judíos a la cultura ibérica. En una carta postal que envió al flamante profesor de Madrid, poco tiempo después de su llegada a Portugal, se puede leer lo que Samuel Schwarz agregó con su puño y letra a una fotografía panorámica de la Praça do Rossio de Lisboa: que en donde se encontraba el elegante Teatro Dona



Praça do Rossio, Lisboa: Carta postal de Samuel Schwarz a Abraham Shalom Yahuda.

Maria otrora se alzó el Supremo Tribunal do Santo Ofício. Este ejemplo era otra de las maneras de Schwarz concebir el “minerar” del pasado judío en Portugal: a través de la revelación de su historia material. Y es que antes de interesarse por el fenómeno “cristão-novo”, Schwarz se abocó al estudio de lápidas e inscripciones hebraicas medievales, que por primera vez encontró durante una visita al Museu do Carmo realizada poco tiempo después de llegar a Lisboa. Esta visita fue providencial, pues dio origen a la primera publicación realizada por Samuel Schwarz en Portugal: *Inscrições Hebraicas em Portugal* (1923). Se trataba del estudio más serio y completo de las inscripciones hebreas medievales halladas en el suelo lusitano que existía hasta ese entonces. Este libro le valió el respeto y la aceptación en el medio de los arqueólogos, así como su inserción entre los estudiosos de la cultura y la historia portuguesa, como lo atesta su carteo con la crítica literaria y lexicógrafa germano-lusitana Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925), o su colaboración con el director de los “Arquivos da Torre do Tombo” e historiador de la Inquisición lusitana, António Baião (1878-1961).

Teniendo por objetivo demostrar que el patrimonio portugués medieval debía incluir el acervo judío, una lectura de *Inscrições Hebraicas em Portugal* revela la existencia de una relación sinérgica entre el interés de Samuel Schwarz por el pasado material judío y por el fenómeno “marrano”. Si por un lado, algunas de las páginas de aquél libro estaban dedicadas a hacer las primeras revelaciones sobre la presencia marrana en Belmonte, una de las inscripciones hebraico-medievales analizadas por Schwarz provenían de aquella localidad. A su vez, el interés por el pasado medieval tuvo por colorario la gestación del Museu Luso-Hebraico “Abraão Zacuto” de Tomar, siendo esta la iniciativa personal que retrospectivamente más enorgullecerá a Samuel Schwarz antes de su muerte, según lo atesta su obra póstuma: *História da Moderna Comunidade Judaica de Lisboa* (1959).

Tal como lo narró el joven director conservador del “Museu Luso-Hebraico de Tomar”, João Miguel dos Santos Simões (1907-1972), en su libro *Tomar e a sua Judaria* (1943), siendo Schwarz miembro de la Associação dos Arqueólogos Portugueses, había participado en una excursión a Tomar en 1920, para ser guiado por el arqueólogo local, el Coronel Francisco Augusto Garcez Teixeira (1869-1946). Fue en aquél momento que el Coronel Garcez Teixeira llamó la atención de Samuel Schwarz y del resto de los excursionistas, sobre la existencia de una sinagoga medieval olvidada que se había convertido en un armazén en estado de deterioro y de inminente destrucción. Como consecuencia de ello, en 1923 Schwarz compró aquél edificio con el objeto de restaurarlo, mientras que en 1925 el Coronel Garcez Teixeira publicaba el estudio *A Antiga Sinagoga de Tomar*, informando los resultados de las primeras investigaciones sobre el edificio ya despejado. Inspirado por el museo fundado a comienzos de siglo en Toledo en la antigua sinagoga de “El Transito”, Samuel Schwarz concibió el plan de transformar la sinagoga de Tomar en un sitio en donde se pudiesen exponer el conjunto de las inscripciones hebreas medievales halladas en Portugal. De poder realizarse, también contemplo de erigir en aquella sinagoga un centro de estudio del judaísmo portugués y de la diáspora sefardita, que incluiría una serie de publicaciones. Viéndose sumido en dificultades económicas para realizar aquellos planes ambiciosos, en 1939 Samuel Schwarz donaba la sinagoga al estado, mientras se le concedía a él y a su esposa la ansiada ciudadanía portuguesa. En una publicación datada en aquél año: *Projecto de Organização de um Museu Luso-Hebraico na Antiga Sinagoga de Tomar* (1939), Samuel Schwarz se dirigía a los gobernantes para explicar que la fundación de un museo luso-judaico no solamente implicaba dar el justo valor y reconocimiento a la presencia judaica en Portugal. Se trataba además, de un potencial medio de atracción turística y una manera de difundir por el mundo una propaganda a favor del gobierno portugués.

“Minerar” el pasado cultural judío durante el Salazarismo no era una labor fácil ni obvia, sobre todo en 1939 a comienzos de la ofensiva Nazi en Europa. Habiendo abandonado su inicial deseo de facilitar el retorno al judaísmo a los descendientes de los “cristãos-novos” que el propio Schwarz frecuentó en las Beiras, debido a su enemistad personal con Barros Basto y su “obra do resgate” y como resultado del ambiente pro-clerical y hostil creado por el “Estado Novo” al respecto, la apertura de un museo judaico en Tomar administrado por el estado portugués resultaba de por sí un logro significativo, tal como lo expresó el escritor y político Júlio Dantas a través de las páginas del *Comércio do Pôrto* del 31 de Dezembro 1939: “Um facto aparentemente simples prova que Portugal ... resiste ao contágio da mística racista e presta justiça às qualidades e aos méritos de Israel...” Esto será lo que repetirá Samuel Schwarz en 1944 en una conferencia que organizó en Lisboa como portavoz de los ciudadanos polacos allí residentes, afín de denunciar las atrocidades causadas por el anti-Semitismo en boga en el resto de Europa (*Anti-semitismo : conferências...*, 1944): mostrar que tal como lo impuso con vigor el Marqués de Pombal (1699-1782) al abrogar la diferenciación étnica entre “cristãos-novos” y “cristãos-velhos” por lei de 1773, el gobierno de Salazar se opuso firmemente a importar al país aquel irascible odio racial diseminado por los nazis.

Dada la urgencia internacional generada frente a los horrores del holocausto y la esperanza tras la creación del Estado de Israel en 1948, resulta que el interés intelectual de Samuel Schwarz se limitará a dar a conocer aspectos bibliófilos del judaísmo lusitano, estando menos expuestos a un espacio político anti-democrático. Sin embargo este cambio de focalización y de significación del “minerar” el pasado judío también se explica por el precario estado de salud de su esposa y luego del propio Samuel Schwarz, que le impedían realizar aquellas salidas de investigación de terreno como otrora, fuese para “minerar” inscripciones hebraicas o tradiciones marranas. Fue en este mundo hogareño, libresco y contemplativo del final de su vida que Samuel Schwarz realizará dos tipos de contribuciones a la cultura judaico-lusitana. Por un lado, poco tiempo antes de morir publicará un estudio sobre la presunta sinagoga en el barrio lisboeta de Alfama (*A Sinagoga de Alfama*, 1953), así como una transcripción y análisis de un manuscrito hebraico preservado en la Biblioteca Nacional de Lisboa, cuyo autor, el célebre comentador bíblico, poeta y filósofo sefardita Abraham Ibn-Ezra (1089-1167), describirá la conquista de la Lisboa musulmana en 1147 por parte de los cristianos portugueses y los cruzados (*A Tomada de Lisboa Conforme Documento Coevo de um Códice Hebraico da Biblioteca Nacional*, 1953). Sin embargo, en carteo personal Schwarz rápidamente reconocerá haberse equivocado. En realidad, se trataba de la toma de Lucena por los almohades, ciudad andaluza entonces densamente poblada por judíos. Mencionemos también la citada obra póstuma *História da Moderna Comunidade Judaica de Lisboa* (1959), que debe ser vista como una obra panorámica y retrospectiva, al incluirse, amén de los primordios del restablecimiento de un judaísmo público en la capital y la descripción de sus instituciones comunitarias, informaciones sobre la presencia judía en Faro, en Madeira, en los Açores, en la ciudad de Porto, con un racconto sobre el museo Luso-Hebraico de Tomar y una breve confesión sobre el fracaso del movimiento pro-marrano durante los años 20 y 30.

Por otro lado, Samuel Schwarz utilizará su pericia lingüística de hebraísta y la colaboración artística de su amigo el pintor y dibujante João Carlos Celestino Gomes (1899-1960), para traducir, analizar y presentar de manera estética orientalizante a un vasto público de lectores, parte del acervo bíblico del pueblo judío: ya sea a través de la publicación del “Cântico dos cânticos” en dos ediciones: una lisboeta (1942) y la otra, carioca (1946), así como el proyecto inconcluso de traducir del hebreo el Libro de Ester en homenaje a la memoria de

su esposa Ágata, que en hebreo llevaba aquél ilustre nombre.

3. Finalmente, recordemos que cuando en 1925 Ricardo Jorge se refirió al emocionante hallazgo de Samuel Schwarz de comunidades “marranas” en las Beiras, este lo relacionó con el renacimiento del idioma hebreo en Palestina, la construcción de la moderna ciudad de Tel-Aviv y la apertura del Campus de Universidad Hebrea de Jerusalem en el Monte Scopus. Y es que Jorge creía que tanto el descubrimiento de los “judíos secretos” en Portugal como los primeros logros del movimiento Sionista en Palestina eran signos cabales de que el pueblo judío se encontraba en uno de sus mejores momentos de su historia. “Nunca o Leão de Judá alçou tanto as falcadas garras e sacudiu com tanta altivez a juba”, celebraba Jorge de manera entusiasta y emblemática. Esto nos lleva a un tercer aspecto de la labor de Samuel Schwarz como “minerador” del judaísmo portugués: a su dimensión apologética. Digamos al respecto que ya sea en *Inscrições hebraicas em Portugal* y especialmente en *Os Cristãos-Novos em Portugal no século XX*, se nota la voluntad de presentar al “marranismo” lusitano como una de las maneras más heroicas y admirables del ser judío. Prueba de ello, eran aquellos siglos de “martírio inquisitorial” y de arriesgada transmisión celosa y clandestina de la “Lei de Moisés” a través de generaciones. Menoscabando el grado de influencia aculturadora de los elementos cristianos y folclóricos en la tradición “marrana”, no solamente Schwarz tendía a datar el origen de rezos y melodías “cripto-judías” a tiempos anteriores al bautismo forzado de 1497, sino que la simplicidad del ritual “marrano” que encontró en las Beiras resumía de manera concisa y depurada los más altos principios éticos y espirituales de la religión mosaica.

En ese sentido, el “minerar” de Samuel Schwarz resultaba una respuesta apologetica al retrato negativo y prejuicioso de los “cristãos-novos” que propagó Mário Saa en su *A Invasão dos Judeus*. Sería por ello que Schwarz no se refirió en sus publicaciones a una costumbre “marrana” que conocía, por temor a suscitar el desprecio y la incompreensión entre sus lectores: la costumbre de jugar a las cartas durante el día más santo del calendario mosaico, “o dia grande” concido em hebreo como “Yom Quipur” (יום כיפור) el “día del perdón”, a pesar que Schwarz había explicado al periodista ortodoxo Benjamin Mintz (1903-1963), que aquella extraña costumbre tendría por origen despistar a los malsines del Santo Oficio para transformarse en tradición “marrana”. Es más, Schwarz creía ver en aquellos poblados beiranos y trasmontanos densamente poblados de “cristãos-novos” reminiscencias de aquél judaísmo pobre, laborioso y numeroso que conocía en su infancia en Polonia.

La presencia dominante de descendientes de “cristãos-novos” en la industria textil de Covilhã, “a Manchester portuguesa”, le recordaba un rol económico análogo de los judíos de Lodz, vecina a su Zgierz natal. Era por todas estas analogías que Schwarz había inicialmente contemplado un proceso de re-educación rabínica de los “marranos” que lo deseasen mediante la ayuda pedagógica del reciente flujo migratorio a Portugal de judíos del este-europeo acostumbrados a la existencia de un entusiasta y dinámico “espacio público judío” que no poseía el recatado *establishment* comunitario de Lisboa, compuesto por una mayoría de judíos que desde Marruecos y Gibraltar se habían establecido en Portugal durante los siglos 18 y 19 y fundado nuevas comunidades oficialmente reconocidas. Sin embargo, terminó por apoyar el liderazgo del emprendedor capitão Barros Basto. Siendo percibido por Schwarz como uno de esos “marranos” que conocía mejor que nadie la psicología y las necesidades de los suyos, en *Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX* comparaba el heroísmo militar de Barros Basto durante la Grande Guerra con el ideal del pionero sionista: el “chalutz” (חלוץ), puesto

que abandonando las actividades comerciales y las profesiones liberales de la diáspora, se empeñaba a trabajar la tierra en Palestina y a defenderla con valentía, como parte de un proceso generador de un “judío nuevo”. En 1925, Schwarz percibía al capitão Barros Basto, como el equivalente “marrano” del pionero.

No es aquí el sitio apropiado para explicar las razones de la ruptura entre Schwarz y Barros Basto hacia 1929. Tan sólo diré que ya en los años 30 los esfuerzos de ambos para “rescatar” al “marranismo” de una clandestinidad identitaria e integrarlos en el judaísmo público fracasaron: mientras que el último será injustamente desacreditado por elementos externos e internos a su comunidad, el primero decidirá de dejar aquél inicial entusiasmo para dedicarse a otros aspectos del Portugal judaico. Sin embargo, no era por casualidad si en *Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX*, Schwarz decidió de reproducir un fragmento de una carta que le envió uno de sus conocidos en París, el co-fundador del movimiento sionista, el Dr. Max Nordau (1849-1923), también conocido por su teoría controversial sobre la degeneración de las razas. En otras palabras, creo que Jorge acertó al comparar la labor pro-marrana de Samuel en los años 20 y el sionismo, en el sentido en que ambos fenómenos llevaban la promesa de un renacimiento regenerativo para el pueblo de Israel.

Como vimos, Schwarz nunca abandonó la defensa de la causa judía en el mundo y el querer presentar al judaísmo lusitano como parte constitutiva e integral de la nación, a pesar de las oscilaciones del Salazarismo durante la Segunda Guerra Mundial, con respecto a la neutralidad portuguesa y a la cuestión de los refugiados judíos. Con la creación del Estado de Israel, Schwarz acarició el sueño nunca realizado de representar diplomáticamente al joven país hebreo como embajador en su Portugal querido. Lo que para algunos pueda parecer contradictorio no lo fue para el judío cosmopolita que fue Samuel Schwarz. Puesto que sintiéndose un patriota portugués por elección, continuaba a amar a su Polonia natal, a pesar de tanta persecución, muerte y odio antisemita. Es más, para Samuel Schwarz existía una posibilidad de coincidir la política exterior portuguesa con las necesidades geo-políticas del entonces frágil Estado de Israel. Para ello, sugería inspirarse en un momento breve, truncado unque prometedor de la historia luso-hebraica: la visita de David Ha-Reubeni (1490–1535/1541?) a la corte de D. João III (1502-1557) en 1525. Así en un artículo que fue publicado en



Samuel Schwarz, “O Sionismo no reinado de D. João III” (1946), ilustrado por João Carlos.

la revista *Ver e Crer* de Março de 1946: “O Sionismo no reinado de D. João III” e ilustrado por João Carlos, Schwarz describía una convergencia de intereses que en realidad, existiría desde el reinado de João II (1455-1495): de mancomunar la política imperial portuguesa en el Oriente con las ansias mesiánicas del pueblo judío de encontrar las legendárias Diez Tribus Perdidas de Israel anunciadas por los profetas de la Biblia, como requisito para que los judíos retornasen del doloroso exilio a su ancestral “Tierra Prometida”. Teniendo un supuesto enemigo en común, los turcos, Ha-Reubeni llegaba a Portugal como pretendido emisario de aquellas tribus aguerridas, que se encontraban escondidas más allá del misterioso río Sambatyon, esperando el comienzo de los tiempos mesiánicos para unirse con el resto de sus hermanos judíos. De acuerdo con el diario personal de David Ha-Reubeni analizado por Schwarz en aquél artículo, éste había llegado a la corte de João III aconsejado por el Papa para proponer una alianza judeo-cristiana para combatir al enemigo musulmán. Es verdad que el anti-judaísmo reinante en Portugal de aquellos tiempos pudo más que su islamofobia. El propio Schwarz de ninguna manera llamaba a reactivar ninguna alianza judeo-cristiana en contra del Islam. Muy por el contrario! En sus escritos públicos y personales insistía en el hecho de que el joven estado judío buscaba la paz y la concordia con sus vecinos. Lo que en realidad Schwarz estaba sugiriendo mediante aquél ejemplo histórico era otra manera de “minerar” el pasado judío en Portugal; esta vez para encontrar puntos en común en el pasado para construir un futuro de amistad y de cooperación luso-israelita.



FERRERA D'ALMEIDA

NOVO
TESTAMENTO

NICOLAO
CLENARDO
TABVLA
IN
GRAMMAY

OPERA
JOSEPHI

LUGDUNI
1539

NÚCLEO 1 – SAMUEL SCHWARZ : PERCURSO DE VIDA

I. NASCER POLACO, MORRER PORTUGUÊS.

1.

Comprovativo de nascimento emitido pelo consulado da Polónia (1939).

Samuel Schwarz nasceu em 1880, em Zgierz, na parte da Polónia então integrada na Rússia. Residindo em Portugal havia mais de 20 anos, requereu, em 1939, a nacionalidade portuguesa. Não tendo conseguido obter, nessa altura, uma certidão de nascimento, apresentou este comprovativo, emitido pelo consulado da Polónia.

Dimensões: folha A5.

ANTT/ Ministério do Interior, Direcção Geral da Administração Política e Civil, NT 1836
(Inc. 2002), proc. O.6/6; Cód. refª PT/TT/MI-DGAPC/E/3/131/O6.6

2.

Exposição apresentada por Samuel Schwarz para requerer a nacionalidade portuguesa (1939).

Samuel Schwarz não conseguiu obter alguns dos documentos requeridos para o processo de naturalização como cidadão português, já que estes deveriam ser expedidos da Polónia. Em alternativa, apresentou esta exposição, pela qual expressa a sua convicção de ser de uma família originária de Portugal.

Dimensões: Caderno de papel azul de 25 linhas.

ANTT/ Ministério do Interior, Direcção Geral da Administração Política e Civil, NT 1836
(Inc. 2002), proc. O.6/6; Cód. refª PT/TT/MI-DGAPC/E/3/131/O6.6



3. Carteira da Ordem dos Engenheiros (1940).

Em Portugal, Samuel Schwarz foi membro da Associação dos Engenheiros Cíveis e posteriormente, da Ordem dos Engenheiros, após esta ter sido criada.

Formato caderneta desdobrável em três partes, com frente e verso; aprox. 20 x 10 cm.

Coleção da Família Schwarz

4. Cartão do Centro da Imprensa Estrangeira em Portugal.

Durante os anos de 1937-39, Samuel Schwarz foi correspondente da *Jewish Telegraphic Agency* de Nova Iorque.

Aprox. 15 x 10 cm.

Coleção da Família Schwarz



5.

Processo de naturalização como cidadão português (1939).

Processo constituído por 46 fls. Na exposição constam:

- ofício da Direcção dos Serviços Centrais da Câmara Municipal de Lisboa, com parecer manuscrito;
- ordem de execução do decreto de naturalização.

2 folhas, aprox. A4.

ANTT/Ministério do Interior, Direcção Geral da Administração Política e Civil, NT 1836
(Inc. 2002), proc. O.6/6 ; Cód. ref^a PT/TT/MI-DGAPC/E/3/131/O6.6

6.

Bilhete de Identidade português de Samuel Schwarz (1941).

Formato de livrete desdobrável,
aprox. 20 x 10 cm.

Coleção da Família Schwarz

7.

Passaporte português de Samuel Schwarz, com restrições (1945).

Aprox. 20 x 15 cm.

Coleção da Família Schwarz

II. IMAGENS E RETRATOS : A FAMÍLIA, O PAÍS, O TRABALHO E A OBRA.

8.

Retrato a óleo/pastel de Samuel Schwarz, por Marek Schwarz (c. 1932).

Este retrato foi pintado por um dos irmãos de Samuel Schwarz, Marek Schwarz, que foi pintor e escultor e que viveu em França, sendo conhecido como Marek Szwarc.

Tela emoldurada, aprox. 80 x 85 cm.

Acervo do Museu Judaico de Lisboa



9.

Retrato de Samuel Schwarz (Paris, 1897).

Samuel Schwarz, em Paris, com a idade de 17 anos.

Fotografia a preto e branco, aprox. 14 x 9 cm.

Coleção da Família Schwarz

10.

Samuel Schwarz com um grupo: Festa dos Tabernáculos (Sukkot) na Sinagoga de Lisboa (Outubro de 1914).

Depois do casamento, Samuel Schwarz traz a esposa em viagem de núpcias à Península Ibérica, após o que deveriam regressar a Odessa e ali fixarem residência. O início da Guerra leva o jovem casal a estabelecer-se em Portugal, integrando-se na comunidade judaica de Lisboa.

Fotografia a preto e branco, 14 x 9 cm.

Coleção da Família Schwarz

11.
**Festa do 5 de Outubro: Manuel de Arriaga chega ao
palanque presidencial (Lisboa, 1914).**

Em Lisboa, Samuel Schwarz aproveita para se fotografar em companhia da esposa ou regista algumas vistas e episódios da cidade, como é o caso do conjunto de fotografias que faz por ocasião das comemorações do 5 de Outubro desse ano.

Fotografia a preto e branco, 14 x 9 cm.

Coleção da Família Schwarz



12.
**Samuel Schwarz à entrada do Parlamento
(Lisboa, 1914).**

Samuel Schwarz (ao centro), fazendo-se fotografar à
entrada do Parlamento, em 1914.

Fotografia a preto e branco, 14 x 9 cm.

Coleção da Família Schwarz



13.
Samuel Schwarz nos escritórios da mina (Vilar Formoso, 1916).

Fixando-se em Portugal em 1915, começa a trabalhar numa mina de volfrâmio de Vilar Formoso e depois noutra mina de estanho, em Belmonte. É nessa ocasião que estabelece contacto com as comunidades marranas, dando início aos seus estudos sobre o criptojudáismo naquela região de Portugal.

Fotografia, preto e branco, 14 x 9 cm.

Coleção da Família Schwarz

14.
Samuel Schwarz com Agata e a filha Clara (Caldelas, 1918).

Em 1915, nasceu em Portugal a única ilha do casal, Clara.

Fotografia a preto e branco, 14 x 9 cm.

Coleção da Família Schwarz

15.
Fotografia de Sara e Isucher Schwarz, pais de Samuel Schwarz (Kolumna, Polónia, 1935).

Samuel foi o primeiro filho deste casal de judeus polacos, residente em Zgierz. O pai tinha uma biblioteca reputada, à qual acorriam visitantes.

Fotografia a preto e branco, aprox. 6 x 8 cm.

Coleção da Família Schwarz



III. OBJECTOS DA VIDA DE SAMUEL SCHWARZ.

16.

Filactérias e caixa (Teffilin).

As filactérias de Samuel Schwarz recordam um episódio ocorrido na sua juventude, quando foi estudar para Paris. O zelo religioso da mãe levou-a a colocar uma moeda de ouro nas filactérias. A moeda voltou no mesmo lugar, para decepção da mãe que assim se certificou que a caixa não fora jamais aberta durante a estada parisiense do filho. O jovem Samuel assegurou-lhe que rezara... e nem sequer se apercebera do prémio que a mãe lhe preparara para o caso de ter feito as suas orações.

Dimensões: caixa 5 x 5 cm aprox.

Coleção da Família Schwarz



17.

Lâmpada de Hanukkah, “Festa das Luzes”(c. 1925).

Escultura executada por Marek Szwarc, irmão de Samuel Schwarz..

Dimensões: 26 x 28 cm.

Acervo do Museu Judaico de Lisboa



18.
Máquina fotográfica Voigtlander.

Como engenheiro, Samuel Schwarz documentou fotograficamente alguns aspectos do seu trabalho em minas. Como amador de fotografia, a sua máquina registou vários momentos da história pessoal e familiar e ainda aspectos do país, desde os primeiros anos após a sua chegada a Portugal.

Este modelo *Brillant-V*, que o proprietário adquiriu em Espanha, foi lançado pela marca alemã *Voigtlander*, no início dos anos 30. Incorporava várias inovações técnicas e estéticas, nomeadamente o revestimento a baquelite, conferindo resistência, mas imitando uma textura de cabedal. Recebia um rolo que permitia obter 12 exposições para fotografias 6 x 6 cm.

Dimensões: aprox. 15 x 10 cm.

Coleção da Família Schwarz

19.
Máquina fotográfica de bolso Zeiss Ikon
(c. 1880?)

Dimensões: aprox. 5 x 10 cm.

Coleção da Família Schwarz





20.
Máquina de filmar 8 mm, marca francesa.

Dimensões: aprox. 15 x 10 cm.

Coleção da Família Schwarz

21.
Conjunto de 6 canetas Parker.

Dimensões: 6 canetas x 15 cm aprox. cada uma.

Coleção da Família Schwarz

22.
Bússola Bézard.

Instrumento imprescindível para os trabalhos de campo do engenheiro Samuel Schwarz. As centenárias e hoje raras bússolas Bézard, patenteadas pela primeira vez em 1902 pelo polaco Johann Ritter von Bézard, tinham várias inovações que as tornavam mais exactas e sofisticadas.

Dimensões: aprox. 15 x 10 cm.

Coleção da Família Schwarz



23.

Régua de cálculo.

Esta régua de cálculo que pertencia a Samuel Schwarz era um instrumento indispensável para a sua profissão como engenheiro de minas.

Dimensões: 12 x 3 cm.

Coleção da Família Schwarz



24.

Álbum de recortes de imprensa: colagens de artigos e notícias.

Na biblioteca de Samuel Schwarz estavam incluídos dois álbuns de recortes, onde o seu antigo proprietário coligia notícias e outras informações que considerava úteis e interessantes.

Dimensões: 29 x 23 cm.

BMSC | **BSZ 364**

NÚCLEO 2 : A BIBLIOTECA

I. BÍBLIA E TEXTOS SAGRADOS.

25.

Bíblia. Livro dos Salmos. Poliglota.

Psalterium, Hebraeum, Graecum, Arabicum, [et] Chaldaicum : cum tribus latinis interpretationibus [et] glossis / Aug[ustini] Iustiniani Genuensis. – [Génova]: Impressit [...] Petrus Paulus Porrus, Genuae, in aedibus Nicolai Iustiniani Pauli [...], anno christianae salutis, millesimo quingentesimo sextodecimo [1516] mense, VIIIIdri. – [199] f. ; fól. (33 cm).

Este saltério, conhecido como *Psalterium Octaplum* devido às oito versões de que é composto, contém o livro dos Salmos em hebraico, árabe, aramaico e grego, com respectivas versões latinas. Inclui também a versão em latim (São Jerónimo) e uma secção de *scholia* (glosas), também em latim. Foi um dos primeiros livros impressos na Europa com tipos não-latinos e talvez o primeiro a utilizar caracteres árabes. É ainda considerado ainda um dos saltérios mais completos, permitindo cotejar as diversas versões, orientais e greco-latinas, dos textos bíblicos. É peculiar a escolha do editor em incluir uma secção de glosas que servem de comentário aos salmos: uma das glosas em particular, ao Salmo XIX, oferece uma narrativa biográfica sobre Cristóvão Colombo, na qual se refere a descoberta da América e a origem genovesa do explorador.





26.

Bíblia. Novo Testamento.

O Novo Testamento : Isto he, Todos os Livros do Novo Concerto do nosso fiel Senhor e Redemptor Jesu Christo / Traduzido na Língua Portugueza, pelo Reverendo Padre João Ferreira A. D'Almeida Ministro Pregador do Sancto Euangelho nesta cidade de Batavia em Java Mayor. – Esta segunda impressão do S. S. Novo Testamento emendada e na margem augmentada [...] a luz sahiu por mandado e ordem d'o Supremo Governo d'a Illustre Companhia d'as Unidas Provincias na India Oriental, e foy revista com aprovação d'a Reverenda Congregação Ecclesiastica d'a cidade de Batavia, Pelos Ministros Pregadores (...) Theodorus Zas, Jacobus op den Akker. – Em Batavia : Por João de Vries, 1693. – [8], 597 p. ; 4° (21 cm).

João Ferreira de Almeida (1628-1691) foi o tradutor da primeira Bíblia em língua portuguesa. Convertido ao protestantismo em 1642, foi autor de várias obras contra a ortodoxia da doutrina católica. O seu *Novo Testamento* foi publicado pela primeira vez em Amesterdão (1681), com inúmeros erros tipográficos e de revisão. Este exemplar, que faz parte da segunda edição, revista por Theodorus Zas e Jacobus op den Akker, foi impressa em Batávia (actual Jacarta) dois anos depois da morte de Almeida, e patrocinada pela Companhia das Províncias Unidas das Índias Orientais.

BMSC | **BSZ 291**

27.

Bíblia. Tanakh. Hebraico.

ארבעה ועשרים [ʿArbʿah veʿesrim = Vinte e quatro] / [Sebastian Münster]. – Basileae : Froben, 1536 ([Basileae : ex officina Frobeniana per Hieronymum Frobenium ac Nicolaum Episcopium, Anno MDXXXVI mense Septembri]). – [479] p. ; 4° (23 cm).

Esta Bíblia hebraica foi editada por Sebastian Münster e publicada em 1536 pelos impressores suíços Hieronymus Froben e Nicolaus Episcopius. Colaboradora de Erasmo de Roterdão, a família Froben estabeleceu a sua sede em Basileia, participando, com a sua atividade editorial, na consolidação da cidade como um dos centros do Renascimento europeu. Este exemplar está incompleto, contendo apenas a *Torah* (Pentateuco) e os *Nevi'im rishonim* (Profetas Primeiros).

BMSC | **BSZ 223**

28.

Bíblia. Vulgata. Latim.

Biblia Sacra Vulgatae editionis / Sixti V. Pont. M. jussu recognita et Clementis VIII auctoritate edita. – Col. Agrippinae : Sumpt. Haered. Bern. Gualteri et Sociorum, 1638-1639. – 6 vol. ; 16° (10 x 6 cm).

Vol. 1: Pentateuchum Moysi, nempe Genesis, Exodus, Leviticus, Numeri, Deuteronomium. – 1639. – Vol. 2: Libri Iosue, Iudicum, Ruth, Regum IV et Paralipomenon II. – 1639. – Vol. 3: Esdras, Tobias, Iudith, Esther, Iob, Psalmi, Proverbia, Ecclesiastes, Canticum canticorum, Sapientia, Ecclesiasticus. – [s.d.]. – Vol. 4: Prophetae Isaias, Ieremias, Baruch, Ezechiel, Daniel, XII Minores; et Machabaeorum libri duo. – 1639. – Vol. 5: Nouum Testamentum Domini nostri Iesu Christi, vulgatae editionis juxta exemplar Vaticanum anni 1592. – 1639. – Vol. 6: [Manassae oratio : Esdrae lib. 3 et 4 ; Cum indice bibliorum triplici]. – [1638].

Esta Bíblia “portátil” em seis pequenos volumes, corresponde ao cânone católico, a Vulgata, homologado pela Santa Sé como versão oficial a partir de 1592. Sendo promotora da *Congregatio de Propaganda Fide* (“Congregação para a Propagação da Fé”, 1602), não é de espantar que a Santa Sé autorizasse a distribuição de Bíblias com tão pequenas dimensões, como meio de difundir e tornar mais acessível a nova versão canónica dos textos sagrados.

BMSC | **BSZ 540**

29.

Bíblia. Livro de Génesis. Hebraico.

בראשית [Br'ešit] = Liber Genesis. – Parisiis : Ex officina Caroli Stephani, 1556. – [143] p. ; 4° (23 cm).

Primeira parte de uma Bíblia hebraica, com o título geral *Quinque Libri Legis*, impressa na casa dos Estienne, eminente família de tipógrafos franceses. Charles Estienne (1504-1564) responsável por esta edição, foi impressor régio de Henrique II de França a partir de 1551. Prosseguiu a tradição humanista, seguida pela sua família, de publicação de clássicos da cultura greco-romana e textos religiosos em hebraico e latim.

BMSC | **BSZ 596**

30.

Bíblia. Pentateuco. Hebraico.

הַחֲמִשָּׁה חֻמְשֵׁי תוֹרָה : עִם הַפְטָרוֹת לְכֹל הַשָּׁנָה [Hamšah Ĥumše Torah: ‘im haftarot lekol hašanah = Os Cinco Livros da Lei : com haftarot para todo o ano]. – Viena : Sinai, [s.d.] – 5 vol. ; 9 cm.

Vol. 1: בְּרֵאשִׁית = [Br’ešit = Génesis]. – 116 f. – Vol. 2: שְׁמוֹת = [Šemot = Êxodo]. – 108 f. – Vol. 3: וַיִּקְרָא = [Vayqr’a = Levítico]. – 83 f. – Vol. 4: בְּמִדְבָּר [BaMidbar = Números]. – 98 f. – Vol. 5: דְּבָרִים [Debarim = Deuteronomio]. – 84 f.

– Num papel colado na página de rosto do vol. 1, lê-se: “Made in Hungary”. Na nota de pé de imprensa lê-se : “Jos. Schlesinger Buchhandlung, Wien, Seitenstettengasse 5.”

Esta bíblia hebraica foi publicada pela editora “Sinai”, de Joseph Schlesinger, que a fundou em 1853. A companhia funcionou no Império Austro-Húngaro e, depois da Grande Guerra, na Áustria, Checoslováquia e Hungria. Em Budapeste, a editora chegou mesmo a funcionar até ao ano de 1944, em plena II Guerra Mundial. Este exemplar de bolso da Bíblia hebraica será muito raro e, apesar de não datada, terá sido impressa na Hungria nas primeiras décadas do séc. XX. O seu pequeno formato e o seu fácil manuseamento indica tratar-se de um objeto pessoal, pois serve para recitar as *haftarot* (selecções de textos dos Profetas) durante o serviço religioso nas sinagogas.

BMSC | **BSZ 285/1-5**



31.

Du Ryer, André, trad. (c. 1580-1660).

L'Alcoran de Mahomet / traduit de l'Arabe Par André du Ryer, avec la traduction des Observations Historiques & Critiques sur le Mahometisme, mises à la tête de la Version Angloise de M. George Sale. – Nouvelle edition / Qu'on a augmentée d'un Discours Preliminaire, extrait du nouvel Ouvrage Anglois de Mr. Porter, Ministre Plenipotentiaire de S. M. Britannique en Turquie. – Amsterdam, Leipzig : Chez Arksteée & Merkus, 1775. vol. 1. – lii, 472 p. : il. ; 12° (17 cm).

Uma das primeiras traduções directas do Alcorão para uma língua europeia moderna. Representa um avanço nos estudos orientalistas do séc. XVII, promovida por André du Ryer, diplomata e intérprete francês no Egipto e em Istanbul. Além de tradutor do Alcorão, inaugurou na Europa os estudos sobre a língua turca e a literatura persa.

BMSC | **BSZ 550**

II. OS JUDEUS E A SUA HISTÓRIA

32.

Flávio Josefo (37-ca. 100); trad. Rufino de Aquileia (ca. 345-410)

Fl. Iosephi De Bello Judaico libri septem. Eiusdem Contra Apionem libri duo. De imperio rationis siue De Machabaeis liber unus. – Lugdvni: apud Seb. Gryphium, 1539. – 582, [36] p. ; 8° (17 cm).

Este exemplar é o terceiro volume das obras completas do historiador judeu do século I, Flávio Josefo, com o título geral de *Flavii Iosephi omnia, quae extant, opera*, dadas à estampa por Sebastian Gryphius, impressor de Lyon. Além da *Guerra dos Judeus*, uma das mais importantes obras de Josefo, contém ainda o libelo *Contra Apionem* e a pequena obra, *De imperio rationes*, aqui prefaciada por Erasmo de Roterdão. A tradução é atribuída a Rufino de Aquileia, monge e teólogo cristão que traduziu diversas obras gregas para latim. Esta edição é um exemplo manifesto da promoção, pela cultura humanista europeia do século XVI, da publicação dos grandes clássicos da Antiguidade greco-romana.

BMSC | **BSZ 143/A/3**



33.

Zacuto Lusitano (1575-1642).

Zacvti Lvsitani ... Operum tomus primus, in quo de medicorum principum historia, libri sex ... – Editio postrema, a mendis purgatissima. – Lugduni : Sumptibus Ioannis-Antonii Huguetan & Marci-Antonii Ravaud, 1657. – vol. 1. – [70], 984, [32] p. ; fól. (37 cm).

Primeiro volume da obra em dois tomos (*Zacvti Lvsitani Opera omnia in duos Tomos diuisa*), de Abraão Zacuto Lusitano, médico judeu português e figura de vulto da medicina europeia dos séculos XVI e XVII.

BMSC | **BSZ 317/1**

34.

Gaster, Moses (1856-1939).

History of the ancient Synagogue of the Spanish and Portuguese Jews, the cathedral synagogue of the Jews in England, situated in Bevis Marks: a memorial volume written specially to celebrate the two-hundredth anniversary of its inauguration, 1701-1901 = קהל קדוש ספרדים שער השמים יצ"ו התס"א-התרס"א / by Moses Gaster. – London: [s.n.], 1901. – 201, [2] p. : il. ; 29 cm.

Moses Gaster, estudioso da literatura grega e eslava, foi *Haham* (“sábio”, rabino principal) da comunidade sefardita de Londres, a partir de 1867. Este livro comemora o bicentenário da fundação da sinagoga desta comunidade judaica ibérica, em Bevis Marks (Londres).

BMSC | **BSZ 445**

35.

Vasconcellos, Carolina Michaëlis de (1851-1925).

Uriel da Costa : notas relativas à sua vida e às suas obras / Carolina Michaëlis de Vasconcellos. – Coimbra : Imprensa da Universidade, 1921. – 180, [2] p. : il. ; 29 cm. – Separata de : Revista da Universidade de Coimbra, vol. VIII, n.ºs 1 a 4.

Esta obra, cujo presente exemplar foi oferecido a Samuel Schwarz pela autora e por ela autografado, versa sobre Uriel da Costa (1583/84?-1640), cristão-novo nascido no Porto. Filósofo e livre-pensador, regressou ao Judaísmo após ter partido para Amesterdão, em 1614. A sua crítica do Judaísmo ortodoxo, expressa na obra *Exame das tradições farisaicas*, levou à sua excomunhão pela comunidade sefardita da cidade, e posteriormente, ao seu suicídio.

BMSC | **BSZ 290**

36.

Guenée, Antoine (1717-1803).

Lettres de quelques Juifs portugais, allemands et polonais à M. de Voltaire : avec un petit commentaire extrait d'un plus grand / par M. Guénée. – 7ème édition, revue, corrigée d'après les manuscrits de l'auteur, et augmentée de ses Mémoires sur la fertilité de la Judée. – Paris : Méquignon Junior, 1815. – 3 vol. (xlix, 381 ; 428 ; 423) p. ; 8º (17 cm).

Apesar de ser uma sétima edição de um livro saído pela primeira vez em 1769, esta polémica contra o teísmo anti-cristão e anti-judaico de Voltaire, expresso no seu *Traité sur la Tolérance*, continuaria actual quando saiu do prelo. Trata-se de uma defesa da religião judaica contra a corrente mais radical do Iluminismo que depreciava as religiões organizadas. O confronto ideológico que esta obra manifestava no séc. XVIII iria, aliás, acirrar-se com o advento do Liberalismo na Europa.

BMSC | **BSZ 90**

III. JUDAÍSMO, TRADIÇÕES E IDENTIDADE.

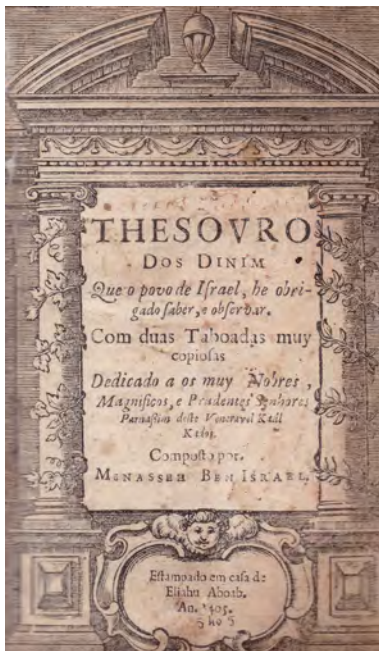
37.

Fleury, Claude, Abade de (1640-1723); Vasconcelos, João Rozado de Vilalobos e (?-1786?), trad.

Os costumes dos Israelitas : onde se ve o modelo de huma politica simples, e sincera para o governo dos Estado, e reformação dos costumes / composto na língua Franceza por Mons. Fleury ; e traduzido para a Portugueza por João Rozado de Villalobos e Vasconsellos. – Lisboa : Typografia Rollandiana, 1778. – [10], xvii, 386, [6] p. ; 8° (16 cm).

Les Moeurs des Israëlites, obra originalmente publicada em 1682 (La Haye), demonstra de modo talvez invulgar uma visão elogiosa dos judeus e dos seus costumes, pela sua austeridade, frugalidade e respeito pelas tradições, não obstante ser influenciada por uma representações do Antigo Testamento. A tradução e publicação portuguesa desta obra de Fleury, confessor de Luís XIV, membro da *Académie* e defensor do galicanismo, manifestam um novo paradigma e abertura de espírito apenas possível com o consulado do Marquês de Pombal, que estabeleceu as bases para o fim da Inquisição portuguesa e das perseguições aos judeus, a partir de 1773.

BMSC | **BSZ 139/A**



38.

Manassés ben Israel (1604-1657).

Thesouro dos Dinim que o povo de Israel, he obrigado saber, e observar : Com duas Taboadas muy copiosas / composto por Menasseh ben Israel. – [Amsterdam] : Em casa de Eliahu Aboab, An. 5405 [1645]. – [32], 625 p. ; 8° (16 cm).

Esta obra de Manassés Ben Israel, fundador da primeira tipografia hebraica dos Países Baixos (1626), colige as regras, costumes e liturgia do Judaísmo. Escrita em português, dirige-se à comunidade portuguesa de judeus sefarditas, atestando a vitalidade da herança luso-judaica nos séculos XVII e XVIII.

BMSC | **BSZ 412/A**

39.

Isaac ben Avraham Hayyim Yessurun (?-1665).

Liuro da providencia divina / composto pelo haham Yshaq Yesurun. – [Amsterdam : s.n.], no anno 5423 [1663]. – 202 p. ; 4° (20 cm).

Obra filosófica e teológica de Isaac ben Avraham Hayyim Yessurun, *Haham* (“sábio”, rabino principal) da comunidade de judeus sefarditas de Hamburgo. Ocupou o cargo desde 1656 até à sua morte.

BMSC | **BSZ 504**



40.

Modena, Leão de (1571–1648); Simon, Richard (1638-1712), trad.

Ceremonies et coustumes qui s’observent aujourd’huy parmi les Juifs : Avec un Supplément touchant les Sectes des Caraites & des Samaritains de nostre temps / traduites de l’Italien de Leon de Modena, Rabin de Venise ; par Don Recared Scimeon. – A Paris : chez Louïs Billaine, 1674. – [42], 300, [10] p. ; 8° (15 cm).

Esta obra, traduzida em várias línguas europeias, é a primeira, desde a Antiguidade, que descreve e explica os costumes, os rituais e a própria religião judaica aos Cristãos. Este, como outros dos escritos de Leão de Modena (e.g., *Magen vaHerev* [=Escudo e Espada]), procura desmistificar muitos dos dogmas alimentados pelo Cristianismo relativamente aos judeus, ao mesmo tempo que ataca vertentes místicas e sectárias que iam surgindo dentro do Judaísmo, incluindo a *Kabbalah*.

BMSC | **BSZ 86/B**

41.

Wagenseil, Johann Christoph (1633-1704).

Tela Ignea Satanae : Hoc est Arcani, et horribiles Judaeorum adversus Christum Deum, et Christianam religionem libri ANEKΔOTOI... / Joh. Christophorus Wagenseilius : Additae sunt latinae interpretationes, et duplex confutatio... : Accessit mantissa De LXX Hebdomadibus Danielis adversus V. C. Johannis Marshami. – Altdorfi Noricorum : excudit Joh. Henricus Schönnerstaedt, 1681. – 633, [12], 260, 60, [2], 480, 26, 45 p. ; 21 cm.

– Falta a pág. de rosto. – Descrição baseada no exemplar de Universitätsbibliothek JCS Frankfurt am Main. – Pertencente à antiga biblioteca de Isucher Schwarz. – Contém: Carmen memoriale Libri Nizzachon / a R. Lipmanno. – Liber Nizzachon vetus. – Disputatio R. Jechielis cum quodam Nicolao Itemque Disputatio R. Mosis Nachmanidis cum Fratre Paulo. – Liber Munimen Fidei / autore R. Isaaco Filio Abrahami. – Liber Toldos Jeschu.

Este livro é uma compilação de textos de polémica judaica anti-cristã. Wagenseil, professor de Direito Canónico e estudioso das línguas orientais em pleno Iluminismo, levou a cabo este trabalho com o propósito de expor, perante o público cristão, as críticas e as blasfémias constantes em diversa literatura judaica contra Jesus e o Cristianismo. Inclui, entre outras obras, a *Toledot Yešū* (“História de Jesus”) e o *Hizūq Emunah* (“Fortalecimento da Fé”) de Isaac ben Abraham de Troki. Apesar do seu mau estado, faltando a página de rosto, este livro é um dos três exemplares sobreviventes da antiga biblioteca do pai de Samuel Schwarz, Isucher Schwarz, como se atesta pelas anotações manuscritas (com o seu nome) e carimbo.

BMSC | **BSZ 431**

42.

Blaustein, Auser (1840-1898).

קאכ־בוך פאר יודישע פרויען [Kokh-bukh far yudishe froyen] = Koch-buch für jüdische Frauen [Livro de culinária para senhoras judias] / von Auser Blaustein. – Wilna : L. L. Matz, 1896. – xviii, 216 p. : il. ; 22 cm.

Auser Blaustein, nascido na Letónia, foi um novelista judeu e grande cultor da língua iídiche. Não se dedicando apenas à ficção, produziu também gramáticas e dicionários de iídiche e russo, assim como este livro de culinária em iídiche. Num exemplar desta obra, adquirida pela Biblioteca do Congresso (EUA) em 1948, figurava um selo do *Institut der NSDAP zur Erforschung der Judenfrage / Abteilung Ostjudentum* (“Instituto do NSDAP para Estudos sobre a Questão Judaica / Departamento dos Judeus Orientais”). Revela o interesse do regime hitleriano em salvaguardar obras judaicas para efeitos de propaganda. < <https://lcn.loc.gov/00509901> >.

BMSC | **BSZ 32**

43.

Associação de Estudos Israelitas Ubá Le-Sion.

Estatutos da Associação de Estudos Israelitas Uba le-Sion : **וּבָא לְצִיּוֹן**. – Lisboa : Typ. La Bécarre de Francisco J. Carneiro, 1912. – 11 p. ; 22 cm.

A Associação de Estudos Israelitas Ubá Le-Sion foi fundada em 1912 pela comunidade judaica de Lisboa, sendo presidida inicialmente por Alfredo Bensaúde. Entidade promotora da língua e cultura hebraicas, tinha como horizonte o Sionismo, cada vez mais implantado, e o incremento da interação da comunidade judaica portuguesa com o movimento sionista mundial.

BMSC | **BSZ 209**



44.

Mucznik, Samuel H. (1885-1933), ed.

Almanach israelita “מעודד” [Meoded] para o anno 5677 : de 28 de setembro 1916 a 16 de setembro 1917 : 2º anno / publicado por Samuel H. Mucznik. – Lisboa : Tipografia Monteiro & Cardoso, 1916. – 251 p. : il., fotos ; 23 cm.

Esta publicação generalista contém o calendário judaico para o ano a que se remete, bem como textos diversos sobre história, cultura e literatura dos judeus portugueses. Editada por Samuel H. Mucznik, apenas teve dois números (1915 e 1916). Apesar da sua curta duração, é uma fonte inestimável para o conhecimento das atividades, da integração e identidade da comunidade judaica lisboeta e portuguesa, fornecendo uma perspetiva sobre a sua vida quotidiana e comunitária, centrada em torno da Sinagoga de Lisboa, Shaaré Tikvá.

BMSC | **BSZ 423**

45.

Maḥzor. Yom Kippur. Hebraico.

מחזור ליום כפור : כמנהג ק"ק ספרדים שבקוסטאנטינא ומדינות מזרח ומערב ואיטאליא [Livro de orações para o Yom Kippur : segundo os costumes Sefarditas de Constantinopla, dos países do Oriente, Ocidente e Itália]. – Livorno : Shlomo Belforti veHavero, 1907. – 189 f.; 20 cm.

Livorno foi um importante centro editorial de obras judaicas no séc. XIX. A sua comunidade judaica era numerosa e próspera, a maior parte formada por sefarditas. Este “Livro de orações” (*Maḥzor*), aí editado e impresso, contém orações e preceitos para a celebração do *Yom Kippur*, dirigido aos judeus sefarditas, não apenas italianos, mas do resto da Europa e do Oriente.

BMSC | **BSZ 333/A**

46.

Meldula, Jacob, trad.

הגדה של פסח : כמנהג ספרדים [Haggada šel Pessaḥ : keMinhag Sefardim] = Orden de la Agada de Pesah, en hebraico y español, segun uzan los judios, españoles, y portugueses / traducido del hebraico y caldeo por Senior Jacob Meldula, de Amsterdam. – London : Levy Alexander, 5573 [1813]. – 19 f. : il., estampas e mapas ; 25 cm.

Esta é talvez a primeira edição autónoma inglesa, em castelhano e hebraico, de uma *Haggada*, texto litúrgico judaico que orienta as celebrações do *seder* de *Pessah*. Esta edição, que veicula a *Haggada* segundo o rito sefardita, dirige-se aos judeus britânicos de origem ibérica. Vinda à luz em 1813, manifesta ainda a preservação da herança ibérica (e das suas línguas) entre os judeus sefarditas ingleses. É interessante a dedicatória a Aaron Nunes Cardozo, judeu britânico que se notabilizou em Gibraltar nas guerras napoleónicas. É possível que a Guerra Peninsular e a passagem prolongada de tropas britânicas em Portugal e Espanha tenha estimulado esta edição entre os sefarditas britânicos.

BMSC | **BSZ 61**

IV. LÍNGUA HEBRAICA.

47.

Balmes, Abraham ben Meir de (c. 1440-1523).

מקנה אברם [Miqneh 'Abram] = Peculium Abrae : Grammatica hebraea vna cum latino / nuper edita per doctiss. virum magistrum Abraham de Balmis artium & medicinae doctorem. – Impressa Venetiis : in Aedibus Danielis Bo[m]bergi, 14 K[alendas] Dece[m]bris, 1523. – 1 vol.; 8° (22 cm).

Abraão Ben Meir de Balmis foi tradutor de obras árabes de astronomia e filosofia para o hebraico e para o latim. Esta gramática bilingue, publicada no ano da sua morte, representa um dos grandes contributos do século XVI, por parte de um judeu, para o ensino da língua hebraica, dirigido a um público cristão.

BMSC | **BSZ 235**

48.

Bellarmino, Roberto Francesco Romolo, S.J. (1542-1621).

Institutiones linguae Hebraicae, ex optimo quoque auctore collectae, et ad quantam maximam fieri potuit breuitatem, perspicuitatem, atque ordinem reuocatae : vnà cum Exercitatione grammatica in Psalmum 33 / Roberto Bellarmino Politiano Societatis Iesu auctore. – Accessit in hac noua editione commodior singularum rerum clariórque distinctio. – Antuerpiae : Ex Officina Plantiniana : Apud Viudam, & Ioannem Moretum, 1596. – 197, [5] p. ; 17 cm (8°).

Gramática da língua hebraica elaborada por Roberto Bellarmino, cardeal jesuíta e defensor da Contra-reforma. Foi interveniente direto no processo contra Galileu e a teoria heliocêntrica (1616). Apesar da intransigente defesa da ortodoxia católica romana, Bellarmino, como jesuíta, era cultor de uma busca por um conhecimento universalista, no interior do qual a língua hebraica, enquanto “Língua Santa”, tinha um papel especial.

BMSC | **BSZ 256**



49.

Clenardo, Nicolau (1495-1543).

לוּחַ הַדִּקְדּוּק [Luah haDiqduq] = Tabula in grammaticen hebraeam / autore Nicolao Clenardo. – Parisiis : Excudebat Christianus Wechelus, in uico Iacobaeo, sub scuto Basiliensi, 1533. – 155, [16] p. ; 8° (17 cm).

Esta edição, não sendo a primeira desta obra (1529), saiu em Basileia no próprio ano em que Nicolau Clenardo deixou de leccionar grego e hebraico em Salamanca e voltou a Portugal, a convite de André de Resende. Clenardo não apenas criou a cadeira de hebraico na Universidade de Coimbra, como foi tutor e professor da “Língua Santa” do Infante D. Henrique, irmão de D. João III. Esta pequena gramática terá sido um instrumento valioso de ensino e aprendizagem do hebraico em Portugal, incluindo na corte régia, durante todo o século XVI.

BMSC | BSZ 78

50.

Buxtorf, Johann (1564-1629).

Lexicon Hebraicum et Chaldaicum : Complectens omnes voces, tam primas quam Derivatas, quae in Sacris Bibliis, Hebraea, & ex parte Chaldaea lingua scriptis, extant [...] : Accessit Lexicon breve Rabbinico-Philosophicum, communiora vocabula continens, quae in Commentariis passim occurrunt : Cum indice vocum Latino / Johannis Buxtorfi. – Accessere huic editioni Radices Ebraicae cum versione Germanica & Belgica. – Amstelodami : Sumptibus Johannis Janssonii Junioris, 1654. – 976, [78] p. ; 8° (18 cm).

Johann Buxtorf, cuja vida decorreu entre a Alemanha e a Suíça entre os séculos XVI e XVII, foi um dos grandes estudiosos da religião judaica, dos escritos rabínicos e da língua hebraica nos tempos da Reforma protestante. Este dicionário é talvez a epítome da sua obra relativa à língua hebraica, tendo sido alvo de sucessivas reedições até ao século XVIII.

BMSC | BSZ 241/B

51.

Levita, Elias (1468?-1549); Münster, Sebastian (1489-1552), prefácio.

ספר ההרכבה [Sefer haHarkabah] = Composita verborum & nominum Hebraicorum : Opus uere insigne atq[ue] utile : Hebraicae Gram[m]maticae studiosis in primis necessariu[m] / Romae Elia Leuita autore aeditum, & nuper per Sebastianum Munsteru[m] Latinitate donatum. – Basileae : [Johann Froben], 1525. – [170] p. ; 8° (16 cm).

Elias Levita, nascido em Nuremberga em 1468, passou a maior parte da sua vida em Itália. Foi um incontornável gramático da língua hebraica do Renascimento, produzindo vários estudos linguísticos, dicionários e gramáticas. A presente obra destinava-se a elucidar o funcionamento dos verbos e substantivos irregulares da língua hebraica, contando com um prefácio de Sebastian Münster.

BMSC | **BSZ 248**

V. LITERATURA JUDAICA.

52.

Zinberg, Israel (1873-1938).

די געשיכטע פון דער ליטעראטור ביי יידן : איראפעישע תקופה [Geshikhte fun der literatur bay yidn : eyropeishe tkufe] = The History of the Jewish literature : período europeu / I. Zinberg]. – Vilno: Tomor, 1933- : il.; 23 cm.

Vol. 2: מיטלאַלטער : דער דייטש־פראנצויזישער קיבוץ = [Mittlalter : der deytsh-frantssoyzisher kibuts] Middle Ages : [a comunidade germano-francesa]. – 1935. – 335, [5] p.

Esta obra, publicada nas décadas de 1920 e 1930 na Lituânia, é uma das mais importantes sobre a história da cultura e literatura judaica e iídiche da primeira metade do século XX. Samuel Schwarz possuía apenas os primeiros sete volumes desta obra, que constituem 8 tomos publicados em duas edições distintas. Não possuía o último volume, publicado após a sua morte.

BMSC | **BSZ 23/2**

53.

Yahuda, Abraham Shalom (1877-1951).

עבר וערב : אסף מחקרים ומאמרים שירת הערבים זכרונות ורשמים [‘Ever va‘Arav : ’oseph mehqarim uma’amarim šiyrat ha‘arvim zikronot uršamim = Hebreu e Árabe : colectânea de estudos e ensaios; a poesia dos Árabes, memórias e impressões] / [Abraham Shalom Yahuda]. – New York : ‘Ogen, 5706 [1946]. – xvi, [1], 307 p. : il., estampas ; 26 cm.

Abraham Shalom Yahuda, escritor e acadêmico, estudioso da cultura árabe e judeo-arábica, e amigo de Samuel Schwarz, condenava uma visão mais radical do Sionismo que defendia o primado dos judeus num futuro Estado de Israel. Este livro exemplifica a obra de um defensor da conciliação entre os judeus e os árabes na Palestina, acentuando as similaridades culturais e a coexistência histórica entre as duas religiões.

BMSC | **BSZ 348**

54.

Klausner, Joseph (1874-1958).

תּוֹרַתוֹ : זְמַנּוֹ הַנּוֹצְרִי : יֵשׁוּ הַנּוֹצְרִי [Yešu haNozri : zemano, hayav vetorato = Jesus de Nazaré : a sua época, vida e ensinamentos]. Jerusalém: Shtivel, 5682 [1922].

Tio-avô do escritor Amos Oz, Joseph Klausner foi candidato às primeiras eleições presidenciais em Israel (1949), perdendo para Chaim Weizmann. Com esta obra, Klausner, representante de uma ala mais liberal do Sionismo, procura reabilitar a importância da figura de Jesus Cristo na história do povo judeu, fornecendo uma nova perspectiva do relacionamento entre Judaísmo e Cristianismo, sob o prisma da interpretação da figura de Jesus.

BMSC | **BSZ 22/B**



55.

Rosenfeld, Morris (1862-1923); il. E. M. Lilien

Lieder des Ghetto / von Morris Rosenfeld ; Autor. Übertragung aus dem Jüdischen von Berthold Feiwel ; mit Zeichnungen von E. M. Lilien. – 3. Auflage [3^a ed.]. – Berlin : Marquardt und Co., [1920?]. – 140, [4] p. : il. ; 26 cm.

Morris Rosenfeld foi um dos mais importantes escritores e poetas da cultura iídiche. Este livro colige muitos dos seus poemas, representando o sofrimento das comunidades judaicas e a sua discriminação, na Polónia como no resto da Europa Oriental e Central, nos inícios do século XX.

BMSC | **BSZ 130/B**

VI. SIONISMO.

56.

Jewish National Fund.

תורה ועבודה בארץ ישראל [Torah ve'Abodah be'Erez Isra'el = Estudo e trabalho em Israel] / Jewish National Fund ; Keren Hayesod. – Jerusalem : Jewish National Fund : Keren Hayesod, [1929] (Jerusalem: Azriel Press). – [27] p. : il., fotos ; 15 cm.

Este panfleto sionista foi publicado na Palestina antes das duas guerras mundiais. Não apenas recorda os ataques árabes contra as populações judaicas de Hebron e Saffed em 1929, como exalta o crescimento e desenvolvimento da população judaica na “Terra Prometida”. Como indica o seu título, esta brochura apela ao estudo (*Torah*) do Judaísmo, ao respeito pelos seus preceitos religiosos e ao trabalho (*‘abodah*) como pilares da construção de um (ainda) projetado Estado independente de Israel.

BMSC | BSZ 394



57.

Meneses, Afonso de Bourbon e (1890-1948).

A significação do anti-judaísmo contemporâneo / Bourbon e Meneses. – Lisboa : Portugália, 1940. – 64, [2] p. ; 19 cm.

Afonso Augusto Falcão Cotta de Bourbon e Menezes, foi um escritor, jornalista, polemista e militante republicano, que se destacou na luta contra o Estado Novo. Trata-se de uma conferência proferida a pedido de Augusto Esaguy, destacado membro da Comunidade Israelita de Lisboa, e revela o conhecimento e o interesse do seu autor pela questão judaica.

BMSC | BSZ 260

VII. ORIENTALISMO E A TERRA SANTA.

58.

Reeland, Adrian (1676-1718).

Palaestina ex monumentis veteribus illustrata / Hadriani Relandi. – Trajecti Batavorum : ex libreria Guilielmi Broedelet, 1714. – 2 vol. (1068, [94] p.) : il., mapas desdobráveis ; 4° (20 cm).

Adriaan Reelant foi um dos precursores do Orientalismo europeu moderno e da corrente de erudição filológica, histórica e geográfica sobre o Próximo Oriente no século XVIII. Além de estudioso profícuo de línguas orientais, como o hebraico, o árabe e o persa, dedicou-se ao estudo da história das religiões, tendo publicado o primeiro trabalho europeu realizado com espírito sistemático e objectivo sobre o Islão (*De religione Mohammedica*, 1705). A presente obra, sobre a Terra Santa, dedica-se principalmente à geografia histórica. Reflecte o pensamento ocidental que estabelecia ainda o primado do paradigma bíblico como guia para a história do Próximo Oriente, mas abrindo já caminho para as correntes críticas, positivistas e modernas, da historiografia e da (futura) arqueologia Oriental.

BMSC | **BSZ 221/1**

59.

Chateaubriand, François-René de (1768-1848).

Itinéraire de Paris à Jérusalem et de Jérusalem à Paris / par Chateaubriand. – Bruxelles : [s. n.], 1843. – 3 vol. (193, [3] ; 204 ; 199) p. ; 13 cm. – (Panthéon Classique ; 73, 74, 75).

Uma das mais importantes obras do género dos relatos de viagem do século XIX, este livro foi o produto literário da viagem que François-René Chateaubriand realizou em 1806 no Mediterrâneo Oriental e na Terra Santa. Este livro, publicado em 1811, servira, na sua origem, como base documental para a sua obra *Les Martyrs* (1809). Um dos exemplos do Orientalismo novecentista, que assume o conhecimento da alteridade “exótica” e das raízes da própria religião (judaica, muçulmana e, sobretudo, cristã) na Palestina.

BMSC | **BSZ 102/1**

VIII. ROLOS (MEGILLOT).

Samuel Schwarz possuía alguns rolos (*megillot*, sing. *megillah*) com textos sagrados do Judaísmo escritos em hebraico, designadamente a *Torah* (Pentateuco) e o *Livro de Ester*. É difícil contextualizar ou datar a maior parte destes exemplares, na medida em que contêm apenas os textos em si, com poucas ou nenhuma pistas de proveniência. Porém, alguns parecem ser sobretudo recordações (*infra* nº 62 a 64), mais do que textos para uso litúrgico.

60.

Livro de Ester. Sem data.

Rolo (*megillah*) em papel(?), manuscrito.
Com apenas um eixo (*'ets hayyim*) em madeira. (s.d.)

Dimensões: 430 x 27 cm.

BMSC | BSZ 610



61.

Livro de Ester. Século XX(?)

Rolo em papel(?), manuscrito, sem quaisquer eixos. Guardado em cilindro de cartão.

Dimensões: ca. 203 x 40 cm.

BMSC | BSZ 611



62.
Livro de Ester. Século XX.

Rolo em papel, impresso, com dois eixos em madeira. Contém a referência “Made in Germany”. Com ilustrações a preto e branco.

Dimensões: ca. 105 x 20 cm.

BMSC | **BSZ 612**

63.
Torah. Século XX.

Rolo impresso em papel, com dois eixos em madeira, envolto em manto encarnado. Na caixa preta, original, lê-se:

כי לקח טוב נתתי לכם, תורתִי אל תעזבו

“Porque é boa a doutrina que vos ensino, não abandoneis os meus ensinamentos.”
(Provérbios, 4,2).

Dimensões: ca. 625 x 15 cm.

BMSC | **BSZ 613**

64.

Torah. Século XX.

Rolo impresso em papel com dois eixos de plástico, envolto em manto de veludo azul. Na caixa original, lê-se:

ספר תורה. שער דוד, ירושלים

[Sefer Torah. Sha'ar David, Yrušalaim = “Porta de David, Jerusalém”].

Dimensões: ca. 700 x 17 cm.

BMSC | **BSZ 614**

65.

Livro de Ester. Sem data.

Rolo em pergaminho, manuscrito e iluminado a três cores. Tem apenas um eixo, danificado, em marfim(?). Contido num cilindro metálico decorativo.

Dimensões: ca. 250 x 10 cm.

BMSC | **BSZ 615**



NÚCLEO 3 : A OBRA.

66.

“De la Influencia ejercida por la emigración judía de España y Portugal en el desenvolvimiento económico del Globo”. *La España Moderna*, Año 24, tomo 282 (1912), pp. 103-108.
Madrid : Editorial “La España Moderna”.

Neste artigo, Samuel Schwarz procura defender uma associação estreita entre a permanência ou exílio das comunidades judaicas nos países e cidades europeias, e o seu declínio ou florescimento, particularmente nos casos dos reinos ibéricos nas épocas Medieval e Moderna.

BMSC | **BSZ PP 2**

67.

“Inscrições Hebraicas em Portugal” [datilografado].

Original datilografado, com inúmeras correções e anotações pelo punho do autor. Destinava-se à publicação na revista *Arqueologia e História* (vol. 1, 1922).

BMSC | **BSZ 603/A**

68.

“Inscrições Hebraicas em Portugal”. Separata de *Arqueologia e História*, vol. 1 (1922). Lisboa, 1923.

Neste trabalho se publicam e estudam vários exemplos da epigrafia judaica em Portugal, entre os quais estelas funerárias e estelas comemorativas de sinagogas, como as de Tomar, Belmonte ou Lisboa.

BMSC | **BSZ 603/B**

69.

“Les Cryptojuifs Portugais au XXème siècle” [datilografado].

Este é um dos originais dactilografados, com inúmeras correções do autor, daquela que seria a versão francesa da obra de Samuel Schwarz *Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX*, apenas conseguida em 2015 (Paris : Chandeigne). Esta versão foi prefaciada por Israël Lévi, Grande Rabino de França. Encadernados neste exemplar estão também estampas da edição original portuguesa (*Arqueologia e História*, vol. 4, 1925).

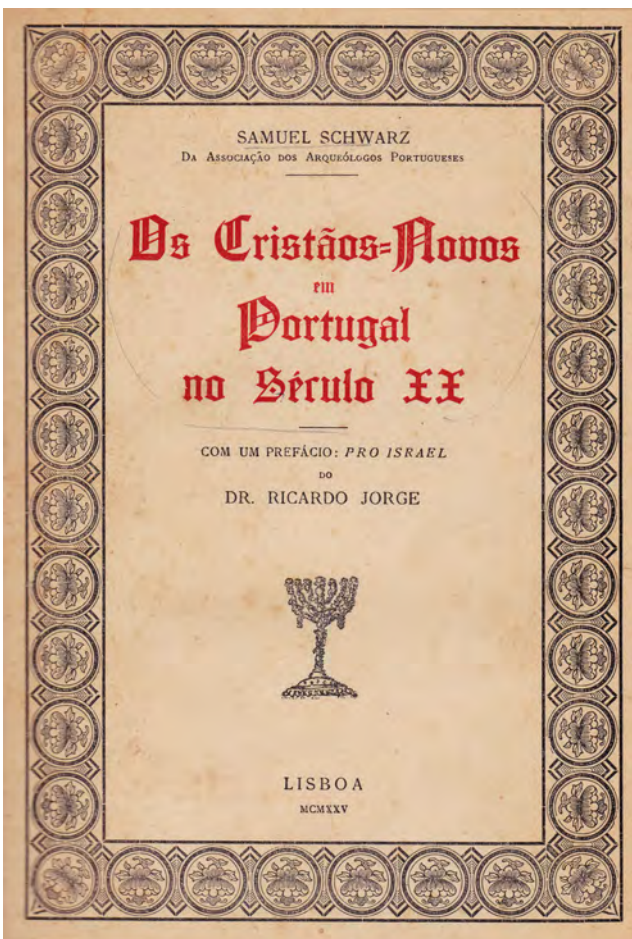
BMSC | **BSZ 34/A**

70.

“Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX”. *Arqueologia e História*, vol. 4 (1925), pp. 5-114. Lisboa : Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Este é o mais importante trabalho de Samuel Schwarz sobre os judeus e o Judaísmo em Portugal. Através dele, divulgou a sobrevivência oculta de comunidades de “marranos” ou cripto-judeus em povoações da Beira Baixa, como Belmonte ou a Covilhã. Estes, praticando a sua religião ancestral em segredo, embora se apresentassem como cristãos, transportaram através de séculos as suas tradições judaicas, incluindo preces, que Samuel Schwarz apresenta. Este trabalho foi publicado em várias versões, na Europa e nos Estados Unidos da América.

BMSC | **BSZ PP 10/4**



71.

Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX. Lisboa: s.n., 1925. Separata de *Arqueologia e História*, vol. 4 (1925).

Separata do artigo de Samuel Schwarz, publicado no mesmo ano na revista *Arqueologia e História*, com prefácio de Ricardo Jorge.

BMSC | **BSZ 604**

72.

“I Marrani del Portogallo”. *La Rassegna Mensile de Israel*, vol. 1, n° 2 (1925), pp. 5-114. Firenze.

Continuado no vol. 1, n° 3 (1925), pp. 155-168, e no vol. 1, n°s 4-5 (1926), pp. 199-2016.

Versão abreviada, em italiano, da obra de Samuel Schwarz, *Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX*. Distribuiu-se ao longo de 4 números do vol. 1 desta revista judaica sediada em Florença.

BMSC | **BSZ PP 3/1/1-5**

73.

“The Crypto-Jews in Portugal”. *The Menorah Journal*, Parte 1: vol. 12, n° 2 (1926), pp. 138-149 ; Parte 2 : vol. 12, n° 3 (1926), pp. 283-297. New York : The Intercollegiate Menorah Association.

Versão em inglês, resumida, da obra de Samuel Schwarz *Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX*, dividida em dois números do volume XII desta revista americana dedicada à cultura judaica.

BMSC | **BSZ PP 5/12/2-3**

74.

Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX. Reprodução exacta da edição original datada de 1925. Introd. Moisés Espírito Santo. Lisboa: Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões, 1993.

Reedição, em fac-símile, da obra de Samuel Schwarz. Inclui um prefácio de António Valdemar e um estudo introdutório de Moisés Espírito Santo.

BMSC | **R 627/A-C**

75.

הנוצרים החדשים בפורטוגל במאה העשרים = *The New-Christians in Portugal in the 20th Century*. Translated, introduced and annotated by Claude B. Stuczynski ; editor Ruth Toeg. Jerusalem : The Dinur Center for Research in Jewish History; The Zalman Shazar Center for Jewish History, 2005.

Tradução hebraica da obra de Samuel Schwarz *Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX*.

BMSC | **R 627/D**

76.

Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX (Col. Judaica). Lisboa : Cotovia, 2010.

Esta é a mais recente edição, em língua portuguesa, da obra de Samuel Schwarz. Inclui o prefácio de Ricardo Jorge, conforme a separata de 1925 da revista *Arqueologia e História*.

BMSC | **R 627/E**

77.

La découverte des marranes: les crypto-juifs au Portugal (préface de Nathan Wachtel; introduction & notes de Livia Parnes; trad. des prières et des procès inquisitoriaux par Florence Lévi, Anne-Marie Quint & Bernard Tissier). Paris : Chandeigne, 2015.

Esta é a edição mais recente da obra de Samuel Schwarz, *Os Cristãos-Novos em Portugal no Século XX*, que publica a versão original, em francês, dactilografada pelo autor, com o prefácio original de Israël Lévi, então Grande Rabino de França. Contém um novo prefácio por Nathan Wachtel e um estudo introdutório de Livia Parnes.

27

Depois de termos refutado a lenda da alegoria religiosa do Cântico, resta-nos refutar também esta outra lenda, imaginada pelos anti-alegarietas, que, como Renan, vêem no Cântico um drama cênico, com os respectivos personagens, actos, côros e até bailados, próprios de um espectáculo moderno.

Dizidamos que a peça: O Cântico dos Cânticos do Coelho de Cavallos tivesse sido levada ao palco, porém, em França, a peça de Bonnefon, que já citamos, foi apresentada em Paris em 1905.

B.- DRAMA.

Dizidamos por completo da classificação teatral dramática do Cântico, tanto mais que os antigos hebreus desconheciam a arte dramática. A primeira aparição de teatro na Palestina data do reinado de Herodes, no principio da era cristã, ^{e.g. 1. 300} ~~era~~ devida provavelmente, à influencia dos invasores romanos.

É possível, ~~que~~ no entanto, que o Cântico ~~represente~~ servisse de epitalâmio, para ser recitado ou cantado nas festas matrimoniais.

BMSC | R 1301/A-B

78.

“Cântico dos Cânticos” [manuscrito].

Original manuscrito da tradução de Samuel Schwarz do livro bíblico *Cântico dos Cânticos*, obra que viria a ser publicada em 1942, com a colaboração do pintor e ilustrador João Carlos Celestino Gomes.

BMSC | BSZ 99/A

79.

Com João Carlos Celestino Gomes (1899-1960), il.



CÂNTICO DOS CÂNTICOS
CONFORME O ORIGINAL HEBRAICO

Cântico dos Cânticos atribuído ao rei Salomão. Pref. e versão do original por Samuel Schwarz ; ilustrações e nota final de João Carlos. Lisboa : s.n., 1942.

Tradução portuguesa, por Samuel Schwarz, do *Cântico dos Cânticos*, um dos livros da Bíblia hebraica. Contém uma introdução do tradutor e diversas ilustrações de João Carlos Celestino Gomes (conhecido apenas como João Carlos), médico, escritor e pintor modernista.

BMSC | **BSZ 99/A**

80.

Cântico dos Cânticos : Versão Portuguesa do original Hebraico e introdução de Samuel Schwarz. Rio de Janeiro: Companhia Impressora e Editora Paulista, 1946.

Edição brasileira da tradução de Samuel Schwarz do livro bíblico Cântico dos Cânticos. Às ilustrações de João Carlos Celestino Gomes, soma-se ainda o trabalho de Saul Raskin, artista judeu americano de origem russa.

BMSC | **BSZ 107/C**

81.

“Arqueologia mineira: extracto de um relatório acerca de pesquisas de ouro, apresentado em Março de 1936 pela Empresa Mineira-Metalúrgica, Limitada”. Separata do *Boletim de Minas* (1933). Lisboa : Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1936.

Este pequeno trabalho fez parte de um relatório de prospecção geológica de ouro na região de Idanha-a-Nova, baseando-se nos vestígios da exploração aurífera romana.

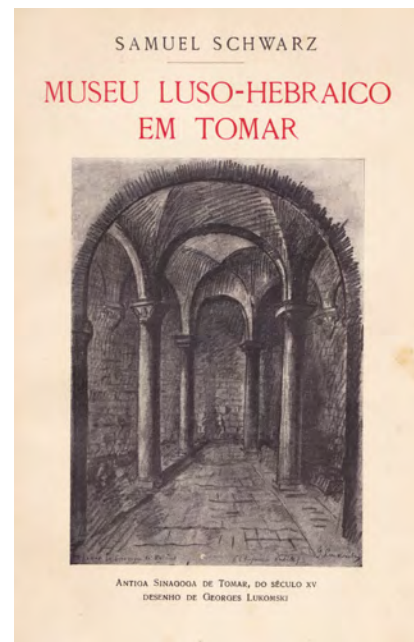
BMSC | **BSZ 591**

82.

Projecto de Organização de um Museu Luso-Hebraico na Antiga Sinagoga de Tomar. Lisboa : s.n., 1939.

Neste livro, que sucede à doação que fez do edifício da antiga sinagoga de Tomar ao Estado português (1939), Samuel Schwarz apresenta um projeto para a fundação, no local, de um Museu Luso-Hebraico com a função, abrangente, de preservar a história dos Judeus em Portugal e “das principais comunidades judaico-portuguesas no estrangeiro”.

BMSC | **BSZ 607**



83.

Com Leon Litwinski (1887-1969).

Anti-semitismo: conferências realizadas em 27 de Junho de 1944 sob os auspícios da Associação dos Cidadãos Polacos em Lisboa. Lisboa : s.n., 1944.

Aqui estão publicadas duas comunicações sobre o anti-semitismo e as suas origens, incluindo reflexões acerca da propaganda nacional-socialista. A primeira foi apresentada por Leon Litwinski, antigo embaixador polaco na Bélgica, refugiado em Portugal entre 1941 e 1946; a segunda, pelo próprio Samuel Schwarz.

BMSC | **BSZ 375/A**

84.

Com João Carlos Celestino Gomes (1899-1960), il.

“O Sionismo no reinado de D. João III”. *Ver e Crer* 11 (1946), pp. 101-115.

Neste artigo, Samuel Schwarz apresenta a figura de David Reubeni, pretendo embaixador de um reino judaico da Península Arábica. Conhecido como David Judeu, este apresentara ao papa Clemente VII, e depois a D. João III, um plano de refundação do reino de Judá na Palestina, para o qual pedia ajuda militar. Este projecto “pré-sionista”, visando restaurar a “Terra de Israel”, pretendia também conter a ameaça turca que, no século XVI, pesava cada vez mais sobre a Europa.

BMSC | Doação Mário Sottomayor Cardia: **BSC PP 126**

85.

“História da moderna Comunidade Israelita de Lisboa”[datilografado].

Original datilografado, datado de 1952, com anotações e correções do autor, do trabalho que se destinava a publicação na revista *O Instituto* (Coimbra, 1957-1958).

BMSC | **BSZ 602**

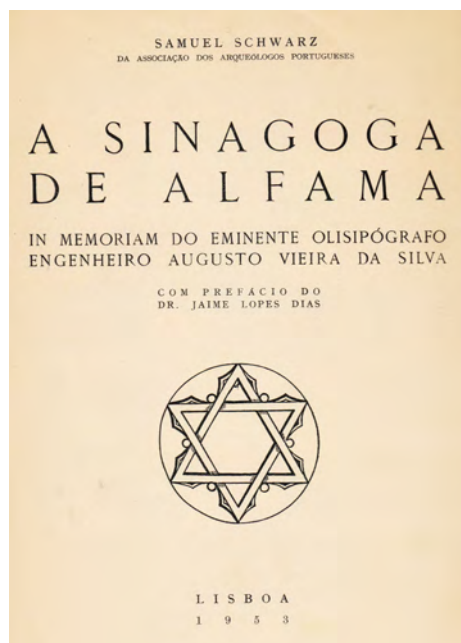
86.

“História da moderna Comunidade Israelita de Lisboa”. *O Instituto: revista científica e literária*, vol. 119 (1957), pp. 161-201. Coimbra : Instituto de Coimbra.

Continuado no vol. 120 (1958), pp. 140-200.

Neste trabalho publicado postumamente, Samuel Schwarz pretendeu contribuir para o estudo da história da comunidade judaica de Lisboa, tal como se foi formando a partir do início do século XIX. O autor não esquece, contudo, os seus antecedentes, fornecendo uma perspectiva geral da presença dos judeus em Portugal, antes e depois da conversão forçada por ordem de D. Manuel I em 1496.

BMSC | Doação Mário Sottomayor Cardia: **BSC PP 68**



87.

A Sinagoga de Alfama: In memoriam do eminente olisipógrafo Engenheiro Augusto Vieira da Silva (pref. Jaime Lopes Dias). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1953. Separata da *Revista Municipal*, ano XIV, nº 56, 1º trimestre de 1953).

Nesta pequena obra, Samuel Schwarz dá conta da descoberta da antiga sinagoga de Alfama, por si próprio e por Augusto Vieira da Silva, olisipógrafo e estudioso das judiarias lisboetas, a quem dedica o trabalho. Através de documentos conservados na Torre do Tombo e de uma visita de estudo feita por ambos, o antigo edifício desta sinagoga foi localizado, no antigo Beco das Barrelas.

BMSC | **BSZ 606**

B I B L I O G R A F I A

Alves, Herculano. *A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida*. Lisboa : Sociedade Bíblica, 2006.

Amzalak, Moses Bensabat. *Portuguese Hebrew Grammars and Grammarians. Paper presented at the XVIIth Meeting of the International Congress of Orientalists at Oxford in August 1928*. Lisbon : [s.n.], 1928.

Bethencourt, Cardoso de. "The Jews in Portugal from 1773 to 1902". *Jewish Quarterly Review* XV (June 1903), p. 251-274.

Bloch, Marc. *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien*, [1949]. Paris : Armand Colin, 1997.

Brenner, Frédéric et Yerushalmi, Yosef Hayim. *Marranes*. Paris : La Différence, 1992.

Canelo, David Augusto. *O Resgate dos Marranos Portugueses*. Belmonte : edição do autor, 1996.

Denman, Hugh. *Die Darstellung und Rolle der Großstadt Łódź in der modernen jüdischen Literatur* (forthcoming).

Garcia, Maria Antonieta. *Os Judeus de Belmonte: os caminhos da memória*. Lisboa : Instituto de Etnologia e Sociologia das Religiões, Universidade Nova de Lisboa, 1993

———. "O Renascimento do Judaísmo na Beira". *Revista de Estudos Judaicos* 7 (setembro 2004), p. 44-49.

Kayslering, Meyer. *Biblioteca Española-Portuguesa-Judaica: dictionnaire bibliographique des auteurs juifs, de leurs ouvrages espagnols et portugais et des oeuvres sur et contre les Juifs et le Judaïsme*. Strasbourg : Charles J. Trubner, 1890.

Lenclud, Gérard. "Quand voir c'est reconnaître, les récits de voyage et le regard anthropologique". *Enquête* 1995, p. 113-129.

Maeso, David Gonzalo. *Manual de história de la literatura Hebrea : bíblica-rabinica-neojudaica*. Madrid : Gredos, 1960.

Marcus, Jacob Rader. "Jewish Books and their Printers, 1531-1719" in *The Jews in Christian Europe: a Source Book, 315-1791*. Jacob Rader Marcus, ed. Marc Saperstein. Cincinnati : Hebrew Union College Press, University of Pittsburgh Press, 2015, p. 584-593.

Medina, João. "O Projecto de colonização judaica em Angola, o debate em Portugal da proposta da ITO (Organização Territorial Judaica) 1912-1913". *Clio : Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa* 6 (1987-8), p. 79-139.

Minz, Binyamin. "תוצ"ב-תרצ"ג : מסע בעקבות האנוסים (Mas'a be'ikvot ha'anusim = "Viagem na pista dos marranos 5692-5693 [1931-1932]"). Jerusalem, 1996 (em hebraico).

Mucznik, Esther. "A memória ingrata". *Revista de Estudos Judaicos* 7 (setembro 2004), p. 50-53.

Mucznik, Lúcia Liba. *Judaica nas Coleções da Biblioteca Nacional de Portugal, séculos XIII a XVIII* (Catálogos). Lisboa : Biblioteca Nacional de Portugal, 2014.

Mucznik, Lúcia Liba ; Tavim, José Alberto Rodrigues da Silva ; Mucznik, Esther e Mea, Elvira de Azevedo (coords.), *Dicionário do judaísmo português*. Lisboa : Presença, 2009.

Révah, Israel Salvator, *Des marranes à Spinoza*. Textes réunis par Henry Méchoulan, Pierre-François Moreau, Carsten Lorenz Wilke. Paris : Vrin, 1995.

Manuel Augusto Rodrigues. “Nicolau Clenardo hebraísta”. *Humanitas*, Vol. 33-34 (1981-1982), p. 49-80.

Roth, Cecil, *History of the Marranos* [1932]. New York : Sepher-Hermon Press, 1974.

———. “The Religion of the Marranos”. *Jewish Quarterly Review* XXII (1931), p. 1-35.

Rummel, Erika (ed.) *Biblical Humanism and Scholasticism in the Age of Erasmus* (Brill’s Companions to the Christian Tradition; 9). Leiden; Boston : Brill, 2008.

Silva, João Schwarz da. < <http://www.desgensinteressants.org/> >

Slouschz, Nahum. **האנוסים בפורטוגל** (Ha’anusim bePortugal = “Os marranos em Portugal”) Telavive : Dvir, 1932 (em hebraico).

Schulte, Jörg. “Nahum Slouschz (1871-1966) and his contribution to the Hebrew Renaissance” in *The Russian Jewish Diaspora and European Culture, 1917-1937*. Jörg Schulte, Olga Tabachnikova, Peter Wagstaff (eds.) Leiden; Boston : Brill, 2012, p. 109-125.

Schwarz, Samuel. “My Father Isuchar Moshe Szwarc (Schwartz)”, traduzido do iídiche e do hebraico por Emanuel Frankel e Doubi Szwarc in *Memorial Book Zgierz (Poland)*, Jerrold Landau (ed), 2007, p. 392-402.

< <http://www.jewishgen.org/yizkor/zgierz/zgi392.html> >

Stuczynski, Claude B. “Digging Portugal’s Jewish Past: Samuel Schwarz (1880-1953)”, *First International Conference Jewish Heritage Science-Culture-Knowledge*, 18-20 November 2012, Tomar.

Szwarc, Marek. *Mémoires entre deux mondes, racontés à sa femme Eugenia Markova et traduites du polonais par Suzanne Brucker*. Paris : Ressouvenances, 2010.

Tavares, António Augusto. “Edição poliglota dos Salmos (Génova, 1516) em Portugal” in *Colóquio sobre o livro antigo, Lisboa, 23-25 de Maio de 1988 : V Centenário do Livro Impresso em Portugal, 1487-1987 : actas*. Lisboa : Biblioteca Nacional, 1992, p. 253-263.

Wachtel, Nathan. *Des archives aux terrains. Essais d’anthropologie historique*. Paris : EHESS, Gallimard, Seuil, 2014.

———. *Mémoires marranes*. Paris : Seuil, 2011.

Wilke, L. Carsten. *Histoire des juifs portugais*. Paris : Chandeigne, 2007.

Yerushalmi, Yosef Hayim. *Sefardica. Essais sur l’histoire des juifs, des marranes et des nouveaux-chrétiens d’origine hispano-portugaise*. Paris: Chandeigne, 1998.

Zanardo, Andrea. “Il criptogiudaismo portoghese contemporaneo: un’ipotesi antropologica”. *Materia giudaica. Periodico dell’Associazione Italiana per lo Studio del Giudaismo* IV (1998), p. 54-60.